

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA PRÓ-
REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS

GUILHERME DE SOUZA SILVA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO RACISMO ESTRUTURAL:
REFLEXÕES ACERCA DE GESTORES NEGROS NOS CLUBES
DE FUTEBOL BRASILEIRO DA SÉRIE A MASCULINO DE 2024

PONTA GROSSA
2025

GUILHERME DE SOUZA SILVA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO RACISMO ESTRUTURAL:
REFLEXÕES ACERCA DE GESTORES NEGROS NOS CLUBES
DE FUTEBOL BRASILEIRO DA SÉRIE A MASCULINO DE 2024

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, Área de concentração: Cidadania e Políticas Públicas.
Linha de Pesquisa: História, Cultura e Cidadania.

Orientador: Professor Dr. Alfredo César Antunes

PONTA GROSSA
2025

S586

Silva, Guilherme de Souza

Representações sociais do racismo estrutural: reflexões acerca de gestores negros nos clubes de futebol brasileiro da série A masculino de 2024 / Guilherme de Souza Silva. Ponta Grossa, 2025.

108 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas - Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo César Antunes.

Coorientador: Prof. Dr. Constantino Ribeiro Oliveira Junior.

1. Racismo estrutural. 2. Futebol. 3. Gestão. 4. Campos. 5. Representações sociais. I. Antunes, Alfredo César. II. Oliveira Junior, Constantino Ribeiro. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cidadania e Políticas Públicas. IV.T.

CDD: 304

TERMO DE APROVAÇÃO

GUILHERME DE SOUZA SILVA

"Representações sociais do racismo estrutural: reflexões acerca de gestores negros nos clubes de futebol brasileiro da série A masculino de 2024"

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 28 de março de 2025.

Assinatura pelos membros da Banca

Documento assinado digitalmente
 **ALFREDO CESAR ANTUNES**
Data: 03/04/2025 18:33:52-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Alfredo Cesar Antunes - UEPG-PR - Presidente

Documento assinado digitalmente
 **ADRIANA INES DE PAULA**
Data: 04/04/2025 09:57:24-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Adriana Inês de Paula - UFPR-PR – Membro Externo

Documento assinado digitalmente
 **MIGUEL ARCHANJO DE FREITAS JUNIOR**
Data: 05/04/2025 09:39:17-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior - UEPG-PR – Membro Interno

Prof. Dr. Erivelton Fontana de Laat - UNICENTRO-PR – Suplente Externo

Prof. Dr. Gonçalo Cassins Moreira do Carmo – UEPG-PR – Suplente Interno

Dedico essa dissertação aos meus pais e àqueles que não tem voz para expressar as discriminações sofridas do dia dia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, minhas irmãs. Minha mãe que desde cedo se sacrificou por mim e sempre me disse “estude para ser alguém na vida”. Tudo que eu faço é por ela. E meu pai que sempre quis o melhor pra mim.

Agradeço ao Professor Dr. Alfredo Cesar Antunes, pela chance como seu orientando e por toda paciência com minhas dificuldades.

Agradeço aos membros da banca Professora Dra Adriana Inês de Paula e ao Professor Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior, por aceitarem contribuir com a dissertação e nortear o trabalho para uma pesquisa mais concisa e científica.

Agradeço ao Colégio Sagrada Família, na figura da Irmã Edites Bet, Direção geral do colégio que me deu uma oportunidade e foi flexível com os horários para participar das aulas e cumprir os créditos

Agradeço ao Professor Rodrigo, coordenador, mas principalmente amigo que sempre me ajudou, partilha das minhas cruzes e mesmo assim sempre cobra o crescimento.

Agradeço ao Professor Rafael e Sebastião, amigos de trabalho que ajudaram com meus horários e tarefas.

Agradeço às professoras da Faculdade Sagrada Família, que desde a primeira graduação sempre me cobraram um mestrado e a continuar meus estudos. Professora Ms. Aila Bolzan, Professora Dra. Silvia Rodrigues, Professora Dra. Luciana Kubaski, Professora Dra. Ana Aparecida Alves e Ms. Professor Marcelo Puzio.

Agradeço a todos os professores do PPGCSA - Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, pelas aulas.

Agradeço aos meus amigos pela paciência nos dias de mau humor e à Professora Lucélia Smaha, amiga e a pessoa que mais me cobrou em fazer a inscrição para o mestrado.

Ao Núcleo de Esportes e Lazer, Professor Dr. Constantino pelas aulas, pelos conhecimentos compartilhados e as ideias provenientes deste grupo.

**“Ver pobre preso ou morto já é cultural”
Negro Drama - Racionais, MC.**

RESUMO

Diante do cenário de racismo presente no Brasil e as desigualdades raciais que ainda persistem em assolar o país, a referida temática tem sido pesquisada e estudada nos últimos anos por autores como González (1983; 1984), Almeida (2018) e Gomes (2005), que vêm apresentando reflexões sobre o conceito de Racismo Estrutural. Segundo esse conceito, o racismo se torna um fenômeno estrutural porque atravessa as instituições. Portanto, o problema definido para a presente pesquisa é: a partir do conceito de Racismo Estrutural, é possível perceber manifestações do fenômeno do racismo no campo da gestão dos clubes de futebol, no Brasil? Diante disso, o objetivo central desta pesquisa é: identificar como o racismo estrutural se manifesta no campo da gestão dos clubes de futebol no Brasil, centrando na figura do presidente dos clubes. Para responder a essa pergunta e atender ao objetivo definido, definiu-se como metodologia uma abordagem qualitativa com base nos autores Prodanov & Freitas (2013), Campenhoudt (1998), e Bardin (2016), para análise de conteúdo. A revisão bibliográfica sobre Racismo Estrutural e a fundamentação teórica ocorreram através das obras de autores González (1983; 1984), Almeida (2018) e Gomes (2005), além da revisão de literatura com base em artigos, teses e dissertações pertinentes nas bases Google Scholar, Scielo e Plataforma de Periódicos da Capes, utilizando determinantes correspondentes à pesquisa. Para mais, observado que o fenômeno do Racismo Estrutural é um fenômeno multifacetado, utilizou-se da obra de Serge Moscovici (2007), para perceber as influências das Representações Sociais no racismo. A obra de Pierre Bourdieu e sua teoria sobre *Campo e Capitais* (1983; 1989; 2003; 2004; 2011; 2014), também foi utilizada para demonstrar que o presente objeto e problema é produto não só de um fator. O futebol pode ser concebido como reflexo da sociedade em que está inserido. Nessa pesquisa, a premissa do futebol como espelho social pode ser constatada, não só pela presença de casos explícitos de racismo de torcedor contra jogador, de jogador contra jogador e também da imprensa contra os jogadores. Mas também o reflexo do racismo estrutural ao perceber a desigualdade racial encontrada na gestão dos clubes, algo também existente na sociedade na qual o futebol brasileiro está inserido. Através da pesquisa foi possível perceber manifestações do Racismo Estrutural também no campo da gestão dos clubes de futebol, pela ausência de pessoas negras ocupando os cargos de presidente dos clubes de futebol. Logo, a teoria de Bourdieu demonstrou a relevância dos capitais como pré-requisitos informais para ocupar este posto. A Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, demonstrou a influência das representações sociais no processo de formação de opinião, comportamentos e atitudes que podem ser baseados em representações sociais racistas.

Palavras-chave: Racismo Estrutural, futebol, gestão, campos, representações sociais

ABSTRACT

Given the landscape of racism present in Brazil and the racial inequalities that persist in plaguing the country, this theme has been researched and studied in recent years by authors such as González (1983; 1984), Almeida (2018), and Gomes (2005), who have presented reflections on the concept of Structural Racism. According to this concept, racism becomes a structural phenomenon because it permeates institutions. 1 Therefore, the problem defined for the present research is: based on the concept of Structural Racism, is it possible to perceive manifestations of the phenomenon of racism in the field of football club management in Brazil? In light of this, the central objective of this research is: to identify how structural racism manifests itself in the field of football club management in Brazil, focusing on the figure of club presidents. To answer this question and meet the defined objective, a qualitative approach was established as the methodology, based on the authors Prodanov & Freitas (2013), Campenhoudt (1998), and Bardin (2016) for content analysis. The bibliographic review on Structural Racism and the theoretical foundation were based on the works of authors González (1983; 1984), Almeida (2018), and Gomes (2005), as well as a literature review based on relevant articles, theses, and dissertations from the Google Scholar, Scielo, and CAPES Journals Platform databases, using determinants corresponding to the research. Furthermore, observing that the phenomenon of Structural Racism is multifaceted, the work of Serge Moscovici (2007) was used to understand the influences of Social Representations on racism. The work of Pierre Bourdieu and his theory on Field and Capitals (1983; 1989; 2003; 2004; 2011; 2014) were also used to demonstrate that the present object and problem are products of more than one factor. Football can be conceived as a reflection of the society in which it is embedded. In this research, the premise of football as a social mirror can be verified, not only by the presence of explicit cases of racism from fans against players, from players against players, and also from the press against players, but also the reflection of structural racism by perceiving the racial inequality found in the management of clubs, something also existing in the society in which Brazilian football is inserted. Through the research, it was possible to perceive manifestations of Structural Racism also in the field of football club management, evidenced by the absence of black people occupying the positions of football club presidents. Bourdieu's theory demonstrated the relevance of capitals as informal prerequisites for occupying this position. Serge Moscovici's Theory of Social Representations demonstrated the influence of social representations in the process of forming opinions, behaviors, and attitudes that can be based on racist social representations.

Keywords: Structural Racism, football, management, fields, social representations.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estado do Conhecimento 1.....	23
Quadro 2 - Estado do Conhecimento 2.....	29
Quadro 3 - Série D 2024 32 clubes.....	77
Quadro 4 - Série C 2024 - 20 clubes.....	79
Quadro 5 - Série B 2024 - 20 clubes.....	80
Quadro 6 - Série A 2024 - 20 clubes.....	79
Quadro 7 - Presidentes dos clubes de 2003-2024.....	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 METODOLOGIA.....	17
2.1 ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE RACISMO, GESTÃO E FUTEBOL.....	22
2.2 COM OS DETERMINANTES “RACISMO AND FUTEBOL”	22
2.3 COM OS DETERMINANTES “GESTÃO AND FUTEBOL”	28
3 OS CLUBES, OS PRESIDENTES E A TEORIA DO CAMPOS, DE PIERRE BOURDIEU	33
3.1 A TEORIA DOS CAMPOS, DE PIERRE BOURDIEU.....	34
3.2 O CAMPO DA GESTÃO DOS CLUBES E OS PRESIDENTES NA PERSPECTIVA BOURDIEUSIANA.....	36
3.3 HABITUS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	42
4 HISTÓRICO DA PRESENÇA DA POPULAÇÃO NEGRA NO FUTEBOL.....	46
5 RACISMO ESTRUTURAL.....	48
5.1 RACISMO E ECONOMIA.....	53
5.2 RACISMO E POLÍTICA.....	55
5.3 RACISMO E CULTURA.....	57
6. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E RACISMO.....	61
6.1 SOBRE ANCORAGEM E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	68
6.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A REPRESENTAÇÃO DO ATLETA NEGRO NA MÍDIA.....	71
7 O NÚMERO DE PESSOAS NEGRAS COMO PRESIDENTES DOS CLUBES DE FUTEBOL BRASILEIRO.....	75
7.1 DADOS SOBRE OS CLUBES E PRESIDENTES.....	75
7.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	81
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	99

1 INTRODUÇÃO

Os quase 4 séculos de regime escravista deixaram sequelas sociais marcantes no mundo todo, a desigualdade socioeconômica entre a população negra e a branca continua expressiva, sendo perceptível também na divisão racial do trabalho. Após o fim do regime escravista, não houve qualquer política pública de integração da população negra ao novo modelo de mercado de trabalho, pelo contrário, os governos da época criaram programas de migração, priorizando a chegada de estrangeiros para ocupar os postos de trabalho (Fernandes, 2008).

Em face disso, a população negra ficou à margem da sociedade sem qualquer tipo de renda e por isso se sujeitando aos piores postos de trabalho como forma de subsistência. Esse cenário tem reflexos até hoje, visto que a sociedade naturalizou a presença dela em apenas determinados postos de trabalho, como se não tivesse aptidão ou capacidade de ocupar cargos de chefia. Desse modo, tornou-se comum a população negra ocupar apenas posições de subalternidade (Gonzalez, 1984).

É nesse cenário que se concebe o racismo, sendo um fenômeno que atravessa a sociedade em diferentes setores, diferentes instituições (sejam públicas ou privadas), diferentes instâncias e nas relações do cotidiano social, mas, principalmente, ocorre de diferentes formas e facetas, mesmo se tratando do mesmo fenômeno.

A partir da teoria sobre racismo estrutural, procura-se perceber se assim como em outras instituições, o fenômeno do racismo também atravessa os clubes de futebol, tendo como foco a possível carência de pessoas negras ocupando cargos de presidência dos clubes delimitados.

Com as contribuições de González (1983; 1984), Almeida (2018) e Gomes (2005), é concebido o conceito de racismo estrutural como conjunto sistêmico de ações, atitudes, comportamentos, falas, desigualdade social e econômica entre as diferentes raças, além de outros fatores do cotidiano social que contribuem para a manutenção da desigualdade racial existente no Brasil. A questão é vista como estrutural porque as instituições adotam características implícitas racistas, já que a sociedade é estruturada racialmente, e isso lhes permite adotar tais características racistas sem qualquer questionamento. Bem como, a sociedade se mantém racista porque está apoiada nestas mesmas instituições que são racistas.

Para González (1984), o racismo se estrutura através de um poder atrelado à naturalização da opressão e hierarquização que coloca a pessoa negra em uma posição de subalternidade. Essa situação se torna violenta e discriminatória porque cria um estigma sobre a população negra que a concebe como um indivíduo “improdutivo e de capacidade intelectual baixa”, isso contribui para a naturalização desse cenário de subalternidade da população negra.

Ademais como aporte teórico, usa-se a perspectiva da Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici e, a partir da compreensão dessa teoria, entender as relações entre as Representações Sociais e Racismo Estrutural. Para Moscovici uma representação é “Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo (...)” (Moscovici, 2007. p. 21). Desta forma, uma Representação Social (RS) pode ser uma atitude favorável ou não sobre um determinado objeto. Assim, uma possível ideia de uma determinada cultura, por exemplo, irá orientar as atitudes, práticas, comportamentos e pré-conceitos com relação àquela comunidade.

Portanto, as representações sociais podem interferir no desenvolvimento de ideias que um indivíduo pode ter sobre um objeto, grupo ou pessoa. Se tais representações que foram impostas sobre o indivíduo e influenciam no desenvolvimento de determinados preconceitos nele, essas representações podem também ser responsáveis por desenvolver no indivíduo preconceitos racistas ou discriminatórios, bem como conceber a possibilidade de determinados indivíduos ou populações em ocupar determinados cargos. No caso, ocupar cargos de presidente de clubes de futebol da Série A do campeonato brasileiro.

As contribuições de Bourdieu, os conceitos de *Campo* e os diferentes *Capitais* também serão utilizadas como pressupostos teóricos na análise do campo da gestão dos clubes de futebol e na análise do perfil dos presidentes dos clubes de futebol delimitados. Para o autor, os *campos* são microcosmos dotados de regras próprias de funcionamento cujos agentes presentes nesse espaço têm maior poder de influência sobre os demais agentes, conforme o tamanho do seu capital. Nessa perspectiva, o microcosmo em questão, será o campo da gestão dos clubes de futebol. Além disso, outros conceitos da teoria do autor serão usados nas reflexões propostas sobre o objeto de estudo.

O presente trabalho parte da pergunta: a partir do conceito de Racismo

Estrutural, é possível perceber manifestações do fenômeno do racismo no campo da gestão dos clubes de futebol no Brasil? Diante disso, o objetivo central desta pesquisa é: identificar como o racismo estrutural se manifesta no campo da gestão dos clubes de futebol no Brasil, centrando na figura do presidente dos clubes.

Os objetivos específicos ficam por conta de, refletir sobre representações sociais e como elas podem interferir nas formas de racismo; contextualizar historicamente a inserção da população negra no mundo do futebol; realizar a relação entre os conceitos de *capital* e *campos* com o presente objeto de estudo, apresentando dados sobre a presença de pessoas negras ocupando cargos de presidentes dos clubes delimitados

As perguntas que nortearão o presente trabalho, além do próprio problema central destacado na pesquisa, são as seguintes:

- a) A partir de 2003, o futebol brasileiro passou por uma ruptura adotando o mesmo modelo de campeonato europeu. A principal competição de clubes do futebol nacional que reúne os vistos como os mais destacados clubes do país, passou a ser disputada em forma de pontos corridos, tendo primeira, segunda, terceira e quarta divisões desse campeonato. Teoricamente, a primeira divisão seria a elite do futebol nacional. Desse modo, a primeira divisão se torna a divisão com maior capital financeiro, levando em consideração as maiores cotas de TV e patrocínios, tornando-se um espaço mais restrito o que torna mais difícil a presença de minorias em um espaço tão elitizado. Nessa considerada elite do futebol nacional, há quantas pessoas negras ocupando o cargo de presidentes?
- b) A partir da perspectiva da Teoria das Representações Sociais que percebe como as representações sociais são influentes no processo de formação de opinião do indivíduo, é possível estabelecer relações entre essa teoria e o cenário de racismo existente no Brasil?
- c) Diante do referencial teórico apresentado sobre racismo estrutural é possível perceber como esse fenômeno se manifesta no campo da gestão dos clubes de futebol?

Em termos didáticos, optou-se em organizar o texto da seguinte forma, a primeira parte da dissertação é composta pelo estudo dos pressupostos teóricos de Bourdieu e a relação destes conceitos com o objeto de estudo desta pesquisa. Com

base nos conceitos de *Campo* e *Capitais*, analisar sobre as características do campo da gestão dos clubes de futebol e o perfil dos presidentes.

A segunda parte é sustentada nos conceitos sobre *Racismo Estrutural*, a partir dos autores Gonzalez (1984), Gomes (2005) e Almeida (2018), além de pesquisas científicas como artigos, teses e dissertações para fundamentação teórica e realizar as relações entre o cenário de desigualdade racial no Brasil e o de presidentes dos clubes de futebol.

Na sequência, é apresentado o conceito de *Representações Sociais*, com base na Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2007). E a partir da conceituação, perceber as influências que as representações sociais podem ter sobre o cenário de racismo percebido no Brasil.

A seguir, nesta dissertação, são apresentados os dados acerca dos presidentes, perfil profissional e raça.

Como metodologia, a escolha para compor esta presente pesquisa foi a qualitativa, a partir da conceituação de Prodanov & Freitas (2013) e Campenhoudt (1998). Portanto, adota-se como aporte teórico a exploração bibliográfica para fundamentar as relações entre Racismo Estrutural, Campo, Capitais e Representações sociais. Para a análise de conteúdo, foram selecionadas contribuições e etapas definidas por Bardin (2016).

Quanto à justificativa para a presente pesquisa, sobre a contribuição para a área acadêmica, apresenta-se na análise dos presidentes, a partir de uma perspectiva racial. Através do Estado do Conhecimento apresentado durante o texto, percebe-se que as pesquisas sobre racismo e futebol se encontram na análise dos casos explícitos de racismo e não no racismo estrutural, como será abordado neste texto. Ademais, nas pesquisas sobre gestão e futebol, foram encontradas categorias de estudo frequentes, mas não as que serão abordadas neste trabalho.

É um fato que o Brasil é um país marcado por desigualdade racial e, através da leitura de pesquisas sobre racismo e futebol, como a feita por OLIVEIRA (2020), esta dissertação contribui para futuros trabalhos e olhares científicos, ampliando a reflexão sobre o tema, com o recorte para ex-presidentes dos clubes, bem como quão dificultosa foi a inserção da população negra nesse esporte, por seu caráter elitizado. O campo da gestão dos clubes de futebol também era um espaço frequentado apenas pela elite (Burlamaqui, 2021), portanto justifica-se essa pesquisa, a partir dessa problemática de analisar se, nos dias atuais, o campo da gestão dos clubes de futebol

continua sendo um espaço restrito frequentado apenas por um perfil específico.

A escolha pessoal pelo presente objeto de estudo, retira-se da experiência acadêmica do autor que teve seus TCC's também relacionados ao estudo do racismo e, portanto, além de ser uma área de relativa importância social, é uma familiar para o autor do texto.

A análise, a partir da perspectiva da teoria representações sociais, busca vislumbrar novas características, além daquelas que já são elencadas como causas para a manutenção do racismo estrutural e conseqüentemente, novas possibilidades de discussões, estudos e caminhos que superem a manutenção deste fenômeno.

2 METODOLOGIA

Diante dos objetivos e do fio condutor deste texto, optou-se pelo desenvolvimento de uma pesquisa de natureza qualitativa. Segundo Prodanov & Freitas (2013, p. 51), a pesquisa deste tipo tem o objetivo de “gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses locais”. Diante do cenário relativo à desigualdade racial presente no Brasil, infere-se a necessidade de pesquisar e refletir novas formas e metodologias sobre as relações étnico raciais com objetivo de envolver novos conhecimentos.

Uma das contribuições dessa pesquisa, o “novo” como os autores ilustram, é a percepção ou não do racismo estrutural também na presidência dos clubes de futebol. Conforme a reflexão de Almeida (2018), o racismo estrutural está presente e é perceptível em diferentes instituições sociais através de elementos como, a ausência de pessoas negras ocupando cargos de gestão, desigualdade de renda, política, cultural, a obrigação do uso de roupas e comportamentos a partir de um padrão baseado no padrão da classe dominante.

A contribuição inédita proposta nesta pesquisa é percebida através da análise dos presidentes, a partir de uma perspectiva racial. Diante do exposto, na subseção que aborda o Estado do Conhecimento, ao realizar a sistematização dos determinantes gestão AND futebol, é possível perceber que o já realizado com esses determinantes têm se debruçado sobre categorias que não são aquelas abordadas aqui. A pesquisa de Machado (2020), por exemplo, reflete sobre os presidentes dos clubes de futebol, mas não a partir de uma perspectiva racial.

Da mesma forma, ao utilizar os determinantes racismo AND futebol, nota-se como as pesquisas têm seguido caminhos relativos a casos de racismo explícito no futebol, isso difere do aqui proposto, que tem como objetivo tratar sobre racismo estrutural dentro da gestão dos clubes de futebol. Sendo assim, é possível perceber as novas contribuições epistemológicas apresentadas nessa pesquisa, conforme destacado pelos referidos autores.

Com o objetivo de fundamentar o tema proposto, a partir da exploração de material bibliográfico como dissertações, teses, artigos científicos, monografias e livros que discorrem acerca do problema proposto. Uma pesquisa exploratória se caracteriza por proporcionar mais informações sobre o assunto que será investigado,

possibilidade de sua definição e seu delineamento, facilitar a delimitação do tema da pesquisa, orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso. (Prodanov & Freitas, 2013).

Utilizando-se do método de exploração bibliográfica, foi feita a escolha de pesquisas que verssem sobre relações étnico raciais, representações sociais, futebol e gestão no futebol, nas Plataforma Scielo, Google Acadêmico e Periódicos da CAPES. A partir da leitura dos resumos das pesquisas encontradas, foram delimitados artigos científicos, teses e dissertações, com o objetivo de perceber como estão ocorrendo as pesquisas relacionadas às questões raciais no Brasil, além de refinar a escolha das pesquisas científicas para a fundamentação teórica.

Para tanto, como forma de complementação e sistematização da pesquisa exploratória, foram realizados Estados do Conhecimento com termos correlatos a essa pesquisa, com objetivo principal de saber se o objetivo central da presente pesquisa estava sendo abordado em outros trabalhos e assim justificar ou não essa pesquisa.

O EC (Estado do Conhecimento) foi construído com os seguintes critérios, a delimitação temporal de 5 anos, ou seja, de 2019-2024, definição da Plataforma de Periódicos da CAPES como escopo de pesquisa e a delimitação de pesquisas revisadas por pares que versassem sobre a realidade brasileira. Os termos para a realização do Estado do Conhecimento foram “Racismo AND Futebol” e “Gestão AND Futebol”.

Usando os termos “Racismo AND Futebol”, a plataforma Periódicos da CAPES oferece 87 recursos on-line, sendo 49 revisados por pares, 85 artigos, 1 resenha e 1 dissertação. Estes recursos datam desde 2001, avista-se o aumento da produção sobre racismo e futebol nos últimos anos porque, durante o período de 2019-2024, a baliza temporal definida ocorre em função da busca pela atualidade das pesquisas sobre o tema proposto. Além disso, em 2018 foi realizada a Copa do Mundo de futebol, evento mundial envolvendo 32 seleções do mundo todo, o que poderia fomentar o número de estudos em relação ao objeto de pesquisa.

Constam 57 resultados até 16/04/2024, dos 87 recursos disponíveis desde 2001, 57 (mais da metade) foram publicados apenas nos últimos 4 anos.

Posteriormente, os artigos foram refinados e através da leitura do resumo, introdução, considerações finais e referências, foram tabulados os artigos em 57

resultados, 30 selecionados, 5 excluídos, 2 duplicados e 22 pesquisas lidas.

Utilizando os termos “Gestão AND Futebol”, foram encontrados 57 resultados, foram lidos os resumos, introdução, metodologia e considerações finais dos artigos para poder especificá-los nas respectivas categorias, além de refinar os artigos que poderiam contribuir para a presente pesquisa. Nesse EC, as pesquisas foram categorizadas em contábeis, marketing, não relacionados, gestão de informação, sobre treinadores e administração.

Nesse EC, 27 artigos foram excluídos por não serem relacionados ao tema ou tratarem de realidades fora do Brasil. Os artigos presentes nas categorias administração, contábeis e sobre treinadores foram lidos com o intuito de perceber os objetivos e temas que tratam os artigos para saber se poderiam ser utilizados na presente pesquisa. Os critérios utilizados para a escolha dos artigos foram os mesmos citados anteriormente.

Reforça-se que o objetivo da pesquisa exploratória é perceber quais os caminhos metodológicos e epistemológicos que estão sendo utilizados nas pesquisas sobre racismo no Brasil, além de compreender as possíveis lacunas das pesquisas sobre o tema, para então propor novas perspectivas de análise. A partir disso, refletir sobre a naturalização do racismo estrutural, considerando os elementos deste fenômeno que foram as categorias de análise propostas, sendo alguns deles, preconceito, racismo e discriminação, concepção individualista, institucional e estrutural, ideologia, política, direitos, economia, à luz de Almeida (2018).

A análise de conteúdo com base nas contribuições e etapas definidas por Bardin (2016), sugere para pesquisadores que para realização da análise de conteúdo são necessárias três etapas explicadas abaixo.

A pré-análise é a etapa em que é realizada uma organização das ideias por parte do pesquisador que irão conduzir e nortear a metodologia bem como, escolha de materiais a serem estudados durante a pesquisa. Geralmente é nessa primeira etapa também que são definidos os objetivos e hipóteses do trabalho, objetivos e hipóteses que podem sofrer mudanças no decorrer da leitura flutuante, que é uma das etapas que compõem a pré-análise. A leitura flutuante consiste nos primeiros documentos e materiais a serem analisados, a escolha dos documentos e por fim a formulação das hipóteses e objetivos. Nesta etapa, portanto, foram definidos o objeto de pesquisa sendo os presidentes dos clubes de futebol, o objetivo da pesquisa sendo a possível ausência de pessoas negras ocupando estes cargos e a relação desse

possível fenômeno com o cenário de racismo estrutural percebido no Brasil. Os primeiros materiais lidos foram pertinentes para definir o referencial teórico de González (1983; 1984), Gomes (2005) e Almeida (2018) para fundamentação teórica do de Racismo Estrutural entre outros conceitos relativos ao tema.

Nesta primeira etapa, também foi definido o objetivo de mensurar o número de pessoas negras ocupando os cargos de presidente dos clubes de futebol. Para esse propósito, foi utilizado o buscador Google e as notícias de sites oficiais como G1-Esportes, UOL Esportes, entre outros veículos de comunicação regionais, vinculadas aos resultados das eleições dos clubes de futebol delimitados, além dos próprios sites oficiais dos clubes que continham informações sobre os atuais presidentes.

Para o processo de heteroidentificação dos presidentes, utilizou-se a legislação federal que trata sobre o processo de heteroidentificação. A Normativa MGI nº 23 de julho de 2023. Segundo essa normativa, o processo de heteroidentificação ocorre através do conceito de fenótipo que está relacionado às características externas do indivíduo. São considerados exemplos de características fenotípicas formato dos olhos, a tonalidade da pele, a cor e a textura do cabelo.

A segunda etapa proposta por Bardin é a exploração do material, que é a etapa consistida em “codificação, decomposição ou enumeração” através de procedimentos realizados de forma manual ou operações realizadas através do computador (Bardin, 2016. p. 131). Etapa importante esta porque, é nela que poderão ser definidas categorias de análise. Nesse segundo momento foi definido como categoria de análise, racismo Estrutural e institucional que tiveram como aporte teórico os autores Almeida (2018), Gomes (2005) Gonzalez (1983). As categorias de análise para o objeto de estudo sendo o campo da gestão dos clubes de futebol e o perfil dos presidentes dos clubes de futebol. Como pressuposto teórico dessas duas categorias de análise foi utilizada a teoria de Bourdieu sobre *Campo e Capitais* (1983; 1989; 2003; 2004; 2011; 2014).

Para estudo destas categorias, além dos livros utilizados, foram buscadas e delimitadas pesquisas científicas para fundamentação teórica. Devido à escassez de pesquisas com o determinantes "Presidentes dos clubes de futebol", foi utilizado o determinante "gestão clubes de futebol" para buscar mais resultados. Foram também realizadas buscas nas plataformas Google Scholar, Scielo e o Portal de Periódicos da CAPES, utilizando os determinantes “racismo estrutural” e “gestão dos clubes de futebol”. Além disso, foram aplicados os determinantes juntos, sendo o operador

booleano AND. Logo, foram realizadas buscas nas plataformas citadas com os determinantes “racismo AND futebol”, “racismo estrutural AND futebol”, “racismo AND clubes de futebol” e “racismo AND gestão clubes de futebol”.

No caso das categorias o campo da gestão dos clubes de futebol e o perfil dos presidentes dos clubes de futebol, buscou-se nas referidas plataformas as pesquisas que utilizavam o conceito de *Campos* e *Capitais*, de Pierre Bourdieu, para tanto, usou-se os determinantes *Campos* AND futebol.

Diante da análise dos conceitos de Bourdieu, e o conceito de Racismo Estrutural, foi percebida uma relação entre estas duas categorias primárias apresentadas e a teoria das Representações Sociais. Como aporte teórico do conceito de Representações Sociais, foi utilizada a obra de Serge Moscovici (2007), além de pesquisas nas plataformas citadas utilizando os termos “representações sociais AND futebol”, “representações AND gestão”, “representações sociais AND Bourdieu”, “Pierre Bourdieu AND Serge Moscovici”.

Por fim, foi feito o tratamento dos resultados obtidos, que é a interpretação e possíveis inferências acerca dos dados recolhidos. Desse modo, é nesta etapa que os dados se tornam informações relevantes para serem abordadas e refletidas durante a pesquisa. Através do tratamento de dados, pode-se refletir sobre o campo da gestão dos clubes de futebol, através do conceito de *Campo*, de Bourdieu, e as semelhanças que este campo apresentou com a teoria do autor. Assim, o perfil dos presidentes é analisado, através do conceito de *Capital* e os diferentes *Capitais* que o indivíduo precisa possuir para ocupar o cargo de presidente dos clubes de futebol.

É possível também perceber a influências das Representações Sociais na legitimação do *Capital Simbólico* necessário para ocupar o cargo de presidente, a influência das Representações Sociais, nos diferentes grupos sociais, e como cada grupo social terá uma diferente Representação Social em relação ao cargo de presidente dos clubes de futebol. Dentro desse âmbito, é possível analisar a relação entre a manutenção do cenário de racismo percebido no Brasil e as Representações Sociais conectadas. Por fim, através da análise de dados do número de pessoas negras ocupando os cargos de presidente nos clubes de futebol, buscou-se perceber ou não a manifestação do racismo estrutural na instituição dos clubes de futebol, através do número de pessoas negras ocupando estes cargos.

2.1 ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE RACISMO, GESTÃO E FUTEBOL

Buscou-se realizar um Estado do Conhecimento (EC) com as palavras-chaves desse trabalho para perceber quais os objetivos e cenários encontrados ao procurar pelas palavras-chaves que também fazem parte deste escopo. Sua realização tem como fim saber de que modo as categorias do objetivo central de pesquisa da presente dissertação tem sido estudadas. Ou seja, de que forma o fenômeno do racismo tem sido abordado em outras pesquisas, quais as aproximações que têm sido realizadas entre ele e outras realidades e, se alguma dessas pesquisas têm algum grau de semelhança com a presente pesquisa. Constatando-se a lacuna ou não nas pesquisas observadas, mais uma vez justifica-se a relevância do presente estudo, a partir da base de dados utilizada para este EC. Vale declarar que a base de dados escolhida foi o Portal de Periódicos da CAPES.

Dentre os critérios para escolha dos artigos, além dos termos de busca revisão por pares, idioma - português; recorte temporal 2019-2024; foram feitas pesquisas sobre a realidade do Brasil. A exclusão ocorreu por serem resenhas, por abordarem sobre a realidade de outro país ou não terem relação com a presente pesquisa.

Além disso, conforme Morosini & Santos (2021) a realização do EC pode servir como base para produção e composição da pesquisa proposta, além de auxiliar na delimitação do objeto de estudo bem como, os percursos metodológicos e teóricos escolhidos. Tais funções apresentadas só podem ser realizadas após a reflexão da bibliografia delimitada, reflexão esta que também auxiliará nas considerações realizadas a partir da pesquisa entre objeto de estudo, autores e produção acadêmica sobre ele. Posto isto, a realização desse processo também servirá como aporte para o desenvolvimento desta e outras pesquisas sobre o racismo.

2.2 COM OS DETERMINANTES “RACISMO AND FUTEBOL”

Usando os termos mencionados, a plataforma de Periódicos da CAPES oferece 87 recursos on-line, sendo 49 revisados por pares, 85 artigos, 1 resenha e 1 dissertação. Estes recursos datam desde 2001, avista-se o aumento da produção sobre racismo e futebol nos últimos anos, afinal, durante o período de 2019-2024, a baliza temporal definida ocorre em função da busca pela atualidade das pesquisas sobre o tema proposto. Além disso, em 2018 foi realizada a Copa do Mundo de futebol,

evento mundial envolvendo 32 seleções do mundo todo, o que poderia fomentar o número de estudos em relação ao objeto de pesquisa. Constam 57 resultados até 16/04/2024, dos 87 recursos disponíveis desde 2001, 57 (mais da metade) foram publicados apenas nos últimos 4 anos.

Sobre os critérios para escolha dos artigos além dos termos de busca, optou-se por revisão por pares; recorte temporal 2019-2023; e pesquisas sobre a realidade do Brasil. Quanto a exclusões, foram feitas por serem resenhas e por tratarem sobre a realidade de outro país.

O futebol como categoria de estudo pode ser feito por meio de subcategorias também apresentadas neste EC, mas que não são subcategorias correlatas a essa pesquisa e em razão disso, foram excluídas desse EC. Por ter como objeto de estudo os presidentes, uma subcategoria bem específica, levou-se em consideração as variadas subcategorias no mundo do futebol. Assim, os seguintes artigos foram excluídos por três razões, principalmente por não tratarem sobre a realidade brasileira, por serem de outros idiomas e não terem relação com o presente objeto de estudo, sendo eles Alabarces (2022), Rial (2020).

Após o refinamento, a partir dos critérios apontados, afunila-se para 30 artigos selecionados e que foram separados em campos, autores/ano publicação e periódicos para então definir as pesquisas que seriam analisadas. Dentre as que não foram analisadas são as que tratam de outros assuntos, outras línguas ou realidades fora do Brasil. Por fim, restaram 24 pesquisas que foram lidas por completo.

Quadro 1 - Estado do Conhecimento 1 com os determinantes Racismo AND Futebol.

Campo	Autores e ano publicação	Periódico
Racismo e mídia	TEIXEIRA; SOUZA; MONI, 2021	Revista Contracampo
	RIBEIRO; PIMENTA, 2022	Revista Motricidade
	ABRAHÃO; OLIVEIRA; SOARES, 2023	Revista Do Departamento De Geografia
	PIMENTA, 2021	Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo
Literatura/Análise de discurso/Análise de Coletivos	OLIVEIRA, 2020	Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação
	SANTOS, 2019	Futebol, História e Política
	NOGUEIRA, 2021	PosFAUUSP 52
	MELLO, 2021	Ciências Sociais Unisinos.

Educação não formal	SASSO, ET AL. 2023	Revista de Educação Ciência e Cultura
Outros assuntos	SILVA, 2020	Revista Desenvolvimento Social
Outras línguas ou realidades fora do Brasil	BARBOSA, 2022	Anthem Press
	CARDOSO, 2020	Revista Alterjor
	MIRANDA; ANTUNES; BRANCO, 2022	Revista Razón y Palabra
	PIRES, 2022	FuLiA/UFMG
Educação Física	LIMA, 2020	Revista Movimento
	BONETTO, 2020	Revista de Educação Popular
	FIGUEIREDO; CRUZ, 2021	Revista De Estudos Em Educação E Diversidade - REED
	MEDEIROS. Et al. 2022.	Conhecimento & Diversidade
Psicologia	MARTINS; ASSUNÇÃO, 2019	Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas
	SILVA; PAULA, 2020	Psicologia: Ciência e Profissão
Revisão Bibliométrica ou Estado do conhecimento	FARIAS, 2020	Revista Movimento
	BEIRITH. Et al. 2024	Retos
Racismo e Cultura	ABRAHÃO; CALDAS; SOARES, 2020	Revista Lusófona De Estudos Culturais
Futebol de várzea	SILVA, 2022	Revista Desenvolvimento Social
Racismo e Direito	FARIAS; SILVA; LIMA, 2024	Diversitas Journal, 9(1)

Fonte: Organizada pelo autor.

Após a leitura das 24 pesquisas delimitadas, é possível demonstrar alguns resultados como, frequência de categorias de estudo, os espaços em que ocorrem os estudos, as diferentes áreas de estudos, pesquisas transversais ao tema, além de destacar algumas pesquisas por sua originalidade. Como justificativa para isso, alguns casos explícitos de racismo ganharam muita visibilidade ao redor do mundo devido à postura dos jogadores, ou até dos casos em geral que ocorreram na sociedade como é o caso do assassinato do George Floyd. No futebol, os casos racismo de Webó, Dhiakhaby, Vinicius Junior, Marega, entre outros.

Através do EC, pode-se perceber ações sobre o racismo e o futebol dentro das escolas através do componente curricular de Ed. Física, como é o caso de Bonetto (2020) e Figueredo & Cruz (2021), o que demonstra a possibilidade de refletir sobre racismo na educação física, por meio de outras disciplinas além de Sociologia, Filosofia, Arte, História etc. Sobre isso, o trabalho de Lima (2020) propõe realizar um horizonte sobre a produção de conhecimento relativa a essa área. Segundo o autor, mesmo as produções sobre a cultura Afro-Brasileira continuarem ocorrendo, é necessário que as pesquisas busquem refletir sobre o tema com determinado

aprofundamento teórico maior.

Sobre a presente pesquisa e o objetivo dela, a manifestação do racismo estrutural na gestão dos clubes de futebol, foi realizado também um EC com os determinantes “Gestão AND Futebol” nas mesmas bases referidas. Esse EC será detalhado na subseção a seguir e nele é demonstrada a carência de estudos sobre o fenômeno do racismo na gestão dos clubes de futebol.

O referencial teórico que mais apareceu nos artigos foi Silvio Luiz de Almeida, com sua obra *Racismo Estrutural*, de 2019. Contudo, há pesquisas que realizam suas reflexões referentes ao racismo indo além e analisando a temática a partir de outros autores e outras perspectivas, como é o caso de Sasso (et. al. 2023) que reflete sobre racismo, identidade e alta modernidade através da teoria de Anthony Giddens.

Para além, algumas pesquisas também merecem destaque por ponderarem sobre racismo realizando interpretações a partir de outras áreas do conhecimento, como é o caso da feita por Martins & Assunção (2019), que ponderam sobre racismo, psicologia e mídia. Nogueira (2024), que realiza uma pesquisa sobre o coletivo *Frente Três de Fevereiro*, e, segundo ele, o coletivo transita entre as áreas da literatura, da música, da performance e dos ativismos urbano e midiático.

Nesse artigo, o autor tece reflexões concernentes a duas ações específicas do coletivo frente ao fenômeno do racismo, o assassinato de Flavio Sant’Anna, em 2004, pela polícia militar de SP e a ação através de bandeirões nos estádios de futebol em jogos oficiais. Essa ação realizada sobre os bandeirões ocorreu com a parceria entre o coletivo e algumas torcidas organizadas. Isso vai ao encontro do artigo de Sasse (et. al. 2023), que reflete sobre a atuação de torcidas organizadas antifascistas na subjetividade do indivíduo.

Sobre racismo e mídia, foram localizados os trabalhos de Pimenta (2021), Ribeiro & Pimenta (2022), Abrahão; Oliveira; Soares, (2023) e Teixeira Filho; Silva de Souza & Moni (2021), cinco pesquisas que refletem sobre racismo e mídia. Pela quantidade de pesquisas sobre esse tema, é notável sua importância, pois das 22 pesquisas lidas nesse EC, 4 delas são sobre racismo e mídia. É evidente que a forma como o racismo é tratado na mídia também é reflexo de como ele é percebido socialmente. Desse modo, para Pimenta (2021), os meios de comunicação são carregados de subjetividade porque estão repletos de significados culturais, tornando-se importante refletir sobre quem escreve as notícias. Nesse sentido, é pertinente mais uma vez analisar as notícias tendo como base as relações raciais no Brasil e no

futebol. Para a autora, a mídia funciona, por meio de sua linguagem utilizada, como legitimadora de padrões sociais acerca do racismo, o que por sua vez influencia no cenário de desigualdade racial percebido no Brasil.

Na pesquisa de Ribeiro & Pimenta (2022), os autores demonstram a solidariedade da mídia com relação aos atletas envolvidos nos casos citados. Segundo os autores, isso pode ser percebido por meio do discurso linguístico da mídia e das imagens selecionadas por ela. Entretanto, destacam para a existência do racismo também entre a autoridade da partida (árbitros) para com os atletas que foram vítimas de racismo. Esse cenário de denúncia também pode variar a depender do país, pois, segundo os autores, na Espanha, alguns jornais identificam o autor do crime, mas sem a imagem dele. Tal fato vai ao encontro da premissa que concebe as notícias como reflexos do contexto social no qual estão inseridas. Além disso, os autores enfatizam o papel dos meios de comunicação em denunciar moralmente os casos de racismo.

Segundo Ribeiro & Pimenta (2022), há variadas formas de interpretação sobre um mesmo fato e a mídia pode realizar diferentes interpretações sobre o ato de racismo, em alguns expondo a condenação do ato como veemência e, em outros casos, omitindo ou ausentando detalhes sobre os acontecimentos, além de focar na falta de provas para uma condenação. Através da análise das capas de jornais nessa mesma pesquisa, as autoras, destacaram que havia jornais que não se preocuparam em mostrar o agressor ou identificá-lo, e isso demonstra a escolha e a interpretação sugerida do caso diante do seu público.

Teixeira Filho; Silva de Souza & Moni (2021), contribuem para a importância das mídias no sentido da construção da identidade cultural. Nesse caso, uma identidade cultural produto do futebol. Entretanto, segundo os autores, levando em consideração o acesso a determinadas mídias, que necessitam de planos de assinatura, pode gerar novas segregações a partir de uma lógica socioeconômica de consumo. Atrelado a isso, os altos preços dos ingressos e a segmentação dos consumidores desse esporte, em função dos locais que cada classe social ocupa dentro dos estádios, contribuem para esse cenário de elitização do futebol.

Há visões semelhantes com relação a isso ao enfatizar a capacidade do futebol como catalisador social. Sendo o esporte um fenômeno das massas, é possível realizar análises sobre ele e perceber seus resquícios e visões sociais. Para Silva & Paula (2020), o futebol é um espelho em que são refletidas formas de relações sociais,

para Martins & Assunção (2019), o futebol é um retrato da realidade social brasileira. Para Lima (2020), o esporte é um dos campos visuais no qual o racismo se faz presente. Teixeira Filho; Silva de Souza; Moni (2021), chamam a atenção para o fato de o futebol ser um dos traços culturais do Brasil, capaz de mobilizar diferentes temáticas em sua condição midiaticizada.

Diante do exposto, percebe-se a importância de pensar sobre isso porque de um lado, tem o futebol que é concebido como um traço da cultura brasileira e isso passa pelos anos nos quais o futebol foi usado como forma de emplacar uma identidade nacional (Silva & Paula 2020). Por outro lado, teve a busca por instituir a miscigenação como identidade nacional, atravessando novamente aquela discussão sobre o mito da democracia racial presente no Brasil. Como país miscigenado e sendo um paraíso racial é possível traçar um paralelo entre essas duas possíveis identidades nacionais.

O futebol como identidade nacional, concebido como um esporte democrático em que todos se enfrentam de igual para igual, é reflexo da cultura brasileira também baseada no mito da democracia racial daquela época. Logo, são duas buscas por identidade nacional, baseada na igualdade racial e no mito da democracia racial, algo que ainda hoje persiste no Brasil. Além disso, se o futebol é um dos campos mais férteis para encontrar casos explícitos e implícitos de racismo, é pertinente também refletir sobre como a cultura brasileira é carregada de sequelas e estruturas racistas.

Por fim, outro aspecto pertinente, após a realização do EC, é a conceituação e reflexão referente a uma das facetas do racismo, no caso o *racismo velado*. O uso desse termo é encontrado nos trabalhos de Farias & Silva Lima (2024), Assunção (2019), Soares (2020), Lima (2020). Os autores Abrahão; Caldas & Soares (2020), Abrahão; Oliveira & Soares (2023) utilizam o termo *racismo à brasileira*. Além de Ribeiro & Pimenta (2022), que usam o conceito de Achille Mbembe *nanorracismo*, que pela conceituação do próprio autor, indica ser algo bem parecido com o termo *racismo velado*.

Tudo isso demonstra como as discussões que dizem respeito ao fenômeno do racismo tem girado em torno da reflexão sobre suas diferentes formas e facetas. Não se trata apenas da realização de estudos para a conscientização sobre o tema, afinal, teoricamente, é consenso social a concepção do racismo, discriminação e outras formas de racismo como atitudes e posturas reprováveis. Portanto, torna-se necessário, diante do cenário da permanência do fenômeno, estudos sobre a estrutura

na qual o racismo está inserido, o porquê de essas estruturas ainda se manterem em funcionamento e refletir sobre as novas faces e formas que ele tem se apresentado.

Nesse sentido, uma das formas de percepção da existência de racismo velado é a não presença de pessoas negras ocupando os cargos de gestão dentro dos clubes. Aqui vale ressaltar que tal análise e discussão não foram encontradas nos artigos elencados neste EC.

O objetivo da realização desse EC, era perceber como está ocorrendo a produção científica relativa ao tema Futebol e Racismo, além de justificar ou não a presente pesquisa. Após sua realização, é possível encontrar o conceito de racismo estrutural, sobre como as instituições são reflexos da sociedade e, portanto, se tais instituições (neste caso, as instituições futebolísticas) estão inseridas em um contexto social estrutural racista, elas também poderão adotar medidas e padrões racistas, porque estão fundamentadas e respaldadas por essa sociedade estruturada racialmente.

Além disso, a partir da reflexão e análise sobre as diferentes formas como o racismo tem atuado na presente sociedade, o objetivo da realização desse EC, é constatar ou não, se é possível encontrar as manifestações de racismo também nos clubes de futebol.

2.3 COM OS DETERMINANTES “GESTÃO AND FUTEBOL”

Utilizando os determinantes gestão, futebol, operador booleano AND e os critérios revisão por pares; recorte temporal 2019-2024; pesquisas sobre a realidade do Brasil, a exclusão ocorreu por serem resenhas e por tratarem sobre a realidade de outro país. Assim, foram delimitados 57 resultados até o dia 06/05/2024, sendo todos artigos, segundo a plataforma de Periódicos da CAPES. A partir desses 57 resultados, foram lidos os resumos, introdução, metodologia e considerações finais dos artigos para poder especificá-los nas respectivas categorias, além de refinar os artigos que poderiam contribuir para a presente pesquisa.

A busca pela realização desse EC é ter uma pequena amostra de quais caminhos as produções científicas referentes à “gestão AND futebol” tem seguido. Esta proposta tem como objetivo perceber se nas produções científicas recentes há a reflexão sobre racismo estrutural, dentro das gestões dos clubes brasileiro

A partir da pesquisa realizada, é possível classificar os artigos em áreas e posteriormente perceber quais os destaques que os artigos apresentam e os objetivos que eles têm buscado. Foi possível avistar os campos da administração, contábeis e marketing sendo as áreas mais comuns em que essas pesquisas têm se debruçado. Isso evidencia a carência de trabalhos sobre formas de racismo no campo da gestão dos clubes de futebol.

Nesse EC, as pesquisas foram categorizadas em contábeis, marketing, não relacionados, gestão de informação, sobre treinadores e administração. Nesse EC tiveram 27 artigos excluídos. Dentre elas, 16 pesquisas não tratavam sobre gestão dos clubes.

O futebol como categoria de estudo pode ser desmembrado em subcategorias que foram categorias encontradas nesse EC, mas que não são categorias correlatas a essa pesquisa e em razão disso, foram excluídas desse EC. A presente pesquisa tem como objeto de estudo os presidentes, uma subcategoria bem específica levando em consideração as variadas subcategorias no mundo do futebol.

As pesquisas a seguir são as que foram excluídas por serem de outros idiomas, mas principalmente por tratarem de realidades fora do Brasil que totalizaram 11, sendo com idioma diferente não constam no quadro abaixo porque não foram classificadas em algum dos campos. Mulazimoglu, O. 2021; Escalada, S. 2019; Serrano, R. Et Al. 2022; Urquidi, V. A. P. Et Al. 2024; Barros Filho, M. A. Et Al. 2022; Schaefer, V. P.; Cabrera, N. 2021; Costa, A. M. Custódio, C. Santos. R. 2023; Neto. Et Al., 2023; Fernandes, R. Et Al. 2021; Siqueira, C. H. Q. Ribeiro, A. L. De A. 2021; Barbosa, T.D. Et. Al. 2024; Tutte, V.; Reche, C.; Álvarez, V. 2020.

Os demais artigos presentes nos campos a seguir foram lidos com o intuito de perceber os objetivos e temas que tratam esses textos, para saber se poderiam ser utilizados na presente pesquisa. Sendo assim, afinou-se em 24 pesquisas lidas e 4 trabalhos duplicados.

Quadro 2 - Estado do Conhecimento 2 com o determinantes Gestão AND Futebol.

Categoria	Autores	Periódico
CONTÁBEIS OU ASPECTOS FINANCEIROS DOS CLUBES OU ESTÁDIOS	BATISTA; CAJAIBA, 2021	CADERNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
	MECCA; CHEMELLO; MARODIN. 2023	REVISTA DE GESTÃO E SECRETARIADO
	SILVA; SOUSA; MAGRO. 2022	REVISTA DE GESTÃO, FINANÇAS E CONTABILIDADE
	OLIVEIRA; MINATTO; BORBA, 2022.	REVISTA ENFOQUE: REFLEXÃO CONTÁBIL

	FRANCISCO; MATEUS. 2020.	REVISTA VALORE
	SILVA; DAL MAGRO; LAVARDA, 2020.	ENFOQUE: REFLEXÃO CONTÁBIL
	SOUZA, ET. AL. 2023.	REVISTA ENIAC PESQUISA
	MAROTZ; MARQUEZAN; DIEHL, 2020.	REVISTA CONTEMPORÂNEA DE CONTABILIDADE
	FERREIRA, 2021	INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
	MATOS; BARROS, 2021	REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO FACES JOURNAL
MARKETING	GIGLIO; SANTOS. 2021.	REVISTA DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIMONTES
	SILVA; CORDEIRO; SILVA. 2021.	REVISTA GESTÃO EM ANÁLISE
	MIRANDA, ET AL. 2021.	REVISTA MOVIMENTO
	REALE; DALMORO, 2021.	REVISTA INTERDISCIPLINAR DE MARKETING
	JORGE; VALENTIM. 2021	REVISTA ELETRÔNICA DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
GESTÃO DE INFORMAÇÃO (TRANSPARÊNCIA DOS CLUBES)	BORGES, 2019.	MEDIAPOLIS
	MENÊSES; MINATTO; BORBA. 2023	REVISTA CONTABILIDADE, GESTÃO E GOVERNANÇA
	JORGE; VALENTIM. 2021	REVISTA ELETRÔNICA DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
SOBRE TREINADORES	BUSSINGER, ET AL. 2023.	JOURNAL OF PHYSICAL EDUCATION
	MOSTARO; MARCHI, 2021	CONTRACAMPO
GESTÃO DOS CLUBES - ADMINISTRAÇÃO	NAZI; AMBONI, 2021	REVISTA DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO
	CAMPOS, 2021	FULIA/UFMG
	SANTOS. ET AL. 2023	REVISTA FOCO
	CORREIA; CARRIERI, 2019	REVISTA GESTÃO & CONEXÕES
NÃO RELACIONADOS AO TEMA.	BROGLIO; MAZZEI. 2019.	REVISTA DOS TRABALHOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP
	BARBOZA; MENON, 2022	REVISTA DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
	BARO, ET. AL. 2020.	CADERNOS DE PROSPECÇÃO/UFBA
	CERQUEIRA GUIMARÃES. 2020.	FULIA/UFMG
	CARVALHO, G. 2018.	REVISTA INTERCONTINENTAL DE GESTÃO DESPORTIVA
	FERREIRA; GOMES; MEYER. 2023	REVISTA GESTÃO E ORGANIZAÇÕES
	FERREIRA. ET AL. 2023	NUANCES: ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO
	GARCEZ; FREITAS; MARTINS, 2021	FULIA/UFMG
	HOLLANDA, 2022.	BRASILIANA: JOURNAL FOR BRAZILIAN STUDIES
	LIMA; QUADRADO; KNIJNIK. 2023.	FULIA/UFMG
	MIELLI, ET. AL. 2020	REVISTA DE GESTÃO E SECRETARIADO
	MULLER. ET. AL. 2019.	REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DE ENG. DE PRODUÇÃO
	RAMBALDI; FERNANDO. 2022.	CADERNOS DE PSICOLOGIA SOCIAL DO TRABALHO
	SILVA. ET AL. 2019.	REVISTA DE TURISMO CONTEMPORÂNEO
	SILVA; CASAS. 2018	REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO FACES

Fonte: Organizado pelo autor.

Mesmo utilizando os determinantes citados, há pesquisas extremamente distintas com o objeto de estudo da presente dissertação, o que demonstra a

necessidade de um uso cuidadoso com relação aos determinantes para se alcançar possíveis trabalhos que contribuam para o enriquecimento desta. Por exemplo, foram encontrados artigos também na área de Geografia e a pesquisa de Almeida & Pereira (2022) trata sobre aspectos financeiros e geopolíticos da Copa do Mundo do Catar de 2022. A pesquisa de Sampaio (2022) aborda sobre a internacionalização da seleção brasileira. Em Garcez; Freitas; Martins (2021), há uma problemática comparando a Arena Itaipava Pernambuco, em Recife/PE, e do Estádio Governador Plácido Castelo, em Fortaleza/CE, para perceber como ocorria a gestão das torcidas rivais nesses estádios.

O trabalho de Menon; Barboza (2022), explora aspectos humanos da Geografia, abordando sobre as denúncias de preconceito e exploração no catar. O que é tido como “comum” naquela região, em função da cultura deles, foi questionado durante a Copa do Mundo do Catar de 2022 e as denúncias ganharam força, midiaticamente, devido à visibilidade por conta a Copa do Mundo.

Os trabalhos de Borges, (2019); Meneses; Minatto; Borba (2023); Jorge & Valentim (2021), são pesquisas relacionadas à transparência e gestão de informações dentro dos clubes. O advento dessas pesquisas ocorre também em função do cenário de endividamento dos clubes de futebol brasileiro. O texto de Quirino (2023) levanta o questionamento por parte da torcida com relação à gestão do patrimônio e recursos financeiros dos clubes. Segundo ele, nos piores casos como, Botafogo e Vasco da Gama, do Rio de Janeiro e do Cruzeiro, de Minas Gerais, estes clubes se tornaram SAFs (Sociedade Anônima de Futebol) para evitar a falência dos respectivos clubes. Assim, adotaram o modelo de clube empresa, a fim de e buscar um equilíbrio das contas através do corte de gastos, comum no cenário do futebol brasileiro.

Isso vai ao encontro da quantidade de pesquisas realizadas sobre os aspectos financeiros dos clubes de futebol no Brasil com os trabalhos de Batista; Cajaiba, 2021; Mecca; Chemello; Marodin. 2023; Silva; Sousa; Magro. 2022; Oliveira; Minatto; Borba, 2022; Francisco; Mateus. 2020; Silva; Dal Magro; Lavarda, 2020; Souza, Et. Al. 2023; Marotz; Marquezan; Diehl, 2020; Ferreira, 2021 e Matos; Barros, 2021), que discorrem sobre isso e inclusive um artigo que expõe o impacto do PROFUT (Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro) e a lei de responsabilidade fiscal (LRFE), nº 13.155/2015 (Silva; Sousa; Magro. 2022).

Há pesquisas na área das humanidades como a de Lima; Quadrado; Knijnik (2023) com o fito de tratar sobre a gestão do futebol de mulheres durante a pandemia

de 2020. A pandemia da Covid-19, em 2020, trouxe crise e complicações financeiras em todos os setores sociais, inclusive no mundo do futebol. Esse cenário se torna mais agravante ainda no mundo do futebol feminino que já sofre com a falta de investimentos e visibilidade.

O contraste entre as áreas de pesquisa pode ser inferido a partir da comparação entre os dois ECs. No primeiro EC, foi possível observar como os autores apresentaram como justificativa o estudo do futebol por ser um catalisador social ou ainda, justificaram a pesquisa porque o futebol poderia ser considerado como um reflexo da sociedade e as nuances percebidas no futebol, como preconceito e racismo velado. São, desse modo, produtos de uma sociedade que naturaliza esses fenômenos, segundo estudos de Silva & Paula 2020; Martins & Assunção. 2019; Lima 2020; Teixeira; Silva de Souza; Moni. 2021, e reflexões sobre seus objetos de pesquisa.

Em contrapartida, as pesquisas na área de Marketing encontradas nesse EC (Giglio; Santos. 2021; Silva; Cordeiro; Silva. 2021; Miranda, Et Al. 2021; Reale; Dalmoro, 2021; Jorge; Valentim. 2021), demonstram como o futebol, nesta área do conhecimento, é estudado a partir de comerciais, econômicos, entre outros. Nesse sentido, o futebol também pode ser concebido apenas como entretenimento e geração de conteúdo para aqueles que desejam consumir e pagar para consumir esse conteúdo, inclusive com pesquisas sobre o grau de satisfação dos torcedores com relação ao clube, ao estádio e serviços oferecidos dentro do estádio (Silva; Cordeiro; Silva, 2021).

A partir do exposto, é possível deduzir sobre a carência de pesquisas sobre qualquer forma de racismo ou desigualdade encontrada dentro das gestões dos clubes de futebol. Diante disso, justifica-se novamente a necessidade de se refletir sobre racismo estrutural, a partir da perspectiva aqui proposta.

3 OS CLUBES, OS PRESIDENTES E A TEORIA DO CAMPOS, DE PIERRE BOURDIEU

Para compreender e refletir sobre o contexto de um esporte, é necessário conhecer a posição que esse esporte ocupa dentre aos outros esportes e para tanto, é essencial ter ciência de uma série de fatores, dentre eles as características sociais dos agentes daquele esporte (Bourdieu, 2002). À vista disso, é perceptível como é oportuna a reflexão acerca dos presidentes e os campos no qual estão inseridos, além de perceber as singularidades deste microcosmo e variáveis que auxiliem na compreensão da possível ausência de pessoas negras nos cargos de presidente.

O futebol é conhecido como um espaço democrático. Logo, dentro das quatro linhas, o esporte é praticado de uma forma em que as diferenças de raça, social, econômica, entre outros marcadores sociais, não influenciam no resultado ou no vencedor dentro de campo (Duran; Jimenez. 2006). Contudo, fora das mesmas quatro linhas, o espaço no qual os dirigentes ocupam é restrito e frequentado apenas por determinados agentes, não sendo um espaço tão democrático quanto o esporte praticado.

Nesta reflexão acerca da sociologia do esporte, o autor supracitado estabelece que os agentes socialmente marcados que praticam determinado esporte acabam por transmitir essas marcas, não sendo qualquer agente com qualquer marcador social que se apropria de determinada prática esportiva. Há de se destacar que os capitais apresentados por Bourdieu também são marcadores sociais. (Bourdieu, 1989).

Pierre Bourdieu expõe o conceito de *campo* durante suas obras e em dado momento, conceitua que os campos são dotados de características próprias de funcionamento, como jogos e os agentes que queiram participar desses jogos precisam conhecer as regras e se adequarem a elas. Tal correlação é possível, pois, nesse jogo percebido no campo da gestão dos clubes de futebol, pode-se considerar previamente que não é qualquer agente que pode jogar ele. O autor destaca como a análise dos esportes pode ser realizada através de uma comparação entre os adeptos e a posição social que eles ocupam naquela respectiva sociedade.

Posto isso, outra pesquisa que vem para subsidiar a aqui construída reflexão é o trabalho de Machado (2020). Nele, há uma análise do perfil da gestão dos clubes de futebol e a constatação de que, independente do período histórico, não há uma mudança violenta em relação ao perfil dos dirigentes e na realidade. A partir disso, há

a proposição de reflexões sobre este fenômeno, por meio da Teoria das Elites e da própria teoria de Pierre Bourdieu.

É pertinente portanto, estabelecer uma relação entre essa teoria de Bourdieu com o trabalho de Burlamaqui (2021), já que o autor destaca a biografia de alguns ex-presidentes dos clubes de futebol no Brasil e como os indivíduos que ocupam estes cargos são pessoas com características semelhantes. Ao final de sua pesquisa, é destacado que “não se escolhe ser um dirigente de futebol, mas se é, pura e simplesmente, naturalizando as posições sociais de mando”. (Burlamaqui, 2021. p. 12).

Em face disso, procura-se estabelecer relações entre o conceito de *campo* de Pierre Bourdieu e o campo da gestão dos clubes de futebol, que se apresentam como espaços extremamente restritos a apenas determinados perfis de agentes que o frequentam e a possível ausência de pessoas negras nos cargos de presidente dos clubes de futebol brasileiro.

3.1 A TEORIA DOS CAMPOS, DE PIERRE BOURDIEU

Através do aporte teórico de Pierre Bourdieu, sua teoria sobre os *campos* e os conceitos correlatos deste autor, procura-se analisar o campo da gestão dos clubes de futebol e o perfil dos presidentes através dessa perspectiva. O objetivo é, por meio do delineamento do perfil dos presidentes e as características dos campos da gestão dos clubes de futebol, perceber os capitais necessários para adentrar e permanecer nestes campos e ocupar os cargos de presidente. A premissa é que como a população negra possui desvantagens, a partir da perspectiva dos capitais de Bourdieu, isso é uma das justificativas para a possível ausência de pessoas negras em cargos de presidente.

Segundo o autor, para refletir sobre um determinado fenômeno ou uma determinada conjuntura, não basta apenas estabelecer conexões entre o objeto estudado e o contexto social em que o objeto está inserido. Há um elo entre esses dois pólos, um microcosmo de ligação na qual as relações de força acontecem e produzem a estrutura encontrada lá. Esse meio entre esses dois pólos, o autor irá chamar de *campo*. (Bourdieu, 2003).

O sociólogo destaca na obra *Os Usos Sociais da Ciência* (2000), que a autonomia encontrada nesse microcosmo é uma autonomia parcial, pois os campos

têm a possibilidade de retraduzir para o seu campo outras formas mais convenientes de pressões e demandas sociais externas àquele campo. Desse modo, quanto maior a autonomia do campo, maior a possibilidade de ele retraduzir e transformar essas demandas externas ao ponto de tais demandas externas não serem reconhecidas pelos agentes daquele campo.

O campo da gestão dos clubes de futebol, assim como campo político, campo religioso, campo matemático, entre tantos, também possui regras próprias de funcionamento, com agentes dotados de determinadas capitais que se utilizam destes capitais para alterar as regras e continuar exercendo influência nesses campos. Aliás, é possível perceber agentes que ocupam cargos de presidente dentro dos clubes de futebol e, posteriormente, também ocupam cargos políticos na administração estatal pública (Burlamaqui, 2021; Machado, 2020). Esse detalhe corrobora a semelhança entre os campos.

Assim, aqueles que quiserem adentrar a este campo deverão se converter conforme as regras ditadas por aqueles que já estão lá dentro e mesmo que não percebam essa conversão, segundo o autor, é uma conversão tácita (Bourdieu, 2011). Para ele, as condutas dos agentes dentro destes campos são determinadas pela posição que ele ocupa dentro destes campos. A presença ou existência de um agente dentro do campo é reconhecida pelo fato de que ele mesmo, transforma o estado do campo (Bourdieu, 2011).

A possibilidade de ditar as regras dentro do campo também poderá ser usada para definir a distribuição dos dividendos - não necessariamente monetário - entre os agentes presentes naquele campo (Bourdieu, 2003). Isso reforça novamente a estrutura restrita que existem dentro dos campos e as posições que cada indivíduo ocupa e continuará ocupando, a partir da distribuição dos capitais.

Aqueles que não se convertem ou transgridem essas regras são excluídos. É importante destacar que, para Bourdieu, essas “fronteiras” entre aqueles que entram nos campos e aqueles que não entram são fruto de invenções histórico-sociais e que tais “propensões” para serem agentes influentes desses campos são desigualmente distribuídas por condições sociais de acesso àquele campo.

Delineando um paralelo com o contexto de racismo estrutural abordado nessa pesquisa, é possível perceber a desigualdade encontrada entre as populações branca e negra, na qual a negra tem desvantagens. Esse grupo excluído seria formada de

indivíduos “profanos” e por isso excluídos desse campo da gestão dos clubes de futebol.

3.2 O CAMPO DA GESTÃO DOS CLUBES E OS PRESIDENTES NA PERSPECTIVA BOURDIEUSIANA

Os clubes de futebol ainda adotam um modelo de gestão que foge ao modelo gerencial concebido nas empresas. Mesmo após aprovação das leis nacionais como Lei Zico, nº 8.672/93 e Lei Pelé, nº 9.615/98 exigirem a modernização das práticas gerenciais dentro dos clubes de futebol (Nazi; Amboni, 2017), a gestão ainda é um espaço muito mais político e de jogo de interesses do que propriamente, uma gestão administrativa.

Recentemente, foi promulgada uma nova lei que dispõe sobre o Sistema Nacional do Esporte (Sinesp) e o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Esportivos (SNIIE), a ordem econômica esportiva, a integridade esportiva e o Plano Nacional pela Cultura de Paz no Esporte, Lei nº 14.597/23. Essa nova lei também trata sobre os casos de racismo. Em seu artigo 11, inciso XVII, ela coloca como objetivo a adoção de medidas para erradicar ou reduzir medidas antidesportivas e entra elas, o racismo, xenofobia, sexismo, entre outras formas de discriminação.

Para Pereira (2021), é um modelo de gestão muito mais político do que gerencial, gerido pelos Cartolas que são sócios dos clubes, dividindo entre sua vida profissional e sua vida de gestor nos clubes de futebol, observado que o papel de presidente e demais conselheiros dos clubes de futebol são papéis voluntários e não recebem remuneração monetária pelos respectivos cargos.

Segundo Machado (2020), este cenário em que os clubes são geridos por cartolas que chegam à presidência dos clubes por motivos políticos, em detrimento de competências próprias, é um cenário que pode ser constatado desde o início da profissionalização dos clubes de futebol no Brasil. Esse fato criou um perfil hegemônico dos agentes que ocupam os cargos de presidentes dos clubes e pode também ser constatado na pesquisa de Burlamaqui (2021).

A partir da perspectiva de Bourdieu, é possível perceber esses presidentes, dirigentes e conselheiros sendo os agentes dotados destes capitais que se utilizaram de tais capitais para determinar a relação de forças e continuar exercendo influência no campo no qual está inserido. É possível destacar um exemplo no futebol nacional,

no caso do Sport Club Corinthians Paulista. Segundo Couto (2017), ex-presidentes do clube se utilizaram da mudança de regras sucessórias, número de membros vitalícios nos conselhos deliberativos e, inclusive, de mudança de estatuto do clube para possibilitar sua própria reeleição como presidente dentro do clube.

Bourdieu teoriza que os agentes presentes dentro destes determinados campos apresentam estratégias e diferentes formas para manterem seu status de influência dentro desses ambientes. Logo, para o autor, os antigos participantes já presentes naquele campo se utilizam de capitais provenientes de sua posição de dominância para desenvolver estratégias de conservação daquela estrutura e ainda extrair ganhos progressivos de capital acumulado. (Bourdieu, 2003).

O autor ainda destaca que os agentes consagrados nos campos compactuam entre si e com base nos próprios interesses, desenvolvem estratégias para conservar o que é produto daquele campo com objetivo de conservar a estrutura existente naquele microcosmo. Esta estrutura que reafirma os capitais e *habitus* necessário para se manter os mesmos agentes dominantes na relação de forças e, conseqüentemente, a conservação dos mesmo agentes dominantes naquele campo (Bourdieu, 1983).

Para Dias (et. al, 2019), os dirigentes dos clubes brasileiros apresentam certas resistências a deixarem esse modelo de gestão política e procurar desenvolver dentro dos clubes uma gestão mais profissional. Isso mudaria as regras dentro desse campo e os capitais que tais dirigentes possuem podem não ter mais os capitais necessários para manterem sua influência dentro do campo.

Segundo Oliveira (et. al. 2017), este campo da gestão dos clubes de futebol é controlado pelos estatutos dos clubes, mas também pelos conselhos deliberativos que são compostos por agentes indicados pelos próprios presidentes e outros membros dos conselhos. É importante frisar isso porque o conselho deliberativo também faz parte da votação e auxílio na permanência do presidente por razões de apoio político e nas tomadas de decisão dos presidentes (Couto, 2017; Nazi; Amboni, 2019).

Nesse sentido, os autores Marques; Gutierrez; Almeida (2013) abordam como a passagem de gestão de um presidente para outro é quase que hereditária não no sentido biológico, mas no sentido de grupos ou agentes sociais que possuem as mesmas características. Numa perspectiva Bourdieusiana, apresentam os mesmos *habitus*, o que dificulta a entrada de outras pessoas nesse jogo de relação de forças existente no campo da gestão dos clubes.

Além disso, Pereira (2021), destaca que a escolha dos membros do conselho deliberativo ainda é uma escolha “política”, por afinidade e interesses políticos e os membros são escolhidos com o objetivo de apoiar o presidente nas decisões dele. Isso vai ao encontro da pesquisa de Burlamaqui (2021), que, ao entrevistar dois ex-presidentes, constatou em ambos os casos de indicados para concorrer à presidência do clube em questão, membros do conselho, a fim de entrar no meio gerencial dos clubes, através de um “padrinho”.

Outro detalhe importante ainda sobre o conselho deliberativo é que, em alguns clubes, há como requisito para indicação para o conselho, ser indicado por um dos membros, ser sócio torcedor do clube há pelo menos 2 anos (Nazi; Amboni, 2019) e ainda ser aprovado pelos demais membros do conselho.

Retomando Bourdieu (2014), é como se determinados grupos sociais fossem estigmatizados por algumas “fronteiras coletivas” produto das relações sociais - nesse caso, relações sociais racistas - existentes daquela sociedade. Na obra *Os Herdeiros* (2014), o autor expõe como essas fronteiras sociais podem ser constatadas na educação também observado que alguns cursos são “indicados” para determinados estudantes em função da classe social e da condição financeira daquele.

As fronteiras, nesse caso, funcionam como um condicionador de acesso a determinados cursos. No decorrer desta pesquisa serão apresentadas as formações profissionais dos gestores e o perfil hegemônico de determinadas formações dos indivíduos que ocupam os cargos. Nesse sentido, a partir da teoria apresentada ao se condicionar as formações profissionais que alguns indivíduos podem ter, se condiciona também os cargos que os indivíduos podem ocupar.

As fronteiras para o autor, podem ser assinaladas a partir de diferenciais como os *capitais* ou *habitus* e como consequência dessas fronteiras - nesse caso específico, a partir da fronteira relacionada à cor, ocorre restrições de espaços que a população estigmatizada pode ou não ocupar. Desse modo, elas podem definir ou restringir os empregos que a população negra tem acesso, mais especificamente, tais fronteiras podem restringir um indivíduo a ocupar o cargo de presidente de um clube de futebol.

É importante destacar que tais fronteiras não são fronteiras físicas, mas sim simbólicas no sentido de serem representações ou construções sociais. Por outro lado, mesmo não sendo fronteiras físicas são marcadores sociais que condicionam

determinadas populações com determinados marcadores sociais como cor, gênero ou classe, a ocuparem determinados espaços ou cargos.

Delineando um paralelo com o cenário de desigualdade racial no Brasil, segundo Fernandes (2007), após o fim do período escravista, a população negra não foi integrada à sociedade de classes, que agora, é baseada no trabalho assalariado. Esses empregos foram destinados aos imigrantes e a população negra teve de se sujeitar aos postos de trabalho restantes. Essa “fronteira coletiva” derivada da cor, definiu quais cargos ela poderia ocupar.

Isso ilustra novamente como esse campo da gestão dos clubes de futebol é um restrito e com regras específicas, o que dificulta a entrada de pessoas diferentes do já aceito nesses grupos. Portanto, esse processo de entrada no conselho deliberativo e aprovação pelos demais membros reforça a necessidade de um capital político, social e econômico daquele que almeja passar por esse processo.

É possível perceber um exemplo disso através da pesquisa de Burlamaqui (2021). O autor destaca que, em determinada época, ter dinheiro não era o suficiente para se tornar sócio do Fluminense, era necessário passar por uma sindicância que visitava sua casa para conhecer seus filhos, sua esposa, sua realidade, enfim. A teoria bourdieusiana aborda este mesmo sentido ao expor que estes campos, microcosmos dentro do macrocosmo social, são dotados de regras próprias o que torna a entrada de outros agentes nele extremamente difícil, bem como, exercer algum tipo de influência nele.

Assim, o objetivo em traçar um perfil dos presidentes é perceber algumas características deles e de que forma isso pode ser relacionado com o racismo estrutural, tendo em vista as características deste fenômeno e quais aspectos que colocam a pessoa negra em desvantagem para ocupar estes cargos, ou ainda, justificam sua possível ausência.

Segundo Marques; Gutierrez; Almeida (2013), é um campo dominado majoritariamente por empresários, pois nos 40 clubes presentes nas séries A e B do campeonato brasileiro, 24 dos presidentes eram empresários.

A liderança política encontrada nos clubes mais tradicionais, tem uma de suas características a permanência no clube, não trocando de clube. Isso se deve pela identificação do indivíduo com o clube, o que é produto de uma fidelidade longínqua entre a pessoa que se tornou presidente e o clube. Tal relação entre indivíduo também se deve pela relação entre os pais e avós que inseriram o neto e filho nestes clubes.

Conforme Machado (2020), uma das características dos presidentes dos clubes de futebol no Brasil é a relação de longa data entre o indivíduo e o clube. Isso também é caracterizado pelos autores Marques; Almeida; Gutierrez (2013), que apresentam os membros sócios que fazem parte dos clubes de futebol como pessoas que possuem um relacionamento antigo com o clube e que foram inseridos nos clubes através de seus pais ou avós.

Além do conceito de *campo* de Bourdieu, é possível estabelecer outra relação entre este autor e o objeto de estudo desta pesquisa. Pode-se perceber, por meio da análise do campo da gestão, bem como do perfil dos presidentes, a relevância dos capitais que estas pessoas possuíam para chegar à presidência.

Para Bourdieu (2011), o tempo livre é peça chave visto que por ele o agente poderá desenvolver o acúmulo de capital político já que não precisa destinar tempo pessoal próprio para subtrair condições de subsistência. Além dele, outro fator é a educação. O autor enfatiza que esse jogo existente nos campos são jogos de exclusão e desapossamento, pois aqueles que não possuem os capitais necessários são excluídos destes campos. Nesse sentido, Couto (2017), estabelece a mesma relação em perceber a permanência de determinados presidentes e suas reeleições com os capitais econômicos que estes detinham.

Tendo em vista o cenário de desigualdade racial econômica presente no Brasil, é possível estabelecer uma justificativa e a manifestação do racismo estrutural nas instituições dos clubes de futebol, pela possível ausência de pessoas negras ocupando estes cargos de presidentes. Fato é que é possível observar como o campo da gestão dos clubes e os cargos de presidentes são espaços muito restritos e frequentados por determinadas pessoas com determinados *habitus* (perfis). Tais perfis têm características específicas e devido ao preconceito e em razão da conjuntura de racismo estrutural percebida no Brasil, são características que não estão presentes no cotidiano da população negra. Logo, esse contexto de desigualdade racial, as desvantagens de capitais necessários para estar neste campo, atrelados a essa restrição existente nesse microcosmo, dificultam a presença de pessoas negras nesses espaços.

Segundo Marques; Gutierrez; Almeida (2013), há também outras profissões liberais dominantes neste campo como médicos e advogados ocupantes dos cargos de presidente. (Machado, 2021). No entanto, pautados da caracterização do perfil dos presidentes e análise do referencial teórico, os autores apontam como o campo da

gestão dos clubes de futebol vem se tornando um meio empresarial (Nazi; Amboni, 2017). Isso é reflexo do perfil dos presidentes e conselheiros (sendo a maioria deles empresários), e se são empresários que controlam estes meios é compreensível que este campo se torne cada vez mais um campo empresarial.

Há também a possibilidade de perceber uma relação entre os postos que estes agentes ocupam dentro dos clubes de futebol e os postos de trabalho que estes agentes ocupam em seus meios sociais. Desse modo, os que ocupam cargos de destaque dentro dos clubes de futebol são os mesmos agentes que ocupam cargos de destaque em outros campos da sociedade.

Na obra *Questões de Sociologia* (Bourdieu, 2003), há a exposição sobre a antiguidade dos agentes naquele campo específico e os ocupantes das posições de dominância dentro daqueles campos. Para o autor, as posições que os agentes ocupam dentro dos campos têm relação direta com a antiguidade deste indivíduo dentro daquele campo. Assim, sob a ótica de estudo da presente pesquisa, é possível refletir sobre a inserção da população negra no futebol, na prática aplicada apenas dentro das 4 linhas do campo. As posições de gerência que exigiam características técnicas não eram possibilitadas a ela. Diante disso, a antiguidade da população negra nesse espaço de gestão dos clubes de futebol é quase inexistente.

Tal contexto é possível encontrar também no caso do São Paulo Futebol Clube. Durante seu processo de desenvolvimento e a definição de gerências para o crescimento do clube, houve um presidente que era banqueiro e foi convidado para cuidar das finanças do clube. Posteriormente, tornou-se presidente, ocupando este cargo por sete mandatos consecutivos. (Fumagal; Louzada, 2024).

Os autores Marques; Almeida; Gutierrez (2013), citam também a exceção de Roberto Dinamite que foi jogador do clube e conseguiu a ascensão como sócio, até chegar ao cargo de presidente. No entanto, eles também qualificam este fato como sendo algo raro e ainda salientam que mesmo em clubes-empresa ou clubes sócio-esportivo, possuindo características diferentes em sua estrutura gerencial, os critérios para alcance dos cargos de presidente, nestes clubes, são os mesmos.

Para os autores, a partir das concepções de Bourdieu, os diferentes capitais que os presidentes apresentam para exercer influência neste campo da gestão dos clubes esportivos funcionam como legitimadores da posição que ocupam. Para eles, isso se torna um *habitus* da classe dominante vindo do vínculo familiar, político e emocional em relação ao clube. (Marques; Gutierrez; Almeida, 2013).

Sobre as possibilidades de transformações destes campos e mudança dos indivíduos que ocupam as posições de dominância, para Bourdieu, ocorrem conforme características e possibilidade de cada campo tendo em vista que, cada campo tem suas particularidades. Desse modo, tendo em vista o cenário estrutural de discriminação racial encontrada na inserção da população negra, dentro dos clubes de futebol, é possível conceber mais um impendimento que reflete na ausência de pessoas negras dentro dos espaços de gestão dos clubes de futebol. Entretanto, o autor reflete que as transformações podem ocorrer também devido às que já ocorreram no macrocosmo em que aquele campo está inserido (Bourdieu, 2003. p. 209). Isso vai ao encontro do conceito de racismo estrutural que concebe as instituições como espaços racistas não só porque possuem estruturas e padrões racistas, mas porque estão inseridas em sociedades racistas que permitem os padrões e regras racistas dessas respectivas instituições.

Portanto, a partir dessa perspectiva e o presente objeto desta pesquisa, o grupo excluído de um determinado campo seria a população negra, por apresentar desvantagens com relação aos capitais necessários para frequentar determinado campo, enfrenta essa barreira informal em frequentar o espaço da gestão dos clubes de futebol.

3.3 HABITUS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As Representações Sociais, a partir da concepção de Moscovici (2007), é um sistema de ideias e valores responsáveis por guiar o cotidiano do indivíduo. Esse sistema de classificação e ordenamento serve para classificar e caracterizar objetos ou pessoas de modo com que o indivíduo tenha determinada representação, comportamento e ação diante desse objeto.

Por outro lado, o *habitus* são estruturas estruturadas dispostas a serem estruturantes. Ou seja, o *habitus* é o conjunto de esquemas físicos e cognitivos que conduzem os comportamentos do indivíduo. É, assim, um conjunto de comportamentos dispostos a serem estruturantes porque também vão moldar as estruturas futuras a serem estruturadas por este mesmo indivíduo (Bourdieu, 2007).

Bourdieu, na obra *Questões de Sociologia*, conceitua que *habitus* é “(...) um sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores(...)” (Bourdieu, 1983. p. 94).

Machado (2020), com base nessa definição, pondera o *habitus* como um conjunto de características adquiridas pelo indivíduo durante suas experiências pessoais ao longo de sua vida que são transformadas em capital político.

Nesse sentido, Bourdieu enfatiza o conceito de *habitus* dentro da teoria dos campos porque é um fator que o indivíduo deve possuir ao frequentar aquele campo. Os agentes inseridos naquele campos só podem estar lá e disputar os objetivos e objetos presentes nele, se forem dotadas daquele *habitus* específico.

Nos campos, o indivíduo ao adentrar em um determinado campos vai adquirindo novas experiências o que vai possibilitar o aumento dos seus capitais e o desenvolvimento do *habitus* necessário para a permanência do indivíduo neste campo. Essa é uma das justificativas para a construção de agentes com perfis hegemônicos ocupando determinados cargos em determinados espaços.

A contar desta contextualização, a população negra, ou qualquer outra minoria que não frequenta determinados espaços ou ocupa determinados cargos deixa de adquirir determinadas experiências e, conseqüentemente, deixa de adquirir determinados capitais e *habitus*. É a partir destes pressupostos de capitais e *habitus* que se buscou nesta pesquisa a explanação sobre as desvantagens que a população negra possui ao não possuir os capitais econômico e político, além do *habitus* citado pelo autor, para adentrar e permanecer no campo da gestão dos clubes de futebol.

Diante dessas duas concepções já é possível perceber a semelhança entre as teorias, pois, em ambos os conceitos, é possível inferir que as ações humanas são produtos de representações e do contexto social no qual o indivíduo está inserido.

Destaca-se como as representações sociais, segundo Moscovici (2007), serão responsáveis por guiar ações, comportamentos e atitudes em relação ao objeto ou em relação aos demais indivíduos presentes nas relações sociais. Desse modo, pode-se inferir como as representações sociais também serão responsáveis por guiar as ações do indivíduo dentro do campo - noção de campo apresentada por Bourdieu – no qual ele está ou pretende se inserir. Assim, é possível analisar como serão as atitudes e comportamentos dos demais indivíduos de um determinado campo em relação à população negra que busca se inserir e se legitimar naquele campo. Se as representações sociais que irão guiar os indivíduos forem representações sociais preconceituosas, as atitudes e ações em relação a outro indivíduo ou em relação à população negra também serão carregadas de preconceitos de cor.

Logo, os campos também podem funcionar como espaços de exclusão a depender dos capitais do indivíduo que busca a sua própria entrada e legitimação dentro deste campo. Voltando ao conceito de fronteiras exposto pelo autor, a posição social que o indivíduo ocupa e os campos que ele irá frequentar serão condicionados ao capital que esse indivíduo possui. Se o indivíduo possuir os capitais necessários para tanto, ele poderá ocupar os cargos condizentes com aqueles capitais.

Esse processo de exclusão tem outra atenuante apresentada no livro da autora Abdalla (2019). Com base nos estudos das obras de Bourdieu e outros autores que também utilizaram o sociólogo como pressuposto teórico, ela expõe como o campo também pode ser responsável por construir o *habitus*. Nesse sentido, esse fenômeno funciona como uma “via de mão dupla” porque, já foi exposto como é necessário ser portador de um determinado *habitus* para frequentar determinado campo, se o indivíduo não possuir tal *habitus* ele não frequenta o campo, ao não frequentar o campo ele não desenvolve esse *habitus*. Esse fenômeno reforça o cenário de exclusão de determinados grupos em determinado campo, reforçando a exclusão de minorias - dentre elas a população negra que faz parte desta pesquisa e historicamente está em desvantagem sendo privada de determinados espaços - tornando mais difícil o acesso dessas minorias a determinados capitais.

Os indivíduos presentes nas posições sociais mais inferiores terão representações sociais relativas aos cargos que podem ocupar e, conseqüentemente, vão desenvolver um *habitus* compatível com esses cargos que elas podem ocupar. Isso foi destacado por (Abdalla, 2019), ao analisar teses de doutorado correlatas ao tema, apontavam para as representações sociais do que é ser professor em cidades do interior e como tais representações consideravam o ser professor era uma extensão de um *habitus* ligado aos espaço social que aquele professor vinha e conseqüentemente, às condições sociais que lhes eram pertinentes.

Esse *habitus* será produto, portanto, dos capitais que o indivíduo vai adquirir como resultado dos espaços e educação da qual o indivíduo vai ter acesso. Desse modo, o *habitus* também será responsável por gerar representações sociais (Abdalla, 2019). Isso fica mais claro ao levar em consideração que o *habitus* depende da posição social e contexto no qual o indivíduo está inserido, visão essa corroborada pelos estudos de Moscovici (2007), ao conceber as representações sociais como dinâmicas porque variam de acordo com o espaço e posição social do indivíduo. É um *habitus* gerado no indivíduo que o leva à percepção de que pode ocupar tais cargos

ou espaços sociais. Esse *habitus* de ocupar determinados cargos ou frequentar determinados campos, são produtos da trajetória deste indivíduo, trajetória marcada por um conjunto dinâmico de condicionamentos exercidos sobre ele (Abdalla, 2019).

Nesse sentido, as representações sociais dos indivíduos em relação àquele campos e àquele cargo - no presente caso, o cargo de presidente dos clubes de futebol - serão diferentes conforme sua posição social. A população negra, ao ocupar classes sociais mais baixas, terá determinadas representações sociais sobre o cargo de presidente dos clubes de futebol, distintas das representações sociais daqueles que ocupam posições e classes sociais mais altas.

Para a autora, há uma outra relação possível entre os autores. A autora usa como base a tese de Campos & Lima (2015), para expor uma relação entre as representações sociais e poder simbólico. Segundo eles, em determinados campos, o poder simbólico que o indivíduo detém é o responsável por ditar as regras, é produto do capital simbólico que é produto de outros capitais como capital cultural ou político, mas também representações sociais dos indivíduos sobre os agentes que possuem esse capital simbólico. Portanto, esse capital, e consequentemente o poder simbólico advindo dele, ocorre também através das representações sociais (Abdalla, 2019).

Isso corrobora o pressuposto de que as representações sociais funcionam como classificadoras de um ordenamento social, se representações sociais podem ser baseadas em preconceitos como preconceitos de cor. Por tal realidade, a legitimação de poder de determinados grupos e a possibilidade desses grupos ocuparem determinados cargos (dentre esses cargos, o cargo de presidente do clube de futebol) em função desse poder simbólico, pode não ocorrer em função de representações sociais preconceituosas.

Na seção sobre racismo estrutural será exposto e refletido como a população negra está em desvantagem quando se trata de posições sociais. A partir desses pressupostos teóricos apresentados, supõe-se que o *habitus* desenvolvido por ela será um *habitus* condicionado às posições sociais que ela ocupa. Assim, o *habitus* ligado às representações sociais, em relação aos cargos profissionais, pode determinar quais cargos um grupo pode ou não vislumbrar ocupar. Tal proposição se torna mais evidente quando Bourdieu (2004), afirma que indivíduos dotados de um mesmo *habitus* agem de forma regular.

4 HISTÓRICO DA PRESENÇA DA POPULAÇÃO NEGRA NO FUTEBOL

A presente seção tem como objetivo discorrer sobre a entrada do atleta negro no mundo do futebol e de como o cenário de desigualdade racial também é possível estar presente no mundo do futebol, mais especificamente em sua gestão. Ao avaliar o passado desse esporte, desde sua chegada no país (1894) – período com uma realidade racista menos combatida que o cenário atual – chega-se à conclusão de que dali emana a visão da ainda impactante realidade de como um grupo (o negro) é visto, tratado e de até onde pode se destacar. Para Almeida (2018), ao conceber as instituições como reflexos sociais, das quais essas mesmas instituições estão inseridas – e nesse caso as instituições futebolísticas –, há ainda hoje reflexos da sociedade marcada por conflitos raciais daquele período.

A partir da conceituação sobre racismo estrutural, é percebido que ele é um fenômeno que perpassa todos os setores sociais, porque é concebido como um fenômeno dotado de estruturas gerais, mas é, principalmente, fundamentado sobre essas mesmas estruturas. Isto é, são estruturas sociais já consolidadas e pautadas em práticas institucionais e individuais desenvolvidas durante centenas de anos e, exatamente por esse fator, de ser um fenômeno que vem ocorrendo durante anos ele não é percebido como algo estranho, mas sim como algo já pertencente - quase que inerente - à atual conjuntura social encontrada. Tem-se, com este trabalho, a intenção de refletir sobre como encontrar e ilustrar o racismo estrutural na gestão dos clubes do futebol e a desigualdade racial naturalizada entre pessoas negras e brancas ocupando cargos de presidência.

Após a abolição do regime escravista, não houve nenhuma forma de políticas públicas de integração do negro ao mercado de trabalho. Observado do ponto de vista esportivo, também não houve qualquer forma de intervenção do poder público sobre isso e o processo de inclusão de pessoas negras no futebol também foi de grande dificuldade e complexidade, observada a conjuntura social da época. (Araújo & Silva. S/D. p. 12).

Trazido por Charles Muller, o futebol, inicialmente, era um esporte praticado apenas pela elite e isso é compreensível se levar em consideração, não havia sentido ele realizar esse esporte com pessoas de outras classes sociais observado o cenário de estratificação social existente naquele período. Se o esporte foi trazido de uma elite

para uma elite, os participantes desse esporte tendiam continuar sendo de uma elite e isso continuou até por volta de 1920 quando, o recém-criado Clube Vasco da Gama começou a contratar atletas negros (Oliveira, 2020).

O Clube Vasco da Gama, criado em 1915, era um time que vinha do subúrbio, diferente dos primeiros times da época, como Fluminense, Flamengo e Botafogo, que eram de outros locais da cidade e, portanto, eram times da elite. Quando ocorreu o primeiro campeonato estadual reunindo esses times, houve então o primeiro confronto entre Vasco e Flamengo. Foi um jogo marcado pela tensão devido a fatores extracampo que interferiram indiretamente na partida. Isso porque, era um confronto entre um time vindo da elite da cidade (o Flamengo) e um time do subúrbio com a presença de jogadores negros, mulatos e brancos. (Araújo & Silva. S/D).

Recentemente, nesse período brasileiro, era difundido por alguns autores o racismo científico com o objetivo de inferiorizar o negro. Segundo tais teorias, a pessoa negra era inferior ao branco biologicamente e a miscigenação que ocorria na época era motivo de atraso para o Brasil (Schwarcz, 1993). Esse contexto de inferioridade da pessoa negra era corroborado pelos jornais elitistas da época e denunciado por Florestan Fernandes (2008), que escreve sobre a realidade social brasileira e a discriminação que o negro sofria naquela época, sendo preterido por imigrantes para ocupar vagas no mercado de trabalho. Portanto, diante de todo esse contexto de discriminação e inferiorização presente, como era possível um clube vindo do subúrbio com atletas negros e mulatos (que eram inferiores segundo a elite da época) disputar um jogo direto contra um time só de brancos?

Outro fator que evidencia esse racismo velado é que quase não haviam treinadores negros. Em cargos gerenciais que era priorizado um determinado conhecimento teórico acerca do futebol, ficava mais complexa ainda a inserção de pessoas negras ocupando esses cargos. Enfatiza-se, assim, que isso se deve à conjuntura da época em que a inferiorização da população negra foi muito assídua na tentativa de justificar biologicamente essa discriminação e tinha inclusive o aporte de jornais da época (Araújo & Silva. S/D). Nesse contexto, o papel do atleta negro no campo futebolístico ficava restrito ao campo de futebol sendo destinado ao trabalho físico, com objetivo de novamente gerar renda àqueles que o contrataram. (Oliveira, 2020).

Mesmo havendo a presença de jogadores negros e estes se tornando destaques nacionais dentre seus companheiros, o destaque fica restringido a

presença de pessoas negras ao campo de futebol dentre outras funções, que não aquelas funções relacionadas à gestão. O prestígio social foi possibilitado ao jogador negro, desde que ele soubesse qual sua posição naquele círculo social. Ou seja, ele só estava ocupando aquele espaço porque foi permitido a ele ocupá-lo e não poderia transgredir determinados limites devido a sua posição social. Um desses limites seria exatamente a ocupação de espaços e posições de gestão dentro dos clubes de futebol.

5 RACISMO ESTRUTURAL

Nesta seção, serão apresentadas as concepções e as diferentes formas de racismo percebidas e atreladas ao racismo estrutural. Por meio da conceituação dos autores, será possível perceber as manifestações do racismo estrutural, na gestão dos clubes de futebol de diferentes formas.

Para González (1984), o racismo se estrutura pelo poder atrelado à naturalização da opressão e hierarquização que coloca a pessoa negra em uma posição de subalternidade. Essa situação se torna violenta e discriminatória porque cria um estigma sobre a população negra que a concebe como um indivíduo “improdutivo e de capacidade intelectual baixa”, o que contribui para a naturalização desse cenário de subalternidade. Isso se manifesta no presente objeto de estudo, ao naturalizar a ausência de pessoas negras em cargos de presidente nos clubes de futebol brasileiro e na “naturalidade” de pessoas negras ocupando apenas cargos relacionados ao trabalho físico.

Segundo Almeida (2018), para discutir sobre racismo, é necessário iniciar conceituando alguns termos fundamentais ao tema. O conceito de raça por exemplo, é entendido como a caracterização de identidades raciais, a partir de traços físicos ou características étnicas culturais que associam uma pessoa a uma determinada cultura, etnia ou região geográfica (Almeida, 2018).

Essa conceituação é necessária porque, segundo ele

(...) é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminaram em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam. (Almeida, 2019. p. 25).

Assim, o racismo acontece tendo como base a discriminação direta ou indireta a partir de traços fenotípicos da pessoa ou de uma característica étnica cultural. Essa

proposição de características vai ao encontro dos estudos de Florestan Fernandes (1974), pois, segundo ele, tornava-se claro que o preconceito no Brasil era exercido a partir de marcas e não de origem, ao contrário do que era nos Estados Unidos, que concebiam o preconceito a partir da origem da pessoa (Mesquita, 2019).

A partir deste conceito de racismo, alguns pontos importantes já podem ser destacados: o fenômeno do racismo estrutural acontece de uma forma sistemática, já que há um sistema estruturado que vai servir como base para a realização das práticas racistas; não são fatos isolados e ocasionais que ocorrem na sociedade que fundamentam o racismo.

Para Primo (2020), a discriminação racial vai ocorrer por meio da impossibilidade do acesso às pessoas negras a determinados estabelecimentos e direitos sociais como de saúde, e a impossibilidade de se expressar culturalmente via vestimentas, músicas, manifestações religiosas, entre outras expressões culturais características de seus grupos étnicos, sem serem criticados e combatidos. Importante elucidar dessa forma que a discriminação racial não se caracteriza apenas em forma de agressão física ou verbal contra determinadas pessoas ou grupos raciais, mais uma estrutura que se manifesta também no invisível e já tido como algo natural.

Para Almeida (2018), as práticas discriminatórias e segregacionistas ocorridas ao longo dos anos, tanto direta quanto a indireta, contribuíram para os processos de estratificação social que ocorreram ao longo da história. Logo, essas práticas “intergeracionais” e multiforme, encontra-se também na gestão dos clubes de futebol, como fruto de estruturas que foram construídas ao longo da história. Isso está em consonância com a pesquisa de Burlamaqui (2021), que apresenta a entrada de pessoas como sócios dos clubes de futebol não bastava apenas pagar para ser sócio, era necessário ter um determinado perfil proveniente de sua classe social e também cor.

O racismo individual tem como caráter principal abordar o racismo de forma isolada que é combatido via sanções cíveis e até penais em alguns casos. Contudo, essa concepção leva à discussão sobre racismo para um âmbito psicológico e da irracionalidade do indivíduo, mas ignorando, por conseguinte, todos os fatores sociais, econômicos, culturais e históricos presentes no fenômeno do racismo. Além do mais, leva-se em consideração essa concepção, as formas para combater o racismo estariam fundamentadas em práticas comportamentais e jargões reducionistas como “somos todos iguais”. (Almeida, 2018).

Esse não é o foco desta pesquisa, já que a concepção de racismo individual pode ser refletida por meio dos casos de racismo explícitos¹ de determinadas pessoas contra jogadores negros. A reflexão presente nessa pesquisa é a manifestação do racismo estrutural dentro do campo da gestão dos clubes de futebol, que não é explícita, mas pode ser percebida através da análise do perfil dos presidentes e a possível ausência de pessoas negras ocupando estes cargos.

Sobre a concepção de racismo institucional, são práticas indiretas, mas funcionais das instituições que colocam em desvantagem determinados grupos raciais ou étnicos. Segundo essa concepção, as práticas racistas não podem ser reduzidas a comportamentos ou práticas individuais isoladas. A partir dessa concepção, é elaborada uma série de discussões, além daquelas reducionistas focadas no indivíduo. Primeiro, segundo Almeida (2018), a estabilidade social passa pela capacidade das instituições em perceber e controlar os conflitos advindo das heterogeneidades presentes na sociedade. Esse fator se torna mais significativo porque as instituições moldam os comportamentos e decisões dos indivíduos que pertencem a ela, logo, os comportamentos racistas ou não dos indivíduos podem ser legítima reprodução das posições que as instituições aderem aos se defrontar com os antagonismos encontrados na sociedade (Almeida, 2018).

Essa concepção vai ao encontro do conceito apresentado pelo *Guia de Enfrentamento ao Racismo Institucional* que definiu como sendo racismo institucional, “(...) normas, práticas e comportamentos discriminatórios adotados no cotidiano do trabalho,(...) (Silva, 2017. p. 4).

Essa perspectiva envolve fatores que devem ser refletidos, mas um dos principais é a postura homogeneizadora que as instituições podem assumir. Nesse sentido, mesmo a sociedade sendo heterogênea, as instituições aderem a comportamentos, padrões de estética e até linguagem, e tornam esses aspectos como necessários para que as pessoas possam frequentar determinadas instituições (Almeida, 2018).

Nessa mesma perspectiva de padrões a serem seguidos para a possibilidade de frequentar determinadas instituições, Silva (2017) argumenta que isso é uma lacuna a ser preenchida pelas instituições, que devem ser responsáveis por oferecer

¹ Para saber mais os casos explícitos de racismo, ler as pesquisas de TEIXEIRA; SOUZA; MONI, 2021; RIBEIRO; PIMENTA, 2022; ABRAHÃO; OLIVEIRA; SOARES, 2023; PIMENTA, 2021.

possibilidades para que todos possam usufruir dos serviços ofertados por ela, independente de quaisquer fatores étnicos.

Desse modo, o racismo estrutural na forma de racismo institucional, não significa que os clubes de futebol estão adotando medidas segregacionistas para impedir a presença de pessoas negras no cargo de presidente ou nos cargos gerenciais. Mas, a ausência de pessoas negras no campo da gestão dos clubes de futebol, a partir da perspectiva da concepção de racismo institucional, ocorre na neutralidade dos clubes e na indiferença ao fato de não haver pessoas negras frequentando este espaço de suas gestões.

Por fim, a concepção de racismo estrutural parte da concepção de racismo institucional. Isso porque, concebe-se que as instituições são responsáveis por compreender e trabalhar com conflitos sociais. Para Almeida (2018), isso significa dizer que as instituições impõem padrões racistas ou deixam de adotar posturas de reparação histórico social, porque estão inseridas em uma sociedade que permite às instituições adotarem essa mesma postura discriminatória.

Em resumo, segundo o autor “(...) as instituições são racistas, porque a sociedade é racista” (Almeida, 2018. p. 31). Os clubes de futebol como instituições inseridas nessa sociedade ornamentada racialmente, também podem adotar involuntariamente e reproduzir padrões racistas encontrados socialmente. Nesse mesmo sentido, Gomes (2005), através da leitura e estudo de outros autores, também irá definir duas formas de racismo, sendo o racismo individual como os atos realizados por indivíduos contra outros indivíduos (atos que podem ser desde agressões físicas até a destruição de bens ou propriedades), e a discriminação racial institucional, também baseada em ações não percebidas nas instituições e com a participação do Estado. Tidas como práticas institucionalizadas de discriminação racial podem ser encontradas na ilustração de imagens estereotipadas e até deturpadas de personagens negros em livros didáticos, na ausência de histórias positivas sobre a população negra no Brasil. Mesmo a mídia “(...) insiste em retratar os negros, e outros grupos étnico/raciais que vivem uma história de exclusão, de maneira indevida e equivocada.” (Gomes, 2005. p. 15).

É por isso que as medidas estatais, além de leis punitivas, em relação ao racismo e à prática discriminatória, não têm sido suficientes para sanar esse problema latente da desigualdade racial e a reprodução de práticas discriminatórias presente no Brasil (Silva, et. al. 2003). Esse enraizamento do racismo, bem como sua estruturação

e naturalização, tornaram-se tão alicerçados socialmente que normativas legais punitivas, além de discursos solenes realizados por entidades estatais oficiais, têm sido ineficazes na diminuição de desigualdades ou discriminações raciais.

A reflexão realizada por Silvio Luiz de Almeida, corrobora essa provocação. Segundo ele, se a concepção de racismo estrutural parte de uma concepção onde, as instituições aderem à posturas e padrões que colocam em desvantagem determinados grupos raciais ou étnicos e que na verdade, essas posturas e essas práticas só são adotadas porque há uma sociedade com uma determinada ordem social vigente que permitem isso, percebe-se que é uma estrutura, um processo contínuo e que é complementado por ambas as partes presentes nesse processo.

É necessário pensar se uma pessoa negra ocupando cargos de liderança política ou cargos de representatividade social como é o caso dos presidentes dos clubes de futebol brasileiro, seria ou não o suficiente para abalar essa ordem social vigente.

As concepções elencadas por Silvio Luiz de Almeida (2018) e esse *modus operandi* que o autor mostra para seus leitores, geram algumas reflexões. Primeiro, se as instituições aderem a práticas racistas ou de neutralidade elas também podem aderir a práticas que procurem diminuir essas desigualdades raciais encontradas em na sociedade. Porém, ao se colocar nessa posição na busca de colocar em prática ações de reparação de desigualdades histórico sociais, significa admitir que há estruturas e há sim, desigualdades raciais enraizadas na sociedade.

Tal panorama é o que resulta no fenômeno do racismo como um conjunto sistêmico, atravessando a sociedade em diferentes esferas. Ele é sistêmico porque está presente no âmbito público e privado alimentando-se de uma sociedade que foi estruturada racialmente e teve seus indivíduos racializados. Ele foi naturalizado ao cotidiano social porque pode ser constatado na esfera econômica, social e política, que se fundamenta também nessas três esferas para continuar atuando dentro da sociedade. Isso também pode ser analisado, à luz dos pressupostos teóricos de Bourdieu, com a teoria do campo e os capitais, dentre eles o capital político e o capital econômico dos agentes.

A partir do conceito de racismo estrutural torna-se possível evidenciar um pouco como funciona o fenômeno do racismo no Brasil. Logo, pessoas brancas nascem com uma determinada vantagem sobre as pessoas negras porque, não precisam se preocupar com a roupa que estão saindo de casa, não precisam se

preocupar com abordagens policiais “sem motivo”, não precisam esvaziar a bolsa ao sair de uma loja, entre outras situações. Esses fatos que ocorrem no cotidiano são formas de racismo, um racismo velado que acontece nas entrelinhas das relações sociais como consequência de uma sociedade habituada ao racismo porque é estruturada racialmente.

Soma-se a isso, o cenário no qual apenas a população branca ocupa lugares de privilégio social (como é o caso dos cargos de presidentes dos clubes de futebol) sem qualquer tipo de questionamento ou reflexão por parte da sociedade. Essa é uma das características de uma sociedade estruturalmente racista, e a sociedade brasileira é assim (Castro, 2021).

A estrutura foi elaborada assim e é mantida, visto que é um ciclo no qual as pessoas brancas e negras nascem nessa mesma sociedade, contudo, elas estão inseridas em contextos diferentes e com oportunidades diferentes. Os conselheiros e presidentes dentro dos clubes de futebol continuarão indicando determinados indivíduos com determinadas capitais, apresentados por Bourdieu, para frequentarem o campo da gestão ou também se tornarem conselheiros. Se apenas indivíduos com estes capitais forem indicados, mantém-se o ciclo de apenas um perfil de pessoas frequentando o campo da gestão dos clubes de futebol. As desigualdades raciais que a população negra enfrenta como produto do processo histórico social em relação à estratificação social, também serão percebidas na gestão dos clubes de futebol, na relação entre capitais necessários para frequentar esse espaço e a desigualdade racial entre os grupos que buscam frequentar esse campo.

Como o fenômeno do racismo será encontrado nessas diferentes esferas, ficará mais evidente analisar as manifestações do fenômeno do racismo estrutural, dentro dos clubes de futebol brasileiro.

5.1 RACISMO E ECONOMIA

Esta seção tem como objetivo perceber as manifestações do racismo estrutural na esfera econômica porque, conforme analisado na seção 7, o perfil econômico dos presidentes dos clubes de futebol é centrado em profissões como médicos, advogados, administradores, empresários, entre outras profissões liberais. Ao perceber o perfil profissional da população negra e como esta é marcada por ocupar profissões diferentes das elencadas, elucida-se mais uma razão para a ausência dela no cargo de presidente.

Com o fim do regime escravista e a ausência de políticas públicas de integração da população negra, deixando-a à margem da sociedade, obrigando-os a se sujeitar aos piores postos de trabalho para sua própria subsistência. Esse cenário contribui para o desenvolvimento de uma divisão racial do trabalho.

A relação entre colonização, economia e racismo se torna exposta, justificando a colonização e a colonização justificando o racismo. Nesse ínterim, a função social do racismo foi permitir a desumanização de determinados povos para então escravizá-los. Nesse horizonte, a relação entre racismo e economia acontece quando as colonizações ocorreram com objetivo de exploração de outros povos para expansão do capital dos colonizadores, mesmo que terras fossem usurpadas e nativos duramente explorados. Como a escravização teve um de seus fundamentos a racialização dos povos e ocorreu com o objetivo de lucrar com a exploração das terras, a relação entre economia e racismo se iniciou há séculos atrás (Araújo, 2022).

Para Alves (2022), essa relação é mais profunda, pois, para ele, após o período escravista e a fundamentação dele através do racismo, gerou uma divisão racial do trabalho que deixou sequelas presentes ainda hoje no Brasil. Assim houve uma fundamentação de todo um sistema de modo produção econômica baseado na segregação racial. Isso pode ter ocorrido porque já estavam naturalizadas as relações sociais racistas e, portanto, não houve qualquer forma de contestação contra essa estrutura social que se formava na época. Nessa situação, ocorre a marginalização da população negra, a qual foi obrigada a se submeter a subempregos para sua subsistência.

Fato é que a divisão racial do trabalho assume um papel importantíssimo na sociedade, tendo em vista que, o trabalho se tornou a condição básica de subsistência da espécie humana, portanto, ao definir os postos de trabalho de cada indivíduo e, conseqüentemente, definir a renda que cada indivíduo terá ao ocupar tais postos de trabalho, também se define a vida que aquele indivíduo terá. Portanto, ao condicionar a população negra a ocupar determinados postos de trabalho, também é condicionado a vida material que ela terá a partir daquele emprego. Se ela fica sujeita a ocupar postos de trabalho precários, é compreensível que ela também esteja sujeita a uma vida precária. Em vista disso, pode-se refletir sobre toda a estrutura social e a estratificação social existente dentro de uma sociedade.

Vale ressaltar aqui que a renda salarial de um indivíduo é em grande parte responsável pelos lugares que ele frequenta, a cultura que ele consome, o acesso à

educação que aquele indivíduo tem, entre outros fatores e tudo isso estará condicionado significativamente por uma divisão racial do trabalho. Isso está em consonância com a reflexão realizada, a partir dos pressupostos teóricos de Bourdieu (1989), pois ele destaca como o desenvolvimento dos capitais - capitais necessários para ocupar o cargo de presidente - só ocorre quando o indivíduo possui acesso à estes capitais ou tempo para estudar e adquirir o capital político, por exemplo. Tendo em vista que o trabalho é a base para o desenvolvimento social, cultural e financeiro do indivíduo e os cargos de presidência dos clubes de futebol são cargos voluntários, ou seja, são cargos que não possuem qualquer forma de pagamento oficial, são ocupados, na maioria das vezes, por empresários conforme Machado (2020), ou pessoas com outras formas de renda que não precisam destinar determinado período do seu dia para produzir sua forma de subsistência.

Esse cenário de divisão racial do trabalho também é percebido na pesquisa de Santos; Scopinho (2015). Ao refletirem sobre representações sociais e racismo, os autores expõem como a educação básica de qualidade é essencial para o acesso ao ensino superior público e, conseqüentemente, aos melhores postos no mercado de trabalho, contudo, essa educação básica de qualidade e o ensino superior são características comuns na vida de pessoas brancas.

Em contrapartida, a população negra, devido ao passado marcado pela discriminação racial, teve dificuldade em conseguir postos de trabalho e, conseqüentemente, a renda necessária para própria subsistência. É uma população que até os dias atuais tem dificuldade de ocupar postos de trabalho mais rentáveis e, portanto, precisa destinar um tempo do seu dia maior para produzir sua subsistência. Diante desse cenário, percebe-se uma característica que impossibilita a pessoa negra de ocupar estes cargos de presidentes dos clubes de futebol.

5.2 RACISMO E POLÍTICA

A ocupação desses cargos de prestígio social e de gerência por pessoas negras é de suma importância porque mostra aos grupos que foram historicamente segregados racialmente e não puderam ocupar cargos de comando por serem “incapazes” de tal função que o passado com sua visão limitada e equivocada não define o presente nem o futuro. Sendo assim, há uma significação social quando existem pessoas representantes de grupos de minorias sociais, ocupando estes

cargos.

[...]. Na medida em que pessoas negras continuam ocupando lugares subalternos e pessoas brancas em lugares de liderança e poder, a imagem que fica no imaginário social é de que pessoas negras são naturalmente inferiores, incapazes de ascender socialmente. (Castro, 2021. p. 5).

Para Lins (2022), há grupos socialmente hegemônicos devido a processos históricos de formação social e estabelecimento de grupos com maiores poderes sociais do que outros. Isso se torna importante, porque tais grupos hegemônicos socialmente conseguiram impor suas ideologias no seio social e mais impactante se torna quando esses grupos conseguem importar suas ideologias para os aparelhos estatais. Diante de aparelhos estatais como o judiciário, por exemplo, há uma postura de neutralidade, tornando-se ainda mais influenciados quando grupos hegemônicos conseguem adentrar nessas instituições. Em face desse contexto, evidencia-se a importância de haver grupos que representam as minorias sociais dentro de tais instituições estatais.

Isso vai ao encontro da teoria do *Campo* apresentada anteriormente. *Campo* é um espaço em que ocorrem disputas e jogos de interesses entre indivíduos e indivíduos com maiores capitais têm maiores influências nestes campos. Os objetos de disputa dentro desse microcosmo têm de ser conhecidos pelos agentes inseridos dentro destes campos. Logo, os campos da política e da gestão dos clubes de futebol se assemelham nesse sentido, pois os agentes inseridos naquele campo procuram manter restrito e permitir a entrada apenas de agentes específicos neles, esses que lutarão em função dos mesmos interesses.

Ao assumir uma postura de neutralidade, o Estado reforça as desigualdades presentes na sociedade levando em consideração que a população branca e negra não possuem as mesmas oportunidades, nem a mesma educação, o mesmo capital cultural e assim por diante. Posto isto, não há como colocar em uma disputa, partindo “do mesmo lugar” de igualdade entre grupos que possuem desvantagem em relação ao outro grupo.

Dessa forma, é possível perceber a necessidade de se debater a ausência de pessoas negras em cargos de prestígio social, pois, ainda que apenas isso não seja suficiente para vencer esse cenário de desigualdade racial, a realidade contemporânea desta questão mostra-se como um catalisador para discutir sobre desigualdade racial no Brasil.

Ademais, para Bourdieu (2003), há uma semelhança entre os campos e nesse

caso, há a semelhança entre o campo político e o campo da gestão dos clubes de futebol. Dessa forma, o campo da gestão dos clubes de futebol se apresenta também como campo político, o que reforça a necessidade de possuir determinados capitais para ocupar determinados cargos ou frequentar determinados campos.

5.3 RACISMO E CULTURA

É necessária uma reflexão maior social sobre a relação entre racismo e cultura, por meio da percepção do racismo estrutural na forma de racismo velado. Isso não significa dizer que existe uma cultura explicitamente racista, mas sim que é possível perceber via autores apresentados, um racismo que acontece de forma velada. Ele é velado e a sociedade em geral não questiona o cenário no qual apenas pessoas brancas ocupam determinados cargos, entre eles o cargo de presidente dos clubes de futebol.

Segundo Cirqueira; Ratts. (2010), o racismo à brasileira é uma forma de racismo que se caracteriza exatamente pelas características físicas do indivíduo, segundo eles, a possibilidade do indivíduo passar por situações de racismo, aumenta conforme suas características físicas, que remetessem à “características negro-africanas”. Nesse sentido, o termo “racismo à brasileira” é uma forma de racismo velado não assumido pelas instituições. O autor Mesquita (2019), estabelece uma comparação entre Brasil e Estados Unidos, ao declarar que, no país norte americano, o racismo foi exercido a partir práticas institucionalizadas e as práticas de segregações racistas foram exercidas de forma legalizada, diferente do Brasil, mas praticadas e não assumidas.

Por aqui, as práticas racistas aconteciam de forma na qual os comportamentos e atitudes no seio social e também nos setores presentes nela fazendo com que o negro ficasse estigmatizado e preso à sua classe “inferior” (Mesquita, 2019). Sobre essa comparação entre Brasil e EUA, é válido refletir que o preconceito no Brasil é um preconceito de marca e não de origem, como é nos EUA. No EUA há a regra “*one drop one rule*”, em tradução livre seria “uma gota uma regra”, que consiste basicamente no seguinte, se o indivíduo tiver qualquer origem africana, mesmo ele sendo branco, ele sofrerá determinados tipos de preconceito. Ao contrário do Brasil, onde há um preconceito de marca, pois, se o indivíduo for negro, independente da sua origem, ele sofrerá preconceito ou discriminação racial. É um preconceito

baseado em fenótipo

Essa concepção de racismo velado é percebida em outros trabalhos que discorrem sobre as diferentes formas de racismo. Segundo Silva (2017), o chamado de velado ocorre por meio de instrumentos encontrados nas instituições como regras, atitudes e comportamentos que não são explícitos e visíveis, mas ainda assim, agem de forma efetiva dificultando o acesso da população negra a essas instituições e, conseqüentemente, há a dificuldade ao acesso aos serviços e direitos que essa instituição oferece.

O fenômeno do racismo não explícito, presente no Brasil, funciona de forma invisível porque foi incorporado e naturalizado na sociedade brasileira. É a todo momento negado pela sociedade e pelos representantes nacionais é reconhecido também por autores como Kabengele Munanga (2005) e a autora Lelia Gonzalez (2020), que denomina esse fenômeno de “racismo à brasileira”

Como um dos exemplos da relação entre racismo e cultura, pode-se citar o mito da democracia racial. Nele foi desenvolvida uma falácia, no início do século XX, na sociedade brasileira, que perpetuava a ideia de que a população branca, indígena e a negra viviam em harmonia, não havendo qualquer forma de discriminação racial ou conflito social devido às desigualdades raciais existente naquele período, além de terem as mesmas oportunidades de emprego bem como, de ascensão social. Através da incorporação social do mito da democracia racial e da aceitação dessa falácia, desenvolveu-se uma cultura acerca da desigualdade racial encontrada no Brasil e portanto, as posições sociais que a população negra e a branca ocupavam não eram mais questionadas, já que foi naturalizada a desigualdade racial encontrada no país.

A autora Elpidio (2020) destaca como o mito da democracia racial serviu como uma espécie de simulacro para que a população negra não compreendesse o cenário de exploração desenfreada que ocorria contra ela mesma, em função do desenvolvimento do estado capitalista que se buscava naquele contexto. Para Gomes (2005), esse mito é reforçado pela falácia de que não existe desigualdade racial no Brasil porque há inúmeros casos de pessoas negras bem sucedidas, além da presença de pessoas negras ocupando espaços de relativa influência como atores, apresentadores, entre outros. Essa negação da existência de racismo no país também atuará como reforço do enraizamento do mito da democracia racial. Os autores Portela Junior & Lira (2022), também com base nos estudos sobre a autora Lélia Gonzalez (1983 e 2020), refletem como o mito da democracia racial foi incorporado em discursos

oficiais, dificultando o desenvolvimento de políticas públicas direcionadas para a diminuição da desigualdade racial no Brasil. Esse cenário de negação do racismo foi reforçado também pelo Estado brasileiro que foi admitir a existência de desigualdades raciais no Brasil apenas em 1990 (Gomes, 2005; Silva, 2015). Uma das sequelas percebidas nos dias atuais como produto do mito da democracia racial é esse consenso de harmonia racial e, portanto, as oportunidades de ocupação no mercado de trabalho, bem como de ocupação de determinados cargos são oportunidades iguais para todas as raças e que podem ser utilizadas por qualquer indivíduo.

Em um estudo realizado sobre a presença de pessoas negras nas carreiras jurídicas, Santos (et. al. 2022), foram realizadas entrevistas com os pesquisados e, a partir da análise de conteúdo das entrevistas, pôde-se novamente constatar nos relatos dos entrevistados, a presença do racismo estrutural também nas relações de poder estabelecidas nos cargos públicos de direito. Uma vez mais é possível encontrar a teoria do *Campo*, de Bourdieu, no campo do direito, que por ser um campo restrito, também tem suas singularidades e regras próprias de funcionamento. Portanto, os indivíduos novos que adentram a este campo enfrentam resistências pelos demais indivíduos já inseridos e, conseqüentemente, têm mais dificuldade durante relação de forças no jogo de interesses existente nesse respectivo campo.

Isso também pode ser constatado, quando alguns participantes chamam a atenção para a indiferença por parte da hegemonia branca dentro das instituições, quando falado sobre a desigualdade racial notada. Segundo os participantes, os colegas não se interessam pela discussão por não enxergarem a ausência de pessoas negras nesses cargos como um problema. Em paralelo a isso, é necessário comparar com o objeto da presente pesquisa, na indiferença dos demais indivíduos que frequentam o campo da gestão de futebol, em relação à ausência de pessoas negras nesse espaço.

Para os autores isso pode ser até um esforço sutil da hegemonia branca, para manter tal hegemonia e as relações de poder que permeiam essa hegemonia, o que contribuiria para a manutenção do racismo estrutural. (Santos, et. al. 2022). Para Bourdieu, os agentes já inseridos naquele campo, utilizam-se de seu capital para manter aquele restrito aos agentes que lhes interessam.

Gonzalez (1984) relembra as heranças culturais do Brasil para refletir sobre racismo e cultura. Ela chama a atenção para a naturalização que houve em na sociedade em observar pessoas negras ocupando apenas cargos servis. Tal

naturalização cria a imagem de que a população negra não tem capacidade para ocupar outras funções. Ocupando apenas cargos servis, ficam sujeitos aos salários menores e marginalizada socialmente. (Gonzalez, 1984; Lins, 2022).

Através das contribuições dos autores sobre racismo e cultura, foi possível perceber como a cultura tem papel importante no racismo estrutural na forma de racismo velado. Essa mesma forma será encontrada nas instituições futebolísticas na ausência de pessoas negras no cargo de gerência, também pautada na cultura racista que naturalizou essa estrutura social marcada por algumas hierarquias e a presença de apenas pessoas brancas no topo dessas hierarquias.

6. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E RACISMO

Diante da obra do psocólogo social Serge Moscovici (2007), e artigos relacionados ao tema, busca-se aprofundar a reflexão frente à Teoria das Representações Sociais (TRS) e, a partir disso, perceber as possíveis relações entre as TRS, Racismo Estrutural e a naturalização da ausência de pessoas negras nos cargos de presidente, influenciando no cenário de racismo estrutural vigente.

Para Santos; Scopinho (2015), a teoria das representações sociais está diretamente ligada às construções sociais e históricas, portanto, é pertinente refletir sobre o cenário de desigualdade racial no Brasil, com ênfase em quais construções sociais e históricas ainda são influentes no cenário de racismo no Brasil.

Para Moscovici uma representação é “Um sistema de valores, idéias e práticas, com funções como: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo (...)” (Moscovici, 2007. p. 21).

Para Jodelet (2001), as representações sociais são formas de conhecimento socialmente construídas, destarte, a isso é possível questionar sobre quais conhecimentos foram elaborados e construídos socialmente acerca do racismo e da desigualdade racial e as possíveis representações sociais racistas provenientes desses conhecimentos.

Desta forma, Representação Social (RS) pode ser uma ideia favorável ou não de um determinado objeto, uma possível compreensão de uma determinada cultura, por exemplo, que irá orientar as atitudes, práticas, comportamentos e pré-conceitos com relação àquela comunidade. Destaca-se, portanto, que as representações sociais, segundo Moscovici (2007), estão condicionadas à posição social e contexto que o indivíduo ocupa. Logo, diferentes indivíduos com diferentes posições sociais, terão representações sociais diferentes acerca do mesmo objeto.

É a partir desse pressuposto que se busca refletir sobre racismo, considerando a perspectiva da Teoria das Representações Sociais. Se essas representações são responsáveis por orientar o cotidiano dos indivíduos, sua prática, seus valores, classificar grupos, pessoas e objetos, o indivíduo, ao desenvolver representações sociais preconceituosas ou racistas, terá condutas no cotidiano consideradas racistas. Como representações sociais são impostas, interiorizadas e naturalizadas sem que o indivíduo tenha a possibilidade de questionamento, ele conceberá comportamentos, ideias e valores racistas como “normais”.

Assim, como visto nas seções anteriores, há a hipótese de que o racismo estrutural também é nutrido a partir das representações sociais racistas ainda existentes na sociedade e porque alguns grupos sociais naturalizaram esse cenário de desigualdade racial percebido no Brasil. Além disso, os autores apresentados na seção anterior apresentam o cenário de naturalização do racismo, desigualdades raciais, comportamentos, práticas ou atitudes racistas não percebidas no cotidiano social porque estão naturalizadas, contudo, para que ocorra tal naturalização são necessárias representações sociais referentes aquele cenário que conceba ele como algo natural e não como uma construção social.

Há uma força que as representações exercem sobre os indivíduos, mas principalmente como elas são impostas aos indivíduos sem qualquer resistência por eles. São elas produtos de processos longínquos e, portanto, já estruturadas anteriormente à existência do indivíduo, mas que irão decretar inúmeros pensamentos do indivíduo.

Outra função que as representações exercem segundo Moscovici, é uma função de convencionalização, pois as representações têm a função de localizar o objeto, pessoa, ou acontecimento em uma determinada categoria e as outras características sobre o objeto que emergirem a seguir, servem apenas para confirmar a classificação daquele objeto específico. Mesmo quando um determinado objeto não se encaixa perfeitamente em determinada classificação, o indivíduo força aquele objeto e atribui a ele determinadas características, para o encaixar naquela classificação. Segundo o psicólogo social, o indivíduo realiza esse processo de categorização do objeto para o tornar familiar e aceitá-lo.

Diante do exposto, pode-se refletir como características são impostas a determinado objeto através de representações, mesmo que de forma errada e consequentemente tais características podendo ser preconceituosas. A partir dessas funções definidas por Moscovici, as representações são impostas, mesmo sem o consentimento do indivíduo, podendo gerar atitudes preconceituosas ou discriminatórias, a partir da categorização dos objetos (comunidades e grupos sociais, por exemplo).

Ao formar uma opinião sobre determinado objeto, o indivíduo já tem uma representação social referente a ele. Nesse sentido, as representações sociais sobre um objeto vem acompanhada de inscrições sociais referente ao grupo social a que aquele indivíduo pertence (Santos; Scopinho. 2015). Essa premissa corrobora o

cenário de preconceitos que podem ser desenvolvidos sobre um objeto em função do grupo social proveniente daquele indivíduo.

Se um indivíduo conceber socialmente uma RS (Representação Social) preconceituosa ou discriminatória de um determinado objeto, ele poderá ter atitudes preconceituosas e discriminatórias com relação àquele objeto porque estará sendo orientado pela RS que concebeu sobre aquele objeto. É importante ressaltar que uma RS é uma informação repassada verbalmente ou não, voluntariamente ou não de um indivíduo para outro através de processos de comunicação.

Para Moscovici, os pensamentos dos indivíduos são estruturados a partir de um sistema que está condicionado pelas representações sociais e pela própria cultura que aquele indivíduo está inserido (Moscovici, 2007). Dessa forma, pode-se refletir sobre quais são as representações sociais expostas nos mais variados processos de comunicação existentes no Brasil estão estruturando o pensamento social relativo ao racismo e a desigualdade racial.

Como a maioria das RS são desenvolvidas no processo de socialização de um indivíduo, ele não tem consciência se aquelas RS são preconceituosas e acaba naturalizando-as sem qualquer questionamento. Moscovici constrói essa reflexão chamando esse fenômeno de “representações superimpostas” (Moscovici, 2007. p. 33), mais adiante, o referido autor volta a se referir às representações que são impostas aos indivíduos como “forças irresistíveis”.

Essas ditas “forças irresistíveis” podem ser encontradas na estrutura social existente no cenário de racismo estrutural percebido no Brasil. A possível ausência de pessoas negras em cargos de gestão, bem como, a percepção de pessoas negras ocupando postos de trabalho subalternos e a naturalização desse fenômeno podem ser considerados como uma “força irresistível” sobre o indivíduo que por consequência naturaliza esse cenário de divisão racial do trabalho.

Para Moscovici, as RS são dinâmicas e não estáticas assim como Durkheim concebia as representações coletivas. Isso se deve porque o pensamento e as ideias dos indivíduos são dinâmicas inclusive as experiências e ideias advindas do passado, são muito ativas no pensamento do indivíduo mesmo após anos mudando e infiltrando sobre o pensamento do indivíduo. Para o psicólogo social, em muitos aspectos “o passado é mais real que o presente” (Moscovici, 2007. p. 37).

Desse modo, a influência das representações e o controle que elas exercem sobre o indivíduo é produto do sucesso das representações estabelecidas

historicamente que exercem influência nos dias atuais por meio das representações do ontem e da continuidade que esse processo tem naquela sociedade. À vista disso, clarifica-se a busca desse trabalho em refletir sobre representações sociais e racismo estrutural, notado o regime escravista no Brasil é possível inferir sobre as sequelas do pensamento racial daquela época, sobre o pensamento racial de hoje.

Como exemplo da influência das representações sociais, Moscovici ilustra a mudança no dicionário do significado de uma palavra. Se uma determinada palavra muda de significado repentinamente porque especialistas definem isso, isso tem consequências culturais e não apenas linguísticas. Assim, as palavras, como signos, tem o poder de classificar um objeto e, portanto, cria-se essa classificação no pensamento dos indivíduos que vão definir aquele objeto conforme a descrição daquela palavra no dicionário. Uma vez difundido socialmente esse conteúdo, ele pode inclusive definir valores e hierarquias sociais. (Moscovici, 2007). Isso significa que para o autor, as representações evocam um modelo com características do referido objeto, além de igualar a imagem às ideias criadas sobre o objeto e vice-versa. Moscovici cita como exemplo a palavra “neurótico” que sofreu alterações na sua definição ao longo dos anos e o julgamento com relação às pessoas que antes eram diagnosticadas como neuróticas, que mudariam caso essa palavra desaparecesse.

Em razão disso, pode-se considerar o peso que as teorias racistas tiveram sobre o pensamento social daquela época e como esse pensamento social desenvolvido e assentado socialmente naquele período, continua ecoando e interferindo no cenário de racismo estrutural e desigualdade racial persistente nos dias de hoje no Brasil. Logo, o pensamento social racista sobre a população negra que a classifica como “improdutiva” ou “não apta para atividades de gerência” tem consequências práticas no desenvolvimento de representações sociais sobre a capacidade dela em exercer determinado cargo ou função e, neste caso, o cargo de presidente de um clube de futebol.

Para Moscovici, são as representações que orientam e guiam sobre quais os objetos que os indivíduos vão ou não tornar visíveis para eles próprios. Para ele os indivíduos só reconhecem um mundo que é familiar a si, o que torna isso pertinente é que esse mundo foi criado pelo próprio homem, representando tudo também criado por e para si. Em outras palavras, todas as representações existentes e familiarizadas ao homem são criadas por eles mesmos, portanto, representações de cunho

preconceituosas ou discriminatórias também foram criadas pelo próprio homem.

Com base nisso aqui apontado, reforça-se a necessidade de falar sobre racismo, desigualdade racial e a visibilidade da pessoa negra, além de outras discussões relativas ao tema. A criação de representações sociais relativas ao fenômeno do racismo, bem como da possibilidade da pessoa negra ocupar cargos de representatividade social, inicia por meio de exercícios como tentar perceber quantas pessoas são gerentes em lojas comerciais, bancos. Nos hospitais procurar enumerar quantos médicos são negros. Nos tribunais, identificar quantos advogados, juízes ou promotores são pessoas negras.

Esse cenário de visibilidade da pessoa negra também pode ser refletido à luz da teoria das representações sociais. Para os autores Silverio; Motokane (2019), suas pesquisas demonstram como as representações sociais também podem ser percebidas nos livros didáticos, demonstrando o impacto social que as representações sociais podem ter. Segundo os autores, as representações sociais racistas nos livros didáticos podem ser percebidas a partir da exclusão do corpo negro dos livros didáticos, que, segundo eles, ocorre porque, historicamente, há representações sociais distintas sobre o corpo da pessoa branca e o corpo da população negra que desumaniza a pessoa negra. Esse cenário de exclusão do corpo negro dos livros didáticos reforça a representação social de desumanização do corpo negro, algo contraintuitivo, já que segundo dados do IBGE, a maioria da população brasileira é negra ou parda (Silverio; Motokane. 2019).

Nas revistas de turismo de luxo, também é possível perceber essa invisibilidade da pessoa negra nas capas. Essa “inexistência” de pessoas negras viajando contribui para o reforço da representação social que associa viagens de luxo ou férias apenas às pessoas brancas. Esse cenário foi constatado na pesquisa de Oliveira (2022), através da análise das capas de revistas de turismo de luxo. Seu trabalho pontua e evidencia que, quando a presença de pessoas negras é retratada, é majoritariamente como trabalhadoras em hotéis ou atrativos, mas não como turistas.

Para Moscovici (2007), se as RS têm condições de ajudar a conservar e estruturar uma determinada configuração social, pode-se deduzir como elas têm influência sobre uma sociedade que pode ser considerada uma sociedade estruturada racialmente. Para o psicólogo social, as RS ganham força em cenários de conflitos duradouros de determinadas representações dentro da própria sociedade, como por exemplo, o paradigma do consenso universal dos direitos humanos, contudo, direitos

que não abrangem determinadas populações (Moscovici, 2007). Diante dessa perspectiva, pode-se refletir como, a partir do período de escravidão que durou quase 4 séculos, além das teorias racistas desenvolvidas no Brasil, houve um enraizamento de determinadas representações sociais e, conseqüentemente, representações que ainda hoje exercem influência sobre o imaginário social.

Para Santos; Silva; Gonçalves (2020) as representações sociais emergem a partir das trocas de conhecimento prático, pois, a partir das conversações realizadas entre os indivíduos produtos simbólicos são gerados em comum, o que permite a conversação entre eles. Os autores ressaltam a importância de estudar as RS nas escolas porque é nelas que há o encontro da diversidade cultural, portanto os agentes educacionais têm a oportunidade de provocar a reflexão quanto ao desenvolvimento de novas RS concernentes às diferenças encontradas nas escolas, diferenças como orientação sexual, raça e etnia. Além de poder mostrar aos alunos como a sociedade é marcada por RS que orientam para uma hegemonia religiosa, heterossexual, entre outros fatores.

Para Santos & Corrêa (2020), as relações sociais desenvolvidas em instituições como as escolas, por exemplo, são determinantes no desenvolvimento de RS relativas à cor de pele. Estas RS podem orientar significados e, conseqüentemente, orientar práticas sociais. A partir dessa perspectiva, infere-se como a cor de pele torna-se uma fonte de RS e, portanto, tal representação terá influência no desenvolvimento das relações sociais daquele grupo influenciando, inclusive, na fundamentação de opiniões.

Os autores ressaltam como as ideologias de branqueamento criadas e concebidas socialmente no Brasil contribuíram para a criação de RS da cor de pele. Tais ideologias são perceptíveis ainda hoje e contribuem para a construção de representações também do que é beleza. Assim, para eles essas ideologias criam invisibilidades da cor de pele negra. Isso ocorre porque são criados referenciais acerca de determinados objetos que são percebidos em representações sociais apresentadas ao indivíduo.

O pensamento de Moscovici propõe refletir sobre a influência do processo coletivo sobre o pensamento individual, em que momento as representações são capazes de transformar o pensamento de um indivíduo inserido naquele coletivo. Sendo assim, reflete-se em que medida o pensamento social racial interfere e influencia no desenvolvimento de representações sociais que penetram o indivíduo

fazendo com que ele desenvolva uma representação ou um comportamento racista.

Nessa perspectiva, se um indivíduo está inserido em uma sociedade com estruturas racistas, é compreensível que o pensamento coletivo seja um pensamento racista, e por consequência, esse mesmo pensamento coletivo racista vai penetrar o pensamento do indivíduo.

Portanto, pode-se traçar uma relação entre a perspectiva de Moscovici e a teoria de Almeida (2018), que concebe que as instituições são racistas porque estão inseridas em uma sociedade racista. A partir desse ângulo, torna-se coerente refletir sobre como as instituições e os indivíduos que compõem essas instituições desenvolvem características racistas porque são penetradas pelo pensamento social coletivo que é um pensamento racista.

Além disso, Moscovici apresenta a importância de analisar o desenvolvimento das representações sociais a partir do marco inicial delas. Para ele, a representação social condiciona e gera uma atitude responsiva aos comportamentos ou a estrutura social, sendo compartilhada e reforçada pela tradição, uma representação social, torna-se uma realidade social, o que antes era apenas um ideal, torna-se material, duradouro e quase imortal. (Moscovici, 2007. p. 41).

Mesmo hoje há, na cultura popular, o pensamento que a população negra não tem capacidade para ocupar determinadas posições sociais ou cargos como, goleiro, advogado, entre outras funções que exigem maior conhecimento técnico, sendo que esse pensamento é produto do passado racista no Brasil que ficou evidente na seção sobre racismo e futebol (Almeida, 2018). Isso também corrobora o cenário de percepção das sequelas de representações sociais criadas durante as teorias racistas e que estão presentes hoje. Para Almeida (2018), o imaginário social racista tem influência da cultura popular e para Moscovici (2007), o senso comum é a porta que dá acesso às representações sociais, há, portanto, uma ligação entre representações sociais e cultura que podem acabar gerando representações racistas. Fato é que a naturalização do racismo no imaginário social é percebido na naturalização de piadas e misticismos racistas, encontrados na cultura popular.

Associado a isso, Almeida (2018) reitera que, além das teorias racistas fundamentadas na ciência, o indivíduo tem contato na escola só com autores e professores brancos, além das figuras importantes apresentadas em sala de aula como pessoas brancas. Fora dela, a forma como a população negra é representada nas novelas e nos meios de comunicação, sustentados por um sistema de justiça

seletivo, são elementos constituintes de uma sociedade estruturada racialmente que corrobora o imaginário social racista com relação a ela. Para o autor, é importante notar que o que é apresentado aos indivíduos não é uma realidade, mas sim uma representação dela que é apresentada aos indivíduos como sendo uma realidade concreta e que, na verdade, é uma representação repleta de ideologias.

O autor ressalta ainda como o sistema de meritocracia também é um fator que contribui para esse imaginário social racista. Os processos seletivos das universidades e os concursos públicos são exemplos de mecanismos que contribuem para esse imaginário porque ignoram todas as desigualdades existentes entre os candidatos e iguala todos em um processo único de avaliação e constatação de quem são os mais “aptos” a ocupar tais vagas.

Torna-se pertinente pensar sobre como o racismo, a discriminação e os pensamentos racistas que foram desenvolvidos durante os séculos, inclusive com o apoio de uma pseudociência para justificar a exploração de determinados povos, tornaram-se tão enraizados e aceitos socialmente, deixando sequelas sociais até hoje.

6.1 SOBRE ANCORAGEM E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Nos estudos de Moscovici (2007), as representações sociais são concebidas também como um sistema de classificação, denotação, alocação, categorização e nomenclaturas. Ele conceitua como ancoragem. Para mais, o processo de ancoragem e objetivação tem a função de definir identidades sobre indivíduos, é por meio da ancoragem que o *status* do indivíduo representado ocupa. (Santos;Scopinho. 2015).

Nessa perspectiva, de construção de identidade, os autores Silverio; Motokane (2019), reforçam essa associação entre representações sociais e identidade. Para eles, as construções sociais sobre identidades de raça são permeadas pelas representações sociais estabelecidas naquele contexto e as relativas à população negra podem influenciar no processo de auto e heteroidentificação de uma pessoa negra que, ao se deparar com representações sociais racistas que desqualificam seu grupo social, gera um processo de fuga das características físicas que a caracterizam como pessoa negra. É a transformação de um objeto que é totalmente estranho ao indivíduo em algo familiar. A familiarização ocorre através da aproximação desse objeto com um sistema de classificação pessoal pré-existente no indivíduo que está realizando esse processo de ancoragem de outro objeto. A aproximação desse objeto

em relação a um determinado paradigma, já alocado em sua memória, acontece por dedução pessoal de que aquele objeto se encaixa naquele paradigma. É como se o indivíduo fosse encaixando os objetos estranhos a ele em determinadas “caixinhas”, cada uma com sua característica ou critérios de classificação. Esse processo de familiarização é realizado porque pode assumir algumas funções. Dentre elas, a de familiarizar um objeto e torná-lo “conhecido” torna-o menos ameaçador e por isso não incomoda tanto como um objeto que é totalmente estranho ao indivíduo.

Para Jodelet (2001), esse processo de familiarização tem como função a estabilidade. Algo que é desconhecido ao indivíduo não é aceito por ele e por consequência isso gera um cenário de instabilidade dentro do indivíduo porque ele não sabe sobre o que aquele objeto se trata, nem o que pode fazer ao indivíduo. Por outro lado, esse processo de familiarização faz com que o indivíduo também tenha a possibilidade de gerar uma representação sobre aquele objeto que antes era totalmente desconhecido. Em outros termos, a classificação de um determinado objeto dentro dessas caixinhas não tem como função apenas nomeá-lo, mas sim, a possibilidade de atribuir determinadas características sobre ele que foram pré-julgadas como características presentes sob o objeto.

Desse modo, por meio desse processo de ancoragem, o indivíduo tem a possibilidade de rotular outros indivíduos, a partir de um pré-julgamento existente através das representações e paradigmas pessoais do indivíduo que está rotulando o outro. Posto isto, aproximando esse conceito do presente objeto de estudo, considera-se sobre quais as rotulações que são postas sobre a população negra ou quais as rotulações que são colocadas sobre os elementos da cultura negra, como as religiões de matriz africana, quilombos e assim por diante. As rotulações são realizadas com base em julgamentos pessoais de indivíduos inseridos em uma sociedade estruturada racialmente e com paradigmas e representações sociais pré-definidas acerca do fenômeno da racialização.

Neste cenário histórico de preconceito e discriminação racial, o processo de familiarização de objetos são atenuantes no processo de desenvolvimento de representações sociais preconceituosas. Para Santos; Scopinho (2015), há socialmente grupos hegemônicos com características que classificam aquele grupo como dominante, com o advento de novos grupos sociais há o processo de familiarização por parte dos grupos hegemônicos com relação aos novos grupos.

Contudo, esse processo de familiarização ocorre no sentido de desqualificar os

novos grupos por terem características distintas das características dos grupos hegemônicos. É a partir desse processo de ancoragem que representações sociais preconceituosas foram desenvolvidas, elas são produtos de um processo de construção social histórica. Para Moscovici (2007), o processo de ancoragem de determinado paradigma, ocorre com base nos paradigmas alocados nas memórias dos indivíduos e a partir disso determinar uma relação positiva ou negativa com aquele objeto, diante disto, pode-se questionar sobre quais as memórias relativas à questão racial no Brasil, memórias marcadas por um cenário de conflitos, escravidão, racismos e desigualdades raciais.

O ato de classificar um objeto é atá-lo a comportamentos e regras que determinam o que é ou não permitido a eles. Nessa perspectiva, é coerente refletir sobre o estigma que a população negra carrega e a capacidade que ela possui de ocupar determinados cargos, porque ao se realizar um processo de ancoragem sobre uma pessoa negra, ela pode ser aproximada aos paradigmas racistas existentes na sociedade, e por consequência, no indivíduo que está realizando esse processo de ancoragem.

Na perspectiva do psicólogo social, as reflexões referentes às representações sociais mostram como as comparações que os indivíduos realizam sobre outros indivíduos ou grupos são sempre realizadas a partir de um protótipo e, assim, as pessoas definem se aquilo é normal e é levantado o questionamento se “é ele como deve ser, ou não?” (Moscovici, 2007. p. 66), além de, aquela representação que tem-se acerca daquele objeto é uma representação fidedigna dele? O objeto como ele é, está em consonância com o protótipo de representação social dele? Dessa forma, a superação desses preconceitos somente poderão ocorrer através da superação das representações sociais existentes sobre a cultura, a natureza humana e assim por diante (Moscovici, 2007. p. 66).

Ainda sobre o processo de ancoragem, objetivação e a familiarização de objetos é preciso refletir sobre como o processo de familiarização pode ocorrer nos momentos de contato do indivíduo com o objeto a ser familiarizado. Para Santos; Scopinho (2015), esse processo de familiarização passa também pela possibilidade de diferentes grupos sociais terem contato entre eles, numa sala de aula de um curso elitizado por exemplo. Traçando um paralelo com a presente pesquisa, esse processo de familiarização contribui também para o desenvolvimento de representações sociais acerca de pessoas negras ocupando cargos de presidente dos clubes de futebol. Ao

passo que os indivíduos têm contato com pessoas negras ocupando cargos de presidentes, há a possibilidade de tornar familiar uma pessoa negra ocupar cargos de chefia e, por consequência, o desenvolvimento de representações sociais sobre as capacidades técnicas da população negra.

6.2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A REPRESENTAÇÃO DO ATLETA NEGRO NA MÍDIA

O objetivo em investigar as representações sociais é perceber as possíveis representações sobre o perfil dos indivíduos que ocupam os cargos de presidente dos clubes de futebol e a influência das representações sociais sobre o cenário de racismo no Brasil.

A exemplo disso, após a Copa do Mundo que o Brasil perdeu a final do campeonato numa falha individual do goleiro, desenvolveu-se a representação social (opinião pública) de que apenas indivíduos brancos poderiam ser goleiros da seleção brasileira (Oliveira; Rocha; Silva. 2021).

O desenvolvimento dessa opinião pública, e das representações sociais referente ao goleiro da seleção, também são produtos da forma como a mídia expôs esse cenário ao público. Dessa forma, é pertinente a análise de como o atleta negro é representado na mídia. Se nela há a representação de que os atletas negros só se enquadram em funções corpóreas, isso auxilia no desenvolvimento de representações sociais que concebem que a pessoa negra só pode preencher funções físicas e não intelectuais.

Observado o perfil dos presidentes, bem como as características sobre o campo da gestão dos clubes de futebol que foram apresentadas, é possível destacar que há um perfil hegemônico de indivíduos que são presidentes. A partir do momento que apenas um perfil de indivíduo aparece ocupando aquele determinado cargo ou espaço, cria-se a representação social de que apenas aquele perfil de indivíduo pode ocupar aquele cargo ou espaço. Assim, os indivíduos que não possuem aquele perfil, não são reconhecidos como “ideais” ou que podem também ocupar aquele cargo.

Corroborando esse pressuposto e em consonância o objeto de estudo desta pesquisa, Oliveira & Januário (2024), chamam a atenção para a relação entre a reprodução desses discursos racistas na mídia e o afastamento de pessoas negras de cargos de poder ou diretivos. Conforme Moreira (2019), esse cenário encontrado

na mídia de associação da população negra a elementos negativos e a associação da branca com elementos positivos pode gerar representações sociais no sentido de que as pessoas brancas sejam representadas de forma biologicamente aptas a atuar de forma competente em cargos responsáveis por tomadas de decisões.

As representações sociais também podem ser desenvolvidas e fundamentadas através da exposição pública e midiática daquele determinado objeto (Santos, 2011). Exercendo a função de mediação entre realidade e indivíduo, a mídia pode ser fundamento para formação de uma opinião pessoal, bem como, da localização do indivíduo em relação ao seu contexto social, além de ser uma fonte de formação de crenças e atitudes e representando um contexto social específico, pode influenciar no pensamento coletivo. (Conceição, et. al. 2012).

Diante de uma sociedade racialmente estruturada, a mídia pode funcionar como reprodutora das representações culturalmente racistas existentes naquela sociedade e a publicidade, à vista disso, pode reproduzir cenas que estão em consonância com o contexto no qual está inserida. Nesse sentido, a mídia inserida nessa sociedade estruturada racialmente, funciona como reprodutora desse contexto de que não há pessoas negras atuando nos cargos de presidência (Fernandes, 2020). Logo, ela funciona como um mecanismo que auxilia na naturalização de marcadores sociais. Isso ocorreu durante o período escravista, cujo período a mídia teve papel importante quando anunciava em seus classificados a população negra como “produto”. Da mesma forma, a mídia pode atuar como mecanismo de naturalização ao retratar a ela em cargos de chefia, como é o cargo de presidente de um clube de futebol.

Os autores Oliveira & Januário (2024), destacam que entre 2022 e 2023, foram registrados pelo Observatório de discriminação racial, 13 comentários racistas proferidos por membros dos meios de comunicação. Alguns destes comentários relacionados aos dreadlocks² dos atletas negros e como isso atrapalharia no desempenho do atleta. Comentários nesse sentido podem reforçar a representação social racista de vinculação entre a pessoa negra e traços animais.

Dois aspectos importantes a serem destacados nesse sentido, o primeiro é o papel de formadores de opinião como agentes da mídia, já que esses indivíduos, ao tecer comentários racistas, reforçam ou vão ao encontro do pensamento social

² Sobre Drealocks ler ARAUJO, 2022.

permeado por representações sociais e estereótipos racistas ainda existentes no Brasil, inclusive estereótipos sobre as “aptidões” da pessoa negra em ocupar cargos de gestão. Além disso, esse cenário de comentários racistas explícitos coloca em cheque a falácia da democracia racial no Brasil e como esses agressores se sentiram confortáveis ao serem racistas.

Observado o tamanho do público que acompanha futebol através da televisão, rádio, entre outros meios de comunicação, os agentes televisivos como narradores e comentaristas, têm papel fundamental na difusão de representações sociais e estereótipos racistas acerca dos jogadores negros.

Para Oliveira (2020), é viável afirmar que o futebol reproduz os racismos de cor encontrados na sociedade por meio de comportamentos, atitudes e posturas. Isso acontece como produto das representações sociais existentes no cotidiano social que define a partir destas representações o que vem a ser branco ou negro. Se socialmente é possível afirmar que existem representações sociais classificando quais cargos os indivíduos ocupam, no futebol também é possível transpor esse fenômeno e mais especificamente na gestão dos clubes de futebol, definir representações sociais de quais cargos os indivíduos ocupam naquele campo. Dessa forma, é possível mencionar a teoria apresentada por Almeida (2018), que concebe as instituições com características racistas como reflexos de uma sociedade racista, nesse caso a instituição do futebol.

Uma das possibilidades de analisar as representações sociais do atleta negro no fenômeno do futebol é analisar as representações sociais do atleta negro na mídia. Através do Estado do Conhecimento (EC), apresentado, pode-se perceber a carência de pesquisas sobre a ausência de pessoas negras nos cargos de gestão. Logo, a análise ocorre por parte dos pesquisadores quando se trata de pesquisas envolvendo a posição da mídia em relação a casos de racismo explícito no mundo do futebol, análises nas quais a população negra aparece apenas como atleta, não como gestora.

Quando há a representação social da pessoa negra relacionada ao futebol através da mídia, a pessoa negra não ocupa posições de “chefe” ou posições desse gênero. Esse contexto foi observado também por Gastaldo (2002), ao realizar uma análise das propagandas relacionadas à Copa do Mundo. Seu trabalho constatou que a figura da pessoa negra aparecia em segundo plano nos comerciais e aparecia com destaque apenas em propagandas que chamassem atenção para os jogadores. Ainda nessa pesquisa, o autor destaca outra propaganda em que os atletas de cada país

estão atrelados a uma determinada característica, sendo os alemães em um determinado momento relacionados à disciplina, enquanto os atletas brasileiros foram conectados ao improviso, no sentido da dança e da “malandragem” brasileira em se adaptar.

Para o autor, isso tem relação com a representação de que a pessoa negra está historicamente ligada apenas a atividades relacionadas à corporeidade. Desse modo, essa imagem de destaque ao atleta negro ocorre nessa divisão entre trabalho físico e trabalho mental, quer na dança ou no futebol, porque são tidas como atividades físicas, não intelectuais. Isso não atrapalha a representação social da ordem social vigente de hierarquização que o trabalho mental está acima do trabalho físico e a maior valorização daqueles que realizam o trabalho mental.

Essa reflexão também é realizada por Oliveira & Januário (2024), pois, para eles, na época do Brasil pós-Independência, a busca pela identidade nacional também passou pelo futebol e o atleta negro ganhou destaque positivo nesse cenário. Mas esse destaque ficou restrito aos aspectos físicos, o que reforça a hierarquia social presente daquele período que tinha a figura da pessoa branca em uma posição privilegiada num aspecto de racionalidade.

Nesse sentido, retoma-se a teoria de Gonzalez (1984), quando ela afirma que a estruturação do racismo ocorre através da naturalização da posição de subalternidade da pessoa negra em relação à pessoa branca. Essa naturalização, segundo ela, ocorre de forma violenta porque condiciona à imagem da pessoa negra a esse estigma de pessoa “improdutiva” e de “baixa capacidade intelectual”. Tal percepção auxilia no desenvolvimento da representação social de que a pessoa negra pode apenas ocupar cargos relacionados ao trabalho físico. Se não há propagandas que a retratam como chefes ou gestores dos clubes de futebol, há maior dificuldade do desenvolvimento de representações sociais nesse sentido.

7 O NÚMERO DE PESSOAS NEGRAS COMO PRESIDENTES DOS CLUBES DE FUTEBOL BRASILEIRO

É do conhecimento coletivo que um cargo de presidência é, dentre os demais, um dos com significativo prestígio social. Justamente por isso, foi feita a escolha da verificação da quantidade de pessoas negras como presidentes dos clubes selecionados, a fim de verificar as hipóteses e analisar os contextos à luz das teorias já apresentadas. O exposto por Machado (2020) foi corroborado, pois, no que tange à presença e permanência no clube, os observados têm relação de longa data com o clube, são pessoas que fazem parte do cotidiano desses espaços e exercem outros cargos durante alguns anos, antes de ocuparem o cargo de presidente.

Sobre isso é possível propor um paralelo sobre a análise institucional do fenômeno do racismo apresentado por Munanga (2004); Almeida (2018). Segundo eles, há barreiras veladas desenvolvidas por parte das instituições que privam a possibilidade da população negra de frequentarem estas instituições.

No que se refere aos tópicos sobre campos e capitais, cabe, a seguir, maior explanação, problematizando sobre qual a possibilidade de pessoas negras comporem e atuarem dentro desses campos, observando o prejuízo social do desenvolvimento que houve, ao longo dos anos.

7.1 DADOS SOBRE OS CLUBES E PRESIDENTES

Um dos objetivos específicos propostos para essa pesquisa é a mensuração acerca do número de pessoas negras ocupando o cargo de presidente dos clubes de futebol. Aprofundar na análise dos dados auxiliará a alcançar o objetivo central do trabalho que é perceber as manifestações do racismo estrutural no campo da gestão dos clubes de futebol.

Conforme Almeida (2018), uma das características que tornam o fenômeno do racismo como um fenômeno estrutural é a ausência de pessoas negras ocupando postos de chefia. Se for constatada a ausência de pessoas negras ocupando os cargos de presidente, infere-se que, pelo menos nesse sentido, há a manifestação do racismo estrutural no campo da gestão dos clubes de futebol. Além disso, por meio dos dados, será possível elucidar neste cenário como também a divisão racial do trabalho.

Há clubes que são Sociedade Anônimas de Futebol (SAF), logo, possuem presidentes e Chiefs Executive Offices (CEO), contudo, por todo o contexto apresentado durante a pesquisa sobre a figura do presidente bem como, a relação do presidente com os pressupostos teóricos e reflexões sobre o tema, serão apresentados e analisados apenas os presidentes dos clubes.

O campeonato brasileiro é composto por 4 divisões, divididas em Série A, B, C e D. Na Série A, em tese, estão os melhores clubes e por isso estão na primeira divisão do campeonato. As demais séries são clubes que estão tentando acesso às séries acima, são clubes de menor expressão e, consequentemente, com menos recursos financeiros³. Destarte a isso, as divisões menores como C e D são as divisões com clubes menores se comparados às outras divisões, e em sua maioria são clubes do interior dos estados.

Nas Séries A e B, mas principalmente a Série A por ser considerada a elite do futebol nacional é onde estão os melhores jogadores e, portanto, o nível de competitividade é maior. Desse modo, é a divisão com maior visibilidade, já que é a divisão mais transmitida na TV aberta, TV fechada, Pay Per View, Streaming e, consequentemente, os valores de patrocínios e vendas de cotas para TV são mais rentáveis, gerando maiores rendimentos financeiros aos clubes, o que lhes permite a compra de atletas mais caros.

O objetivo em realizar essa análise nas 4 divisões é buscar nomes de pessoas negras ocupando os cargos de presidente. Será adotado como fundamento para identificação de raça dos indivíduos o critério de heteroidentificação respaldado pelo governo federal, utilizado nas universidades e concursos públicos. A partir desse critério, são identificadas como pessoas negras as pessoas que apresentam características fenotípicas da população negra como a textura do cabelo e a cor da pele negra.

A legislação federal que trata sobre o processo de heteroidentificação usa a Normativa MGI nº 23 de julho de 2023, no qual o processo de heteroidentificação ocorre através do conceito de fenótipo que está relacionado às características

³ Importante destacar que há excessões nesse cenário, são os casos do Santos FC e do Clube Atlético Paranaense. Santos sempre foi um clube da Série A e teve seu primeiro rebaixamento da história em 2023. No caso do Atlético Paranaense, o clube que disputou finais internacionais recentemente, também foi rebaixado em 2024.

externas do indivíduo. São considerados exemplos de características fenotípicas formato dos olhos, a tonalidade da pele, a cor e a textura do cabelo.

Nesse sentido, é importante problematizar isso porque foram definidos padrões fenotípicos para caracterizar a pessoa negra, não sendo definidos padrões para caracterizar a pessoa branca. Logo, infere-se que apenas a pessoa negra é racializada. Isso vai ao encontro da reflexão já realizada durante esta pesquisa, concebendo que o estado define e racializa determinadas populações para se eximir de possíveis crimes ou neutralidades exercidas contra ela.

Nesse sentido, Gomes (2005) destaca como o termo *raça*⁴ ainda é usado para se referir apenas à população negra, o que corrobora a proposição realizada que apenas o indivíduo negro é racializado. Para ela, isso se deve ao fato do termo *raça* ainda se referir a racismo e às sequelas da escravidão, além do “ser branco” e do “ser negro” no presente país.

Segundo a referida autora, é ensinado à criança negra que para ser aceito socialmente é necessário negar sua própria identidade, negar seus próprios traços físicos característicos da sua identidade. Por outro lado, ao mesmo tempo que há esse desafio sobre sua identidade, há um fenótipo definido pelo Estado que o caracteriza (e racializa) como pessoa negra. Assim, a justificativa em buscar pessoas negras ocupando os cargos de presidente reforça a identidade negra em cargos de prestígio social.

A autora ainda destaca as proposições realizadas por Munanga (2004), que pontua a existência de ideologias presentes no Brasil que desvalorizam as discussões sobre identidade com a falácia de que não é possível falar sobre identidade negra em uma sociedade socialmente mestiça.

Com o fito de tornar a leitura dos dados mais visual, segue abaixo o quadro, partindo da série D à A, com o nome do clube, seu respectivo presidente e sua profissão/formação. O ano definido para análise dos clubes foi 2024 por ser o ano no qual a presente dissertação foi desenvolvida.

Quadro 3 Série D 2024 32 clubes

Clube	Presidentes	Profissão/Formação
-------	-------------	--------------------

⁴ Sobre o uso do termo “raça” nas academias e as discussões em torno do conceito nas Ciências Sociais, realizar a leitura de Gomes (2005).

Manauara-AM	Paulo Victor	Não Localizado
Porto Velho-RO	Jedson Lobo	Empresário
Princesa de Solimões-AM	Lázaro D`Ângelo	Não Localizado
Manaus-AM	Giovanni Alves	Não Localizado
Maranhão-MA	Carlos Eduardo Dias	Advogado
Altos-PI	Warton Lacerda	Administrador
River-PI	Jairo Cavalcante	Empresário
Tocantinópolis-TO	Wagner Novais	Não Localizado
Treze-PB	Arthur Bolinha	Empresário
Iguatu-CE	Antonio Dias Filho	Empresário
America-RN	Hermano Moraes	Dep. Estadual
Atlético-CE	Maria Vieira	Não Localizado
Itabaiana-SE	Wilson Mendonça	Ex-jogador
Retrô-PE	Laércio Guerra	Empresário
Jacuipeense-BA	Gegê Magalhães	Não Localizado
ASA-AL	Rogério Siqueira	Empresário
Brasiliense-DF	Luiz Estevão	Não Localizado
Anápolis-GO	José Paulo Tinazo	Empresário
CRAC-GO	Adib Elias	Prefeito
Mixto-MT	Italo Salomão	Não Localizado
Nova Iguaçu-RJ	Jânio Moraes	Não Localizado
Itabuna EC-BA	Rodrigo Dantas	Ed. Física
Portuguesa-RJ	Marcelo Barros	Ed. Física
Real Noroeste-ES	Flaris Olimpico Rocha	Empresário
Maringá-PR	João Vitor Mazzer	Empresário
Inter de Limeira-SP	Danilo Maluf	Engenheiro
Costa Rica-MS	André Baird não localizado	Não Localizado
Água Santa-SP	Paulo Korek Farias	Empresário

Cianorte-PR	Lucas Franzato	Empresário
Brasil de Pelotas-RS	Gonzalo Russomano	Não Localizado
Avenida-RS	Jair Eich agricultor	Agricultor
Novo Hamburgo-RS	Jerônimo Freitas	Não localizado

Fonte: Organizado pelo autor

Quadro 4 - Série C 2024 - 20 clubes.

Clube	Presidentes	Profissão/Formação
Athletic Club	Fábio Mineiro ex-jogador	Ex-jogador
SER Caxias	Roberto Vargas	empresário
Ferroviária-SP	Filippo Bertolucci	empresário
Ferroviário-CE	Anderson Maia	empresário
ABC FC	Bira Marques	empresário
Londrina	Getúlio Marques	empresário
Tombense	Lane Gaviolle	Não Localizado
Sampaio Corrêa	Sérgio Frota	Vereador
Aparecidense	Wilson Queiroz	Tabelião
Botafogo-PB	Roberto Burity	Não Localizado
Confiança FC	Pedro Dantas	Empresário
CSA-AL	Mirian Monte	Delegada
Figueirense	José Tadeu da Cruz	Não Localizado
Floresta Esporte Clube	Sérgio Teixeira Felicio	Empresário
Náutico	Bruno Becker	Advogado
Remo-RJ	Antonio Carlos Teixeira	Advogado
São Bernardo	Felipe Cheidde	Empresário
São José-RS	Ênio Gomes	Não Localizado
Volta Redonda	Flavio Horta	Advogado
Ypiranga-RS	Adilson Stankiewicz	Empresário

Fonte: Organizado pelo autor

Quadro 5 - Série B 2024 - 20 clubes

Clube	Presidentes	Profissão/Formação
Amazonas FC	Wesley Couto	Secretário na Prefeitura-Sejusc
América-MG	Alencar da Silveira Jr.	Deputado Estadual
Avaí FC	Júlio Heerd	Empresário
Botafogo-SP	Eduardo Esteves	Empresário
Brusque FC	Danilo Rezini vereador	Vereador
Ceará FC	João Paulo Silva	Empresário
Chapecoense FC	Alex Passos	Não localizado
Coritiba FC	Glenn Stenger	Empresário
CRB FC	Mário Marroquim	Empresário
Goiás FC	Aroldo Guidão Filho	Empresário
Guarani FC	Rômulo Amaro	Empresário
Ituano FC	João Paulo Ruiz	Advogado
Mirassol FC	Edson Ermenegildo	Delegado/Prefeito
Novorizontino	Genilson Rocha Santos	Empresário
Operário-PR	Álvaro Góes	Empresário
Paysandu	Roger Aguilera	Empresário
Ponte Preta	Marcos Antonio Eberlin	Empresário
Santos-SP	Marcelo Teixeira	Empresário
Sport Recife	Yuri Romão	Não Localizado
Vila Nova FC	Hugo Jorge Bravo	Major da Polícia Militar

Fonte: Organizado pelo autor

Quadro 6 - Série A 2024 - 20 clubes

Clube	Presidentes	Profissão/Formação
Athletico-PR	Mário Celso Petraglia	Advogado/Empresário

Atlético-GO	Adson Batista não	Não localizado
Atlético-MG	Sérgio Coelho	Administrador
Bahia	Emerson Ferreti	Administrador
Botafogo-RJ	Durcesio Mello	Empresário/Engenheiro
Red Bull Bragantino	Marco Chedid	Ex-vereador
Corinthians-SP	Augusto de Melo	Empresário
Criciúma	Alexandre Farias	Advogado
Cruzeiro	Lidson Potsch	Médico
Cuiabá	Cristiano Desch	Empresário
Flamengo-RJ	Luiz Eduardo Batista	Engenheiro
Fluminense-RJ	Mário Bittencourt	Advogado
Fortaleza	Alex Santiago	Advogado
Grêmio-RS	Alberto Guerra	Advogado
Internacional-RS	Alessandro Barcellos	Administrador
Juventude-RS	Fabio Pizzamiglio	Empresário
Palmeiras	Leila Pereira	Empresária
São Paulo	Julio Casares	Advogado
Vasco da Gama	Pedro Paulo de Oliveira	Ex-jogador
Vitória	Fábio Mota	Advogado

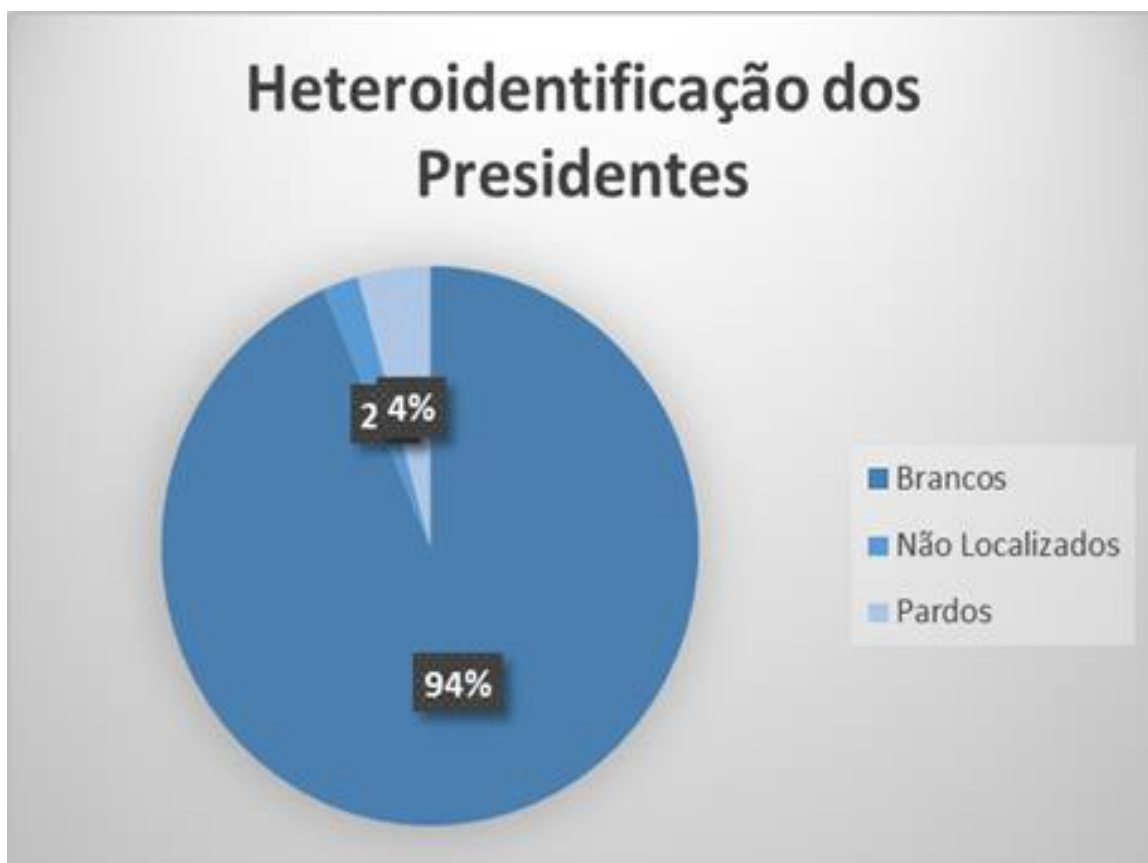
Fonte: Organizado pelo autor

7.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como destacado durante a pesquisa, esse formato de campeonato nacional foi instituído em 2003 e tem como formato a classificação em 4 divisões sendo que na primeira divisão estariam os melhores clubes. Dito isso, a Série D é composta por 32 clubes, as demais Séries C, B e A, são compostas por 20 clubes cada uma. Portanto, foram analisados 92 clubes e seus respectivos presidentes. A partir do critério de classificação de heteroidentificação, foram encontradas 4 pessoas

pardas, não foi possível encontrar fotos de 2 indivíduos e os demais todos os presidentes seriam caracterizados como indivíduos brancos.

Gráfico 1 - Heteroidentificação dos Presidentes com base no processo de heteroidentificação do IBGE.



Fonte: Organizado pelo autor

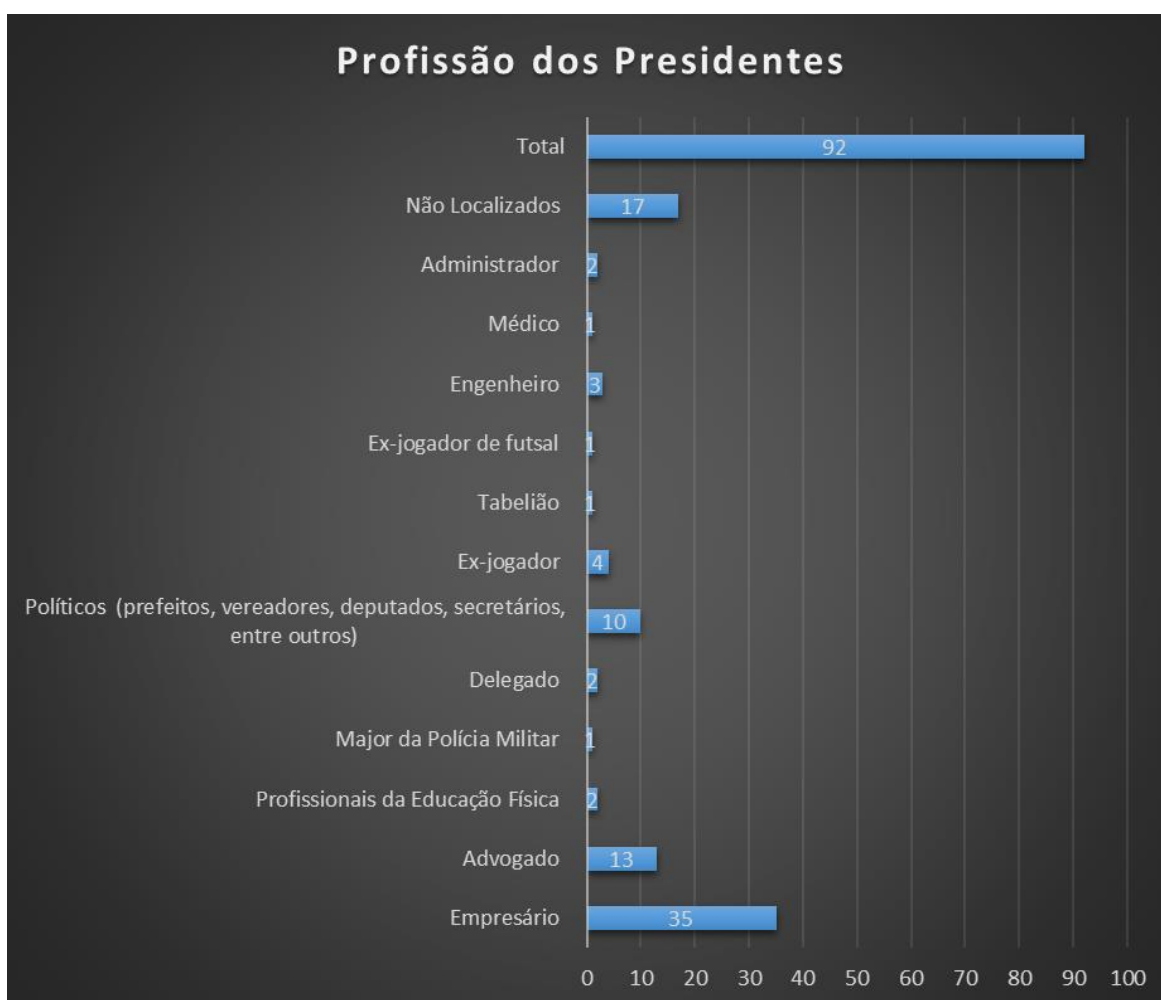
A partir do gráfico, torna-se mais evidente o tamanho da desigualdade racial observada também no presente objeto de estudo e é ilustrado mais uma vez o cenário de divisão racial do trabalho apontado durante a fundamentação teórica em como a população negra não tem ocupado em geral cargos de chefia. Para não dizer nula, vale destacar que foi encontrada uma pessoa negra ocupando o cargo de presidente entre 2014-2016 no clube Mixto-MT, Paulo César Camargo Ramos.

Algumas características do campo da gestão dos clubes de futebol foram percebidas, independente da série em que o clube pertence, sendo elas a presença de indivíduos da mesma família compondo cargos de gestão, agentes que já faziam parte do clube ou que foram apadrinhados para entrar no campo da gestão. O perfil profissional dos presidentes também é característica semelhante, sendo notada a presença de empresários e entre outros profissionais liberais nos cargos de

presidente. Tal fato compactua com a pesquisa de Machado (2020), que constatou esse perfil profissional naquele recorte específico dos clubes apenas da série A.

Devido à falta de informações referentes aos presidentes das Séries C e D, foram localizadas as profissões dos presidentes, mas não de todos, por isso o número de profissões apresentadas não é igual ao número de presidentes apresentados. Esse cenário de falta de informação sobre alguns clubes e presidentes pode ocorrer em função dos clubes da Série C e D não terem tanta visibilidade na mídia como os demais, e por isso, não há tantas informações sobre seus presidentes. Segue abaixo as profissões dos presidentes.

GRÁFICO 02 - Profissão dos Presidentes



Fonte: Organizado pelo autor

Sobre o Botafogo-RJ, o clube também adota o modelo de SAF, sendo John Textor o dono da SAF que controla o clube. É importante destacar isso porque é o indivíduo do clube que mais aparece na mídia, mais até que o próprio presidente. Além

do Botafogo RJ, John Textor controla as ações do popular clube francês Lyon FC. Mas como o foco são os presidentes, foi citado o nome do presidente.

No clube River-PI, o presidente Jairo Cavalcante foi eleito em 2024 para o triênio de 2025-2027. Antes dele, o presidente era o empresário Ítalo Rodrigues, que teve mandato entre 2021-2023. Devido a isso, a confusão e vacância do cargo no período de 2024. Esse caso foi investigado também pela justiça do Piauí que chegou a intervir judicialmente no clube porque Ítalo Rodrigues pretendia estender seu mandato até o final de 2024 sem eleições.

Diante do cenário apresentado acima, alguns conceitos e pressupostos teóricos de Bourdieu acerca do Campo e dos Capitais dos indivíduos presentes nos cargos de presidente dos clubes de futebol podem ser corroborados. Segundo Bourdieu, os campos apresentam características singulares, mas também características universais, como por exemplo, a necessidade de possuir determinados capitais para ocupar determinados postos e, devido a isso, os campos da política e o campo da gestão do futebol apresentam semelhanças.

As fronteiras citadas pelo autor na obra *Os Herdeiros* (2014) podem ser percebidas nas profissões dos presidentes, já que nesse caso se tornam marcadores sociais, ou seja, características que podem facilitar ou não a entrada de indivíduos em determinados campos. As profissões, nessa perspectiva, fazem parte dessa fronteira formal para definir o perfil do indivíduo a ocupar o cargo de presidente.

Para Almeida (2018), o racismo estrutural atravessa a sociedade incluindo as instituições componentes dessa respectiva sociedade. Logo, o fenômeno ocorre de forma silenciosa porque passa despercebido pela sociedade e pelos membros daquela instituição, mas é um fenômeno impactante tendo em vista uma das formas de perceber o racismo estrutural nas instituições a ausência de pessoas negras nela ou em determinados espaços dela, constituindo a privação da população negra com relação a determinados espaços e posições.

Dessa forma, o racismo estrutural se manifesta nas instituições de futebol no Brasil, mais especificamente no campo da gestão pela ausência de pessoas negras na presidência dos clubes analisados e se torna estrutural porque se torna um cenário naturalizado entre os indivíduos daquela instituição. É importante salientar que o perfil profissional dos presidentes, quando negros, tem ocupado historicamente as profissões mais subalternas na divisão racial do trabalho.

É nesse cenário de racismo estruturado que se insere a presente pesquisa.

Observada a concepção de segregação velada em relação a determinados espaços ou posições sociais, procura-se transpor esse cenário para o campo da gestão dos clubes de futebol, mais especificamente na figura do presidente. Considerando a ausência de pessoas negras no cargo de presidentes dos clubes de futebol é possível perceber aqui também, a manutenção do racismo estrutural agindo dessa forma.

Nesse cenário no qual a maioria dos presidentes dos clubes de futebol são empresários ou profissionais liberais, isso se torna quase que um pré-requisito informal, mas determinante para estar na presidência. Em contrapartida, a população negra sendo condicionada a outros postos de trabalho fica restrita também a ocupar determinadas posições sociais, não dentre elas a posição de presidente de um clube de futebol.

Dessa forma, reforça-se os pressupostos teóricos apresentados nas seções anteriores. A premissa apresentada por Santos; Scopinho (2015), é de que essa divisão racial do trabalho e como a população negra vem ocupando os piores postos de trabalho explica-se porque eles não têm o mesmo acesso a uma educação básica de qualidade, ensino superior público e por consequência, não são inseridos aos mais altos postos de trabalho.

A presença de agentes ocupando ou que já ocuparam cargos dentro dos clubes de futebol e em cargos políticos ou que tiveram algum tipo de vínculo com a vida política pública pode ser constatada em casos como Flávio Horta, do Volta Redonda que tentou vaga na prefeitura da respectiva cidade, Edson Ermenegildo, do Mirassol FC, Danilo Rezini, do Brusque FC, Alencar da Silveira, do América-MG, Wesley Couto, do Amazonas FC, Alessandro Barcellos, do Internacional-RS, Alberto Guerra ex-presidente, do Grêmio-RS, Luiz Estevão, do Brasiliense-DF que é ex-senador, Adib Elias, do CRAC-GO - também prefeito da respectiva cidade - e Marco Chedid, do Red Bull Bragantino.

É nesse cenário em que ocorre a transposição de capitais que os indivíduos exercem influência em campos distintos, mas com características parecidas. O campo da gestão dos clubes de futebol e o campo político possuem características parecidas em função do caráter político de relação de forças encontrado nos dois campos (Bourdieu, 1983). Logo, a presença de indivíduos de longa data dentro dos clubes é evidenciada no caso da família Chedid que já esteve à frente do Red Bull Bragantino e hoje o presidente é da família Chedid; em Adson Batista que já estava no clube Atlético-GO há 16 anos; em Roger Aguilera, presidente do Paysandu, parte da família

que já esteve no comando do clube anos atrás. Esse cenário exemplifica a teoria de Bourdieu em relação à antiguidade do indivíduo e sua influência naquele campo (Bourdieu, 2003)

Parte notável e significativa da pesquisa é como os indivíduos se utilizam de seus capitais para inserirem outros indivíduos naquele campo para fortalecer sua base e manterem o *status quo*. Isso também pode ser verificado no caso dos clubes Volta Redonda FC, clube do Rio de Janeiro, uma vez que o atual presidente e vice-presidente são pai e filho respectivamente; no Manauara-AM Paulo, Victor é filho do ex-presidente; no caso do Red Bull Bragantino, como já foi citado; no caso de Anderson Maia, do Ferroviário FC que é sobrinho de ex-dirigentes do clube.

É possível também mudar o recorte temporal e realizar a análise utilizando os presidentes dos 20 clubes presentes na Série A de 2024, mas com o recorte temporal desses mesmos clubes entre 2003 até 2024, lembrando que 2003 foi o ano que se institui as 4 divisões e, teoricamente, a elite do futebol nacional, estaria na Série A.

Até a data de 05/02/2025 foram localizados 89 presidentes somando os 20 clubes delimitados e com o recorte temporal de 2003-2024. No caso dos clubes que apresentam dois presidentes no mesmo ano, ocorre em situações extraordinárias de vacância do cargo de presidente por renúncia do próprio. Nesse caso, quem assume é o vice.

No caso dos clubes Red Bull Bragantino e Vitória EC não foi possível localizar o histórico de presidentes e o site onde constam as informações destes clubes era um de edição aberta ao público e, portanto, não é um site confiável com relação à veracidade das informações. Dessa forma, optou-se por não colocar essas informações na quadro. O clube Fortaleza-FC não tem os nomes disponíveis em seu site desde 2003, por isso constam no quadro apenas 6 nomes de presidentes. Buscou-se a informação através de e-mail, mas até o presente momento, não houve retorno.

Segue abaixo, o quadro com o nome dos presidentes localizados e suas respectivas profissão:

Quadro 7 - Presidentes dos clubes de 2003-2024

Clube	Presidentes	Profissão/Formação
Athletico-PR	Guivan Bueno 2002-2003	Advogado

https://www.umdosesportescosm.br/athletico/athletico-presidentes-historia-furacao/	João Augusto F. da Rocha 2004-2008	Advogado
	Marcos Malucelli 2009-2011	Advogado
	Mário Celso Petraglia 2011 a 2015/2016 a 2019/2019 a 2023/2024	Advogado
Atlético-GO Informação adquirida através de contato com a assessoria do clube.	Wilson Carlos - 2003 - 2004	Não localizado
	Valdivino de Oliveira - 2005 – 2013	Economista
	Maurício Sampaio - 2013 – 2018	Empresário
	Adson Batista 2019 – 2023	Não localizado
	Valdivino de Oliveira	Empresário
Atlético-MG. https://atletico.com.br/identidade/historia/	Ricardo Annes Guimarães 2001-2006	Administração
	Luiz Otávio Motta Valadares 2007-2008	Administração
	Alexandre Kalil 2008-2014	Empresário
	Daniel Nepomuceno 2015-2017	Advogado
	Sérgio Sette Câmara 2018-2020	Advogado
Bahia FC https://bahiaconet.br/presidentes-do-bahia/#:~:text=Marcelo%20Guimar%C3%A3es%201997%20A%202005,Maracaj%C3%A1%20Pereira%201979%20A%201994	Guilherme Bellintani 2017-2023	Advogado
	Marcelo Sant'Ana 2014-2017	Comunicação
	Fernando Schmidt 2013-2014	Advogado
	Marcelo Guimarães Filho 2008-2013	Advogado
	Petrônio Barradas 2005-2008	Não localizado
	Marcelo Guimarães 1997-2005	Não localizado
Botafogo-RJ https://esportio.blogspot.com/2021/05/presidentes-botafogo.html	Paulo Roberto de Freitas 2003-2008	Ex-jogador de vôlei
	Maurício Assumpção Souza J. 2009-2014	Dentista
	Carlos E. Cunha Pereira 2015-2017	Administração
	Nelson Mufarrej 2018-2020	Advogado

	Durcésio Mello 2021-2024	Empresário
Corinthians-SP https://todopoderosotimao.com.br/p_curiosipresidentes.php	Alberto Dualib 2003-2007	Empresário
	Andrés Sanchez 2007-2011/2018-2020	Empresário
	Roberto Andrade 2011-2012/2015-2018	Empresário
	Mário Gobbi 2012-2015	Advogado
	Duílio Monteiro 2021-2023	Empresário
Criciúma-SC https://engeplus.com.br/noticia/nossacasa/2022/crici-ma-esporte-clubepresidentes-1947-2024	Moacir Fernandes 2000-2007	Empresário
	Edson Roberto Burigo 2008-2009	Não localizado
	Antenor Angeloni 2010-2015	Empresário
	Jaime Dal Farra 2016-2021	Empresário
	Anselmo Freitas 2022-2024	Empresário
Cruzeiro https://cruzeiropedia.org/Presidentes	Sérgio S. Rodrigues 2020, 2021 a 2023	Advogado
	José Dalai Rocha 2019-2020	Não Localizado
	Wagner Pires de Sá 2018-2019	Empresário
	Gilvan de Pinho Tavares 2012-2017	Advogado
	José Perrella 2009-2011	Empresário
	Alvimar Perrella 2003-2008	Não localizado
Cuiabá FC Informação adquirida através de e-mail com assessoria	Luiz Carlos Toffoli 2003-2009	Ex-Jogador
	Aron Dresch 2010 - 2017	Empresário
	Alessandro Dresch 2018 - 2023	Administração
	Cristiano Luiz Dresch 2024 em diante	Empresário
Flamengo-RJ https://flaestatistica.com.br/presidentes	Hélio Paulo Ferraz 2002-2003	Advogado
	Márcio Baroukel 2003-2009	Tabelião/Advogado
	Patrícia Amorin 2009-2012	Ex-nadadora
	Eduardo Carvalho Bandeira 2012-2018	Administrador

	Luiz Rodolfo Landim 2018-2024	Engenheiro
Fluminense-RJ https://www.fluminense.com.br/lista-de-todos-os-presidentes-do.html	David Fischel 1999-2004	Não Localizado
	Roberto Horcades 2004-2010	Médico
	Peter Siemens 2010-2016	Advogado
	Pedro Abad 2016-2019	Engenheiro
	Mário Bittencourt 2019-atual	Advogado
Fortaleza FC https://fortaleza1918.com.br/présidentes/	Marcelo Cunha da Paz 2017-2023	Empresário
	Luís Eduardo Girão 2017	Empresário
	Marcello Desidério 2017	Advogado
	Jorge Mota 2015-2017	Não localizado
	Osmar Baquit. 2011-2014	Empresário
	Paulo Arthur Magalhães 2011	Empresário
Grêmio-RS https://gremio.net/conteudo/index/42	Flávio Obino 2003 e 2004	Advogado
	Paulo Odone 2005- 2008	Advogado
	Fernando Antônio Kroeff 2009 e 2010	Fazendeiro
	Paulo Odone 2011 e 2012	Advogado
	Fábio André Koff 2013 e 2014	Advogado
	Romildo Bolzan Júnior 2015 – 2022	Advogado
Internacional-RS https://internacional.com.br/gestao-e-conselho/ex-presidentes	Fernando Carvalho 2002-2006	Advogado
	Vitorio Piffero 2007-2010	Engenheiro
	Giovanni Luigi 2011-2014	Administração
	Vitorio Piffero 2015-2016	Engenheiro
	Marcelo Feijó de Medeiros 2017-2020	Advogado
	Alessandro Barcellos 2021-2026	Administrador
Juventude-RS https://www.recreioudajuventude.com.br/conteudos/museu-	Gilmar Gianni 1999-2003	Advogado
	Ademir Somavilla 2003, 2007, 2012, 2013	Não Localizado
	Nilso Picinini 2008-2011	Não Localizado
	Ary Aneo Tedesco 2014-2015	Não Localizado

virtual/presiden tes-executivos	Eduardo Menezes 2016-2019	Empresário
	Paulo Marchiori 2020-2021	Não Localizado
Palmeiras https://www.palmeiras.com.br/presidentes-historia/	Maurício Galiotte 2016-2021	Administração
	Paulo Nobre 2013-2016	Advogado
	Arnaldo Tirone 2011-2013	Empresário
	Salvador Hugo Palaia 2010	Empresário
	Luíz Gonzaga Belluzzo 2009-2011	Economista
	Afonso Della M. Neto 2005-2009	Delegado
	Mustafá Cantursi 1993-2005	Empresário
Red Bull Bragantino	Não localizado	-
Vasco da Gama https://vasco.com.br/conteudo/presidentes/	Eurico Miranda 2001-2008	Fisioterapeuta/Advogado
	Carlos Roberto Dinamite 2008-2014	Ex-jogador
	Eurico Miranda 2014-2018	-
	Alexandre Campello 2018-2020	Médico
	Jorge Salgado 2021-2023	Empresário
Vitória EC	Não localizado	-

Fonte: Organizado pelo autor

Para melhor visualização, segue adiante um gráfico com os dados apresentados no quadro.

GRÁFICO 3 – Profissão dos presidentes de 2003-2024



Fonte: Organizado pelo autor

Mesmo com um recorte temporal maior, as características se mantêm. A maioria dos presidentes é advogado, sendo 27 no total de 89. A seguir os empresários, com 25 e administradores com 7, dominando o cargo de presidente. Enfatiza-se o número de empresários ocupando o cargo de presidente ao se comparar os dois recortes, no primeiro que foram analisados os clubes de todas as divisões, mas com recorte temporal de 2024, o número de empresários no cargo é de 35, e o número de empresários no recorte de 2003-2024 dos clubes da Série A é de 25. Esse dado sugere como o campo da gestão dos clubes de futebol tem sido mais dominado por empresários.

Dessa forma, é possível perceber novamente a teoria de Bourdieu apresentada nas seções anteriores. Segundo este pressuposto teórico, há uma hegemonia com relação às características dos indivíduos que são influentes num determinado campo.

Logo, destaca-se o cenário percebido no Cuiabá FC que teve a mesma família controlando o clube desde 2010, indo ao encontro da teoria bourdieusiana sobre a

hegemonia dos agentes sobre o campo que dominam. Além dele, José Perrella é irmão do ex-presidente Alvimar Perrella, que juntos somam 17 anos no comando do Cruzeiro.

O número de agentes que foram presidentes, mas também foram eleitos para cargos públicos como Deputados, Senador ou Vereadores, corroboram a semelhança política entre o campo da gestão dos clubes de futebol e o campo da política pública. São os casos de Eurico Miranda, Roberto Dinamite, Paulo Odone, Márcio Baroukel, José Perrella, Eduardo Carvalho Bandeira, Andrez Sanchez, Osmar Baquit, Marcelo Guimarães, Luiz Eduardo Girão, Luiz Otávio Motta e Valdivino de Oliveira.

De acordo com Bourdieu, os agentes que exercem influência em determinado campo conseguem transpor essa influência também em outros campos com características semelhantes. Fato é que isso ocorre também devido aos capitais que aquele indivíduo já possui. Assim, reforça-se, juntamente a esse contexto, o impacto que esse cenário tem sobre as representações sociais observado que a mídia é uma das responsáveis pelo desenvolvimento de representações sociais e se não há presidentes negros aparecendo na mídia se torna mais difícil o desenvolvimento de representações sociais acerca de pessoas negras ocupando cargos de chefia.

Não obstante, isso também age de forma inversa porque se desenvolve a representação social de que não existem pessoas negras ocupando cargos de chefia, bem como, apenas indivíduos brancos ocupam estes cargos. Isso reforça os autores citados durante o texto que expõe a naturalização da falácia racista que dita que apenas indivíduos brancos possuem aptidão para ocupar determinados cargos.

Isso vai ao encontro do cenário apresentado por Silverio, Motokane (2019), em cuja pesquisa os autores apontam para o cenário percebido, nos livros didáticos, a ausência de corpos negros nos livros didáticos reforçando as representações sociais históricas que apontavam para a desumanização da pessoa negra. Nesse sentido, o contexto funciona como um legitimador de uma representação social já estabelecida, como a ausência de pessoas negras ocupando cargos de presidência vai reforçar a representação social de que cargos de gerência são ocupados apenas por pessoas brancas.

Mediante a tabulação do perfil profissional dos presidentes e a constatação da predominância de profissões liberais, percebe-se como o fator econômico no sentido de poder financeiro também é um requisito para ocupar o cargo de presidente, uma vez que o cargo de presidente dos clubes é voluntário e, portanto, não remunerado.

Com base na reflexão sobre racismo e economia, foi possível perceber a desvantagem econômica que a população negra apresenta em face da branca, cenário este que se torna mais um empecilho para que ela ocupe cargos de presidente nos clubes de futebol.

Além disso, a relação entre cultura e racismo estrutural pode ser percebida por meio de dois elementos. Primeiro, a naturalização da desigualdade racial no Brasil, que é reflexo de uma cultura que se habituou em naturalizar as posições sociais que os diferentes grupos raciais ocupam, sem qualquer forma de problematização. Segundo, a percepção de uma outra forma de racismo, o velado, que pode ser percebido através de regras ou padrões sociais baseados em preconceitos raciais.

Diante disso, fica evidente que a ausência de pessoas negras nos cargos de presidente dos clubes de futebol é produto não só de um fator. Logo, por meio desse cenário de ausências a relação entre a profissão dos presidentes e racismo fica além de mera hipótese teórica. Ao identificar a relação entre a profissão dos agentes e a presença deles no cargo de presidente dos clubes de futebol, é possível perceber que há uma divisão racial do trabalho também no campo da gestão dos clubes de futebol, o que corrobora uma divisão racial do trabalho apresentada na fundamentação teórica e como a população negra não consegue ocupar posições mais altas no mercado de trabalho.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo central perceber como o racismo estrutural se manifesta no campo da gestão dos clubes de futebol no Brasil, centrando-se na figura do presidente. Segundo a teoria de Almeida (2018), o racismo estrutural tem como característica perpassar as instituições sociais. Nesse sentido buscou-se identificar se esse cenário também era possível de ser encontrado na gestão dos clubes de futebol, no que tange a figura dos presidentes dos clubes delimitados.

Um dos pontos destacados teoricamente e que mantém a estrutura racista é a naturalização dessa desigualdade racial, não havendo questionamento ou reflexão a cerca desse fenômeno. Nesse sentido, para González (1984), o racismo se estrutura por meio da naturalização de um poder atrelado à naturalização da opressão e à hierarquização também profissional que coloca o negro em uma posição de subalternidade.

A partir desse cenário, um dos objetivos específicos para se alcançar o objetivo central foi mensurar o número de presidentes negros ocupando o cargo de presidente nos clubes delimitados. Para tal, foram analisados 92 clubes e seus respectivos presidentes. A partir do critério de classificação de heteroidentificação, foram encontradas 4 pessoas pardas, não foi possível encontrar fotos de 2 indivíduos e os demais os presidentes seriam caracterizados como indivíduos brancos. Nesses 92 clubes, foi encontrada uma pessoa negra ocupando o cargo de presidente entre 2014-2016, no clube Mixto-MT, cujo nome é Paulo César Camargo Ramos.

Através da realização do estado do conhecimento, foi possível constatar a lacuna de pesquisas que buscassem estudar sobre o campo da gestão dos clubes de futebol a partir dos pressupostos teóricos apresentados. Segundo a teoria de Almeida (2018), o racismo estrutural é um fenômeno estrutural porque pode ser encontrado em diferentes esferas sociais. Assim, ele se apoia em diferentes campos como cultural, econômico e político e este estudo traz mais evidências de tal afirmação, com a realidade da ausência de pessoas negras ocupando cargos de prestígio social, produto desse de vários fatores e não apenas um fator econômico ou social isolado.

Ao longo do texto foi exposto também que o perfil econômico dos presidentes dos clubes de futebol é centrado em profissões como médicos, advogados, administradores, empresários, entre outras profissões liberais. Ao perceber o perfil profissional da população negra e como esta é marcada por ocupar profissões

diferentes destas elencadas, na seção 7, elucida-se mais uma razão para a ausência dela no cargo de presidente. Dessa forma, é possível encontrar uma divisão racial do trabalho também no mundo do futebol.

Por meio da fundamentação teórica sobre racismo e política, foi possível perceber a necessidade de aprofundar a questão e debater a ausência de pessoas negras em cargos de prestígio social, ainda que isso não seja o suficiente para vencer esse cenário de desigualdade social. Tal proposta é vista como um catalisador para discutir sobre desigualdade racial no Brasil e isso é preciso.

Para Bourdieu (1989), há microcosmos presentes na sociedade dotados de regras próprias de funcionamento relativamente autônomas do macrocosmo social. Nesses microcosmos, dotados de regras próprias, os agentes mais influentes são os com maiores capitais, dentre esses, o capital cultural, econômico e político são indispensáveis para que os agentes sejam dominantes nesses campos. Para adentrar nesses campos, também são necessários tais capitais. Este trabalho definiu o campo da gestão dos clubes de futebol com um olhar específico. Dessa forma, a população negra estando em desvantagem em relação a esses capitais, têm menor chance de adentrar nesse campo. Além disso, mesmo que consiga adentrar nesse campo da gestão dos clubes de futebol, se o agente tiver menos capital que os demais agentes, ele não ocupará a posição de presidente, com base nos gráficos e análises aqui feitas.

A Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici (2007), foi usada em três momentos no presente objeto de pesquisa. Primeiro, na conceituação sobre a teoria das representações sociais, nas representações e a na manutenção do racismo. As representações sociais servirão como norteadoras para adoção de comportamentos e atitudes em relação a determinado objeto ou grupo social, além da formação de opinião dos indivíduos. Ao desenvolver representações sociais preconceituosas em relação a determinados grupos sociais, um indivíduo pode desenvolver inconscientemente atitudes e comportamentos preconceituosos em relação àquele grupo social. Isso vai ao encontro dos racismos do cotidiano percebidos através de piadas racistas, expressões racistas ou um pensamento social racista, como aquele que dita que a pessoa negra tem inaptidão para ocupar determinados cargos ou posições sociais, logo, também de presidentes de clubes de futebol.

Ademais, as representações sociais podem variar de acordo com o grupo social no qual aquele indivíduo está inserido. A população negra tem uma representação

social diferente da branca sobre os cargos de prestígio social e a possibilidade de ocupar aquele cargo. Para Bourdieu, isso pode ser estudado por meio do conceito de *habitus*. Segundo esse conceito, um indivíduo ao conceber um *habitus* terá a propensão, bem como desenvolvimento dos capitais e aptidões necessários para ocupar um determinado cargo.

Ao estudar os conceitos de Bourdieu e Moscovici, foi possível constatar algumas relações entre os autores. Desse modo, os comportamentos, atitudes e formação de opinião podem ser desenvolvidos via representações sociais ou *habitus*. Para mais, a partir da fundamentação teórica estudada, foi possível perceber como as representações sociais podem funcionar como legitimadoras de capitais simbólicos.

Mediante a contextualização histórica da inserção da população negra no mundo do futebol, foi também possível constatar que houve uma definição e limitação dos espaços que esta população poderia ou não compor e frequentar. Ficou evidente que, historicamente, não foi permitido a ela que ocupasse cargos de gestão dentro dos clubes de futebol, seja o de treinador, ou de gerência, pois não eram tidos como com “propensão” para ocupar esses cargos.

Fato é que as desigualdades sociais e raciais podem ser estudadas e constatadas através de referenciais teóricos. Nesse caso, as análises estruturadas à luz da fundamentação teórica bourdieusiana, das reflexões do filósofo Silvio Luiz de Almeida, da filósofa e antropóloga Lélia Gonzalez e também do psicólogo social Serge Moscovici. O estudo do fenômeno do racismo estrutural, através da perspectiva teórica desses autores, exemplifica como as desigualdades sociais não são produto de apenas um fator.

Fica aqui registrado que a limitação da presente pesquisa foi procurar informações sobre os presidentes, já que a maioria delas ainda que pudessem ser obtidas por meio de pesquisas rápidas em sites de notícias, em casos específicos citados, como a menor visibilidade da série que integrou, não foi possível encontrar a foto ou a profissão dos presidentes.

Ficou compreendido que, pautado na teoria de Bourdieu, para ocupar o cargo de presidente, é importante e necessário o desenvolvimento de diferentes capitais. Assim, foi possível estender a pesquisa e realizar uma análise biográfica dos presidentes com o objetivo de perceber o tempo de relação dele dentro do clube, a forma como ele conseguiu entrar entre os sócios, histórico familiar, entre outros fatores desse gênero cuja evidência é a ausência da presença na presidência desses clubes.

Nesse sentido, deixa-se como sugestão para pesquisas futuras a realização de mais estudos sobre o perfil dos presidentes. Como sugestão metodológica, fica aqui recomendado o uso de entrevistas com gestores de futebol, torcedores e outros grupos sociais que consomem o futebol, levando em consideração que os diferentes grupos terão diferentes representações sociais sobre o mesmo objeto. Através dessas entrevistas, seria possível confrontar as informações que os entrevistados iriam fornecer com os pressupostos teóricos apresentados, identificando maiores informações acerca do perfil dos presidentes.

Ainda que, por meio de campanhas, medidas públicas e privadas, com o objetivo de conscientizar sobre a desigualdade racial e diminuir os abismos encontrados entre a população branca e negra, a metodologia de análise documental, buscando explorar os estatutos dos clubes poderia ser mais uma ferramenta na contextualização desse cenário, visando, por que não, a mais propostas de ação concreta e eficaz. Outra questão a ser estudada e refletida é compreender mais sobre o processo de eleição realizado nos clubes, quantos candidatos à eleição eram negros e perderam, além das possíveis resistências que encontraram.

Segundo os autores citados durante o texto, além dos conselheiros e diretores, os clubes são controlados e geridos através dos estatutos. Baseado na análise desses estatutos, é possível perceber se os clubes têm políticas de fomento para aumentar o número de pessoas negras ocupando cargos de chefia. É comum os clubes participarem de campanhas ou mensagens utilizadas em suas camisas oficiais em jogos oficiais, com o objetivo de conscientizar sobre como o racismo é errado, no entanto, por meio dos estatutos seria possível perceber se os clubes possuem políticas internas de equiparação racial.

Sobre estender os pressupostos teóricos para outros objetos de estudo, sugere-se a análise dos clubes femininos de futebol no Brasil, uma vez que o futebol feminino global ainda sofre com a desvalorização e, consequentemente, com a dificuldade de investimentos para manter e elevar o nível das atletas. Além desse fator, outra atenuante é a forte presença masculina nos clubes de futebol feminino, compondo lideranças, a exemplo disso, o atual treinador da seleção brasileira feminina de futebol é um homem, Artur Elias, treinador da categoria feminina Corinthians por oito temporadas. Assim sendo, mesmo na representação máxima do futebol feminino brasileiro que é a seleção brasileira, tem um homem como treinador num esporte praticado por mulheres.

Como contribuição, espera-se que o objetivo central da dissertação tenha sido pelo menos compreendido e também problematizado pelos leitores. Perceber manifestações do racismo estrutural, em diferentes instituições, é uma forma de conhecer ainda mais esse problema que assola o Brasil. É urgente compreender a estrutura do fenômeno de uma forma macro, para então buscar compreender as manifestações na forma micro, como é o caso da ainda existência de casos explícitos de racismo.

Ademais, a análise do fenômeno do racismo estrutural, sob a ótica de teorias da psicologia social, explicita mais uma ferramenta pertinente para a compreensão da estrutura desse fenômeno. A perspectiva das representações sociais/habitus e a influência que essas estruturas têm, aliás, sobre a formação de opiniões, comportamentos e atitudes dos indivíduos podem ser problematizadas também sob a lógica do racismo. Logo, a adoção de comportamentos e opiniões racistas devido às representações sociais que o indivíduo tem sobre aquele objeto ou grupo social devem ser refletidas ao levar em consideração as estruturas sociais já existentes em sociedade. Nesse sentido, uma sociedade estruturada racialmente sempre terá representações sociais fundamentais no processo de socialização e construção de representações sociais possível e provavelmente racistas.

Fato é que o futebol pode ser concebido como reflexo da sociedade em que está inserido. Nesta pesquisa, essa premissa do futebol como espelho social também pode ser constatada, não só pela presença de casos explícitos de racismo de torcedor contra jogador, de jogador contra jogador e também da imprensa contra os jogadores, mas também o reflexo do racismo estrutural ao perceber a desigualdade racial encontrada na gestão dos clubes, algo existente na sociedade na qual o futebol brasileiro está inserido, ainda que pouco ou insuficientemente abordado.

REFERÊNCIAS

Alabarces, P. Sports and Race in Brazil - Soccer and Racism: The Beginnings of Futebol in São Paulo and Rio de Janeiro, 1895–1933. By Rosana Barbosa. London: **Anthem Press**, 2022.

ALMEIDA, R. A.; PEREIRA, A. DOS S. A. **Ousadia e alegria: sportswashing e soft power do Catar através do futebol**. Geography Department University of Sao Paulo, v. 42, p. e203554, 31 jan. 2022

ALMEIDA, Sílvio Luiz. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALVES, L. D. A divisão racial do trabalho como um ordenamento do racismo estrutural. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 2, p. 212–221, ago. 2022.

ARAÚJO, D; SILVA, C. **A Inserção do negro no futebol brasileiro: Enfoque no Rio de Janeiro**. Uni-Toledo. São Paulo. (S/D)

ARAUJO, F. N. Black Wadada: dreadlocks, barbas e anticolonialismo entre homens rastafari na Jamaica. GIS - **Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 7, n. 1, p. e183458, 2022. DOI: 10.11606/issn.2525-3123.gis.2022.183458. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/183458>.. Acesso em: 6 mar. 2025

ARAUJO, L. M. F. de. Colonização e racismo estrutural: notas sobre a relação entre racismo e capital. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 79–106, 2022. DOI: 10.9771/gmed.v14i2.49307. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/49307>. Acesso em: 21 fev. 2025.

BARBOSA, T. de Araújo. et. al. Analysis of The Reuse of Tires in Synthetic Grass in Manaus From the Perspective of The Reverse Logistics Process. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, São Paulo (SP), v. 18, n. 3, p. e05254, 2024. DOI: 10.24857/rgsa.v18n3-091. Disponível em: <https://rgsa.openaccesspublications.org/rgsa/article/view/5254>. Acesso em: 2 jun. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS FILHO, M. A. et al. Satisfacción de los espectadores de fútbol con los juegos y servicios en Brasil. **Cuadernos de psicología del deporte**, v. 22, n. 1, p.

190–204, 2022.

BATISTA, Waleska Miguel. A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural. **Revista Direito e Práxis**, [S. l.], v. 9, n. 4, p. 2581–2589, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaceaju/article/view/36867>. Acesso em: 21 fev. 2025.

BEZERRA, Marcio Ferreira. **O perfil do gestor de futebol contemporâneo: análise comparativa de 2001 e 2017**. 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade do Grande Rio, Rio de Janeiro, 2018.

BOURDIEU, Pierre et al. **A miséria do mundo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 747p

BOURDIEU, Pierre. Alta costura e alta cultura. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 205-215.

BOURDIEU, Pierre. **O campo político**. Revista Brasileira de Ciências Políticas, Brasília, n. 5, p.193-216, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S.A. 1989. 311 p.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014

BURLAMAQUI, L. G. O clube como vocação: os sentidos da política nas fontes orais dos presidentes de futebol do Rio de Janeiro. **História Oral**, v. 24, n. 2, p. 141–155, 30 set. 2021.

CAMPOS, A. C. **Negros são maioria dos mortos em ações policiais**. Acesso em 19 de novembro de 2023. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-11/negros-sao-maioria-dos-mortos-em-acoes-policiais>>

CASTRO, S. O caráter anticolonial da luta contra o racismo no Brasil. **Debates em Sociologia**, n. 52, p. 31–42, 16 nov. 2021. DOI: <https://doi.org/10.18800/debatesensociologia.202101.002>. Disponível em: <https://repositorio.pucp.edu.pe/items/4fd5bae4-e1a6-4ca8-91c4-974c0b80a6ae>.

Acesso em: 15 de Julho 2024.

CBF apresenta relatório sobre papel do futebol na economia do Brasil. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-apresenta-relatorio-sobre-papel-do-futebol-na-economia-do-brasil>>. 2019.

CONCEIÇÃO, V. M. da; SILVA, S. E. D. da; ARAUJO, J. S.; SANTANA, M. E.; SANTOS, L. M. S. dos. **O processo das representações sociais na mídia impressa: a bebida alcoólica, o alcoolismo e o leitor em foco. Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. Pág. 201–215, 2012. DOI: 10.18569/tempus.v6i3.1164. Disponível em: <https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1164>. Acesso em: 12 dez. 2024.

CORREIA, G.; LINDENBERG, J.; SILVA, C. A. Modelos associativo e empresarial: reflexões sobre a gestão de clubes de futebol no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 11, e499111133784, 2022. (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i11.33784>. 11, n. 11, p. e499111133784-e499111133784, 31 ago. 2022.

COUTO, C. G. Oligarquização em um grande clube de futebol: o caso do Sport Club Corinthians Paulista. **Organizações & Sociedade**, [S. l.], v. 24, n. 81, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/13043>. Acesso em: 1 mar. 2025.

DE FÁTIMA, M.; ABDALLA, B. **BOURDIEU E MOSCOVICI Fronteiras, Interfaces e Aproximações**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://www.unisantos.br/wp-content/uploads/2019/12/BOURDIEU-e-MOSCOVICI-FRONTIERAS-INTERFACES-E-APROXIMACOES.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2025.

DIAS, A. S.; SILVA, C. M. da; SILVA, D. M. I.; GONÇALVES, J. V. P.; SOUSA, J. de C. Gestão profissional com foco em resultados: estudo da gestão profissional de um clube de futebol Mineiro / Professional management with focus on results: study of the professional management of a Minas Gerais football club. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 1159–1177, 2019. DOI: 10.34117/bjdv5n2-1084. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/1084>. Acesso em: 4 nov. 2024.

DOS SANTOS, E. F.; SCOPINHO, R. A. A questão étnico-racial no Brasil contemporâneo: notas sobre a contribuição da teoria das representações sociais. **Psicologia e Saber Social**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 168–182, 2015. DOI: 10.12957/psi.saber.soc.2015.11745. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/psi-sabersocial/article/view/11745>. Acesso em: 6 mar. 2025.

DURAN, J. G; JIMÉNEZ, P. J. M. (2006). “Fútbol y Racismo: un problema científico y

social.” **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**. 3 (2), 68-94. DOI: doi:10.5232/ricyde2006.00305. Disponível em: <http://www.cafyd.com/REVISTA/art5n3a06.pdf> Acesso em: 19 de fev de 2025

ELPIDIO, M. H. O lugar da negritude nas políticas do Estado brasileiro: faces persistentes de uma presente ausência. **Revista Vértices**, [S. l.], v. 22, n. Especial, p. 834–850, 2020. DOI: 10.19180/1809-2667.v22nEspecial2020p834-850. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/15837..> Acesso em: 1 mar. 2025.

ESCALADA, S. M. La marca en los clubes de La Liga: valoración de la gestión en la temporada 2017-18. **Mediapolis. Coimbra**, n. 8, p. 159-187, 2019

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade Classes**. Volume 1 - 5ª Edição. Editora - Globo, 2008. São Paulo.

FERNANDES, Florestan [livro eletrônico]: **100 anos de um pensador brasileiro** / Jaime Rodrigues, Edilene Toledo (orgs.): Fundação Perseu Abramo, 2020. São Paulo.

FERNANDES, P. O racismo brasileiro a partir da Publicidade: um olhar sobre a representatividade em anúncios de revista. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v. 19, n. 54, 2022. DOI: 10.18568/cmc.v18i54.2556. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/2556>. Acesso em: 11 dez. 2024.

FERNANDES, R. et al. Internal training and match load quantification of one-match week schedules in female first league Portugal soccer team. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 21, n. 3, p. 126–138, 2021.

FREIRE, Tamara. **ibge: renda média de trabalhador branco é 75,7% maior que de preto**. Acesso em 19 de novembro de 2023. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2022-11/ibge-renda-media-de-trabalhador-branco-e-757-maior-que-de-pretos#:~:text=A%20pesquisa%20mostra%20a%20cor,que%20%C3%A9%20de%20R%24%201.764>>>

FUMAGAL, R. F.; LOUZADA, R. O MODELO DE GESTÃO DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. **Razón y Palabra**, n. 69, p. -, 2009.

GARCEZ, F. T. C.; FREITAS, G. J. de; MARTINS, L. H. C. Cartografias urbanas, estádios e gestão de conflitos entre torcidas rivais: os casos de Recife e Fortaleza. **FuLiA/UFGM**, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 5, n. 2, p. 79–96, 2021. DOI: 10.35699/2526-4494.2020.20061. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/20061>. Acesso em: 2 maio. 2024

GASTALDO, É. L. Negros jogam, brancos torcem: a ritualização das relações raciais na publicidade da Copa do Mundo. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 099–110, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15135>. Acesso em: 11 dez. 2024

GOMES, N. L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, São Paulo, p. 223-244, 1984. Jaime Rodrigues, Edilene Toledo (orgs.) – São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2020.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro, Marco Zero (Coleção 2 Pontos, vol. 3). (1983)

HIRSCH, F. P. de A.; HIRSCH, C. C. P. B.; MONTEIRO, M. C. B. B. Políticas públicas versus racismo estrutural e necropolítica no Brasil. **Revista de Direito**, [S. l.], v. 13, n. 03, p. 01–17, 2021. DOI: 10.32361/2021130311663. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/revistadir/article/view/11663>. Acesso em: 21 fev. 2025.

IBGE. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Acessado em < 04 de outubro de 2022) Disponível em < <https://bit.ly/3L3UDML>> S/A. **Estudo do IBGE mostra o tamanho do desafio do Brasil para superar a desigualdade racial**. Acesso em 19 de novembro de 2023. Disponível em <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/11/11/estudo-do-ibge-mostra-o-tamanho-do-desafio-do-brasil-para-superar-a-desigualdade-racial.ghtml>>

JANZ, Rubia Carolina. **Lei 10,639/03: o que os alunos do 1º ano do ensino médio sabem sobre a história africana e afro-brasileira?** Dissertação Mestrado. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa/Paraná. 2016

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: Editora da UERJ. (2001)

JORGE, Carlos Francisco Bitencourt; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Gestão da informação como estratégia inovadora nas organizações esportivas: um estudo no Marília Atlético Clube. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 26, p. 1–21, 2021. DOI: 10.5007/1518-2924.2021.e82269. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/82269>. Acesso em: 23 jan. 2025

KOHL-SANTOS, P., & MOROSINI, M. C. O REVISITAR DA METODOLOGIA DO ESTADO DO CONHECIMENTO PARA ALÉM DE UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. **Revista Panorâmica Online**, 33. 2021 Recuperado de <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/1318>

LIMA, A. L. E. de; QUADRADO, R. P.; KNIJNIK, J. A peste e o futebol de mulheres: a mídia brasileira e a gestão do futebol durante a pandemia da covid-19. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 8, n. 2, p. 130–154, 2023. DOI: 10.35699/2526-4494.2023.45299. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/45299>. Acesso em: 29 abr. 2024

LINS, Igor N.; FERREIRA, João V. B. Populismo penal no discurso parlamentar: o debate da violência policial na Câmara dos Deputados (2019-2021). **Revista Eletrônica de Ciência Política**, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 106-125, 2022. de Ponta Grossa. 2016.

LORETTO DA TRINDADE, Azoilda. **O RACISMO NO COTIDIANO ESCOLAR**. Dissertação de Mestrado. Fundação Getúlio Vargas Instituto de Estudos Avançados em Educação Departamento de Psicologia da Educação. Rio de Janeiro. 1994.

LUCENA, A. **População negra encarcerada chega ao maior nível da série histórica**. Acesso em 19 de novembro de 2023. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/populacao-negra-encarcerada-chega-a-o-maior-nivel-da-serie-historica/>

MACHADO, Alexsandro Junior. **Os presidentes entram em campo: estudo sobre os gestores dos clubes de futebol masculino que participaram do Campeonato Brasileiro da série A (1987-2019)**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, D. M.; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. O sub-campo do futebol: presidentes de clubes em Foco. **Conexões, Campinas**, SP, v. 11, n. 1, p. 188–203, 2013. DOI: 10.20396/conex.v11i1.8637637. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637637>. Acesso em: 11 nov. 2024

MASS, O. P; SILVA, P. A. da. Racismo estrutural na sociedade brasileira e a exclusão social. **Revista Opinião Filosófica**, [S. l.], v. 13, p. 1–15, 2022. DOI: 10.36592/opiniaofilosofica.v13.1059. Disponível em: <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/1059..> Acesso em: 21 fev. 2025.

MESQUITA, G. DOIS PAÍSES, O MESMO DILEMA? REFLEXÕES SOBRE A DEMOCRACIA E O RACISMO NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL. **Estudos**

Históricos (Rio de Janeiro), v. 32, p. 429–449, 5 set. 2019.

MIRANDA, Y.; BARROS FILHO, M. A.; PEDROSO, C. A. M. de Q.; RODRIGUES SILVA, V. H.; SARMENTO, J. P.; BISCAIA, R.; BRANDÃO, A. O VALOR DA MARCA DAS EQUIPES ESPORTIVAS PROFISSIONAIS NA PERSPECTIVA DO CONSUMIDOR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. **Movimento**, [S. l.], v. 27, p. e27039, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.104762. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/104762>. Acesso em: 21 fev. 2025.

MOREIRA PRIMO, Ueliton Santos. **Experiências de racismo e o desenvolvimento da identidade étnico-racial em crianças negras e brancas**. 2020. 144 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020.

MOREIRA, Adilson José. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**/ Serge Moscovici: editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. -5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MULAZIMOGLU, O. O efeito de eventos técnicos especiais no jogo sobre o sucesso dos times de futebol profissional: Super Liga Turca. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, p. 1418–1431, 1 ago. 2021

MUNANGA, K. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, K. **UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DAS NOÇÕES DE RACA**. 2005. USP – Universidade de São Paulo. São Paulo.

NASCIMENTO, Evelise. **A realidade de uma comunidade negra rural de Ponta Grossa/PR em contexto escolar: identidade negra e racismo**. Dissertação mestrado. Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2014

NAZI, R. M., & Amboni, N. Práticas de governança corporativa e seus impactos em clubes de futebol da cidade de Pelotas. **Revista Gestão.Org**, 17(2), 153-168. (2019). <https://dx.doi.org/10.21714/1679-18272019v17n2.p153-168>

NAZI, R. M.; AMBONI, N. Governança e Futebol: Um Estudo em Clubes de Caxias do Sul. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 240–259, 2018. DOI: 10.5585/podium.v7i2.291. Disponível em:

<https://periodicos.uninove.br/podium/article/view/10446>. Acesso em: 1 nov. 2024.

NERY, J. C. O que é racismo superestrutural?. **Plural**, São Paulo, Brasil, v. 29, n. 02, p. 98–117, 2022. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2022.195868. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/195868>.. Acesso em: 21 fev. 2025.

NETO, L. et al. El entrenamiento del liderazgo como elemento diferenciador de la carrera profesional: percepciones de los entrenadores de fútbol. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 23, n. 3, 16 set. 2023.

OLIVEIRA -FESPSP, J. **[Florestan Fernandes, Mario Américo e Pelé: Um estudo sobre o negro no futebol brasileiro]**. FESPSP. 2020.

OLIVEIRA, G. V. de .; ROCHA, L. S. .; SILVA, K. dos S. Actions to combat racism in football in the early decades of the 21st century. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 10, p. e597101018721, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i10.18721. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18721>. Acesso em: 12 dec. 2024.

OLIVEIRA, M. C. de; BORBA, J. A.; FERREIRA, D. D. M. ; LUNKES, R. J. Características da estrutura organizacional dos clubes de futebol brasileiros: o que dizem os estatutos?. **Revista de Contabilidade e Organizações**, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 31, p. 47–57, 2018. DOI: 10.11606/rco.v11i31.134462. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rco/article/view/134462>.. Acesso em: 30 out. 2024.

OLIVEIRA, N. A. de. Representação e representatividade dos negros em uma revista de turismo de luxo do Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [S. l.], v. 16, p. 2325, 2022. DOI: 10.7784/rbtur.v16.2325. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/2325>. Acesso em: 7 mar. 2025.

PASSOS, Carine Lima dos. **Raça, Classe e Desigualdade: Um Estudo Sobre Pessoas Negras em Posições em Posições de Gerência**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ. 2021.

PEREIRA, F. da S. Forma de constituição das entidades esportivas Brasileira e os impactos no modelo de gestão e no grau de endividamento / Form of constitution of Brazilian sports entities an the impacts on the management model and degree of debt. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 8, p. 84719–84741, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n8-604. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/35074>. Acesso em: 30 oct. 2024.

PEREZ, O. C.; NUNES, L. P.; SOUSA, L. M. .; ARAÚJO, R. DE O. A inserção de

peças negras no alto escalão dos ministérios do Governo Federal. **Mundo Livre: Revista Multidisciplinar**, v. 9, n. 1, p. 119-140, 16 out. 2023.

PRODANOV, C. & FREITAS, E. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Editora Feevale. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUIRINO, Igor Yan Herbert. **Análise financeira dos clubes de futebol de 2010 a 2020 no Brasil**. 2023. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

RACISMO, IDENTIDADE E ETNIA. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>.

REALE, G. S.; DALMORO, M. Selvagens Diante do Espelho Eurocêntrico: Marketing como Dispositivo de (Re)Produção e Gestão da Matriz de Poder Colonial. **Revista Interdisciplinar de Marketing**, DOI: <https://doi.org/10.4025/rimar.v11i2.58716> v. 11, n. 2, p. 165-181, 7 out. 2021.

RIAL, C. Black Atlantic Footballer. **CSOnline - REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, [S. l.], n. 31, 2020. DOI: 10.34019/1981-2140.2020.30951. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/index.php/csonline/artAcesso em: 23 jan. 2025.icle/view/30951>, Acesso em: 23 jan. 2025.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, M. Ethos racista de cor no futebol brasileiro: uma construção histórico-ideológica. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 20, n. 1, p. 203-224, 7 maio de 2020.

ROCHA, C. M. da; BASTOS, F. da C. Gestão do esporte: definindo a área. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, Brasil, v. 25, n. spe, p. 91–103, 2011. DOI: 10.1590/S1807-55092011000500010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16846>.. Acesso em: 21 fev. 2025.

ROSÁRIO CORRÊA, Antonio Matheus; AMORIM DOS SANTOS, Raquel. As representações sociais de crianças negras sobre a cor em contexto escolar. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 26, p. e33513, 2020. DOI: 10.26512/lc.v26.2020.33513. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/33513>. Acesso em: 23 fev. 2024.

SAMPAIO, M. de A. P. A internacionalização da seleção brasileira (1930-2022). **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, Brasil, v. 42, p. e202895, 2023. DOI: 10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2022.202895. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/202895>.. Acesso em: 21 fev. 2025.

SANTOS, A. C.; OLIVEIRA, F. B. de; MARCHISOTTI, G. G.; CELANO, A. Racismo estrutural e cotas nas carreiras jurídicas: a perspectiva decolonial. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, RJ, v. 21, n. 3, p. e2022–0056, 2023. DOI: 10.1590/1679-395120220056. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/cadernosebape/article/view/88295>. Acesso em: 21 fev. 2025.

SANTOS, A. L. P. dos; MARTINS, G. R. ; GONÇALVES, A. M. Mapa mental das representações sociais de professores do ensino fundamental sobre a educação étnico-racial. **Revista Diálogo Educacional**, [S. l.], v. 20, n. 66, p. 1311–1331, 2020. DOI: 10.7213/1981-416X.20.066.DS16. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/27023>. Acesso em: 21 fev. 2025.

SANTOS, C. A. R. A teoria das representações sociais e a análise do discurso em uma narrativa esportiva de futebol. **Revista Diadorim**, DOI:<https://doi.org/10.35520/diadorim.2011.v10n0a3945>, v. 10, Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3945>. Acesso em: 22 dez. 2011.

SANTOS, C. R. dos.; PARIZZI, J. H. . Dilemas raciais brasileiros: o racismo estrutural e os limites e as perspectivas da Lei nº 12.711/2012 / Brazilian racial dilemmas: the structural racism and the limits and perspectives of Law 12.711/2012. **Revista Educação e Políticas em Debate**, [S. l.], v. 9, n. Especial, p. 884–904, 2020. DOI: 10.14393/REPOD-v9nEspeciala2020-55606. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/55606>. Acesso em: 21 fev. 2025.

SANTOS, Daniel de Araújo dos. Futebol e política: **A criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol**. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e bens culturais) - Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2012.

SANTOS, E. R. dos; MONASTIRSKY, L. B. OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE: PATRIMÔNIO CULTURAL DE PONTA GROSSA. **RAEGA - O Espaço Geográfico em Análise**, [S. l.], v. 24, 2012. DOI: 10.5380/raega.v24i0.26208. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/26208>. Acesso em: 21 fev. 2025.

SANTOS, J. M. C. M. “Os Leões em África”: futebol e política no Império Colonial português (1954). **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 32, n. 68, p. 589-608, 2019

SANTOS, P. R. de M., SILVA JÚNIOR, K. T., BASTOS FILHO, R. A., PINTO, R. A. N., NASCIMENTO, P. H., REIS, D. L., & COSTA, A. P. PLANEJAMENTO ESPORTIVO: ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES DA CISÃO PARA SAF NO CASO DOS ÚLTIMOS DOIS CAMPEÕES DA SÉRIE B, CRUZEIRO E BOTAFOGO. **REVISTA**

FOCO, 16(9), e2846. <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v16n9-078>

SCHAEFER, V. P.; CABRERA, N. Violencias, seguridad y dilemas metodológicos. Una mirada sociológica de la experiencia en el Club Atlético Belgrano de Córdoba, Argentina. **Runa**, v. 42, n. 1, p. 83–102, 2021.

SCHWARCZ, L. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SERRANO, R. et al. Evaluation of leverage points of the Brazilian football value ecosystem using system dynamics. **Gestão & Produção**, v. 29, 23 maio 2022.

SETTANI GIGLIO, S.; CASQUINHA MALAIA SANTOS, J. M. “Revolução com espírito empresarial”: a criação do Clube dos 13 e a modernização do futebol na Folha de S. Paulo. **Argumentos - Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 45–82, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/4474>. Acesso em: 15 maio. 2024

SILVA, A. S. da; MENON, G.; BARBOZA, R. A Copa do Mundo FIFA 2022 e o flagelo da homofobia. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, Brasil, v. 42, p. e203142, 2022. DOI: 10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2022.203142. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/203142>. Acesso em: 21 fev. 2025.

SILVA, et al. **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica / organização**, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Valter Roberto Silvério. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003

SILVA, F. H. A. DA; PAULA, P. Â. DE F. E. Os Impactos do Racismo na Subjetividade do Jogador de Futebol Negro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003230122>, v. 40, n. spe, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/DSdQCbpPgCb9BQcG75htG4p/>. Acesso em: 21 de fev de 2025.

SILVA, M. A. B. da. Racismo institucional: pontos para reflexão. **Laplace em Revista**, DOI: <https://doi.org/10.24115/S2446-6220201731223>, vol. 3, núm. 1, 2017 Universidade Federal de São Carlos, Brasil Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552756521012>. Acesso em: 21 de Fev de 2025.

SILVA, S. V.; CORDEIRO, A. T.; SILVA, Paula Gonçalves da. MARKETING ESPORTIVO E FIDELIDADE: O RELACIONAMENTO DE SÓCIOS-TORCEDORES COM O CENTRAL SPORT CLUB. **Revista Gestão em Análise**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 89–105, 2021. DOI: 10.12662/2359-618xregea.v10i1.p89-105.2021. Disponível em:

<https://periodicos.unichristus.edu.br/gestao/article/view/3228>. Acesso em: 21 fev. 2025.

SILVÉRIO, F. F.; MOTOKANE, M. T. O CORPO HUMANO E O NEGRO EM LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA. **Revista Contexto & Educação**, [S. l.], v. 34, n. 108, p. 26–41, 2019. DOI: 10.21527/2179-1309.2019.108.26-41. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/8773>. Acesso em: 6 mar. 2025.

SIQUEIRA, C. H. Q; RIBEIRO, A. L. de A. Sustainable Strategies in Sports Mega-Events: An Analysis of Soccer World Cups. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva - RIGD**. DOI. <http://dx.doi.org/10.51995/2237-3373.v11i1e110012RIGD>, vol.11, n2, e110012, 2021.

SOUZA, J. de; ALMEIDA, B. S. de; MARCHI JÚNIOR, W. Por uma reconstrução teórica do futebol a partir do referencial sociológico de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, Brasil, v. 28, n. 2, p. 221–232, 2014. DOI: 10.1590/1807-55092014000200221. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/84065..> Acesso em: 21 fev. 2025.

TUTTE, V.; RECHE, C.; ÁLVAREZ, V. Evaluación e intervención psicológica en jugadoras de hockey sobre hierba femenino. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 20, n. 1, p. 62–74, 29 maio 2020.

URQUIDI, V. A. P. et al. Diseño y validación del cuestionario de evaluación de la calidad percibida en la gestión deportiva del futbol femenino. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 24, n. 1, p. 200–215, 3 jan. 2024.